

Macau 澳門



ROBERT HO TUNG

60 ANOS A FAZER LER



CERÂMICA DE SHIWAN
O CONTRIBUTO DE UM PORTUGUÊS
PARA ESTE TESOURO CHINÊS



JOGOS ASIÁTICOS
O OURO DO WUSHU DE
HUANG JUNHUA



集郵訂購 2019

SUBSCRIÇÃO FILATÉLICA

PHILATELIC SUBSCRIPTION



訂購地點：
Local de Subscrição
Location for Subscription

各郵政分局
Todas as Estações Postais
All Post Offices



集郵微信QRcode



快分享到朋友圈
一起關注澳門郵票！

澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491

傳真 Fax.: (853) 8396 8603, 2833 6603

電郵 E-mail: philately@ctt.gov.mo

網址 Website: <http://philately.ctt.gov.mo>



澳門郵電 CTT
Correios e Telecomunicações de Macau





DIRECTOR
Victor Chan Chi Ping

DIRECTORA EXECUTIVA
Amélia Leong

EDITORA EXECUTIVA
Maria João Oliveira

PROPRIEDADE
Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau

ENDEREÇO
Avenida da Praia Grande, nº 762 a 804, Edif. China Plaza, 15.º andar, Macau
Tel: (+853) 2833 2886 • Fax: (+853) 2835 5426 • E-mail: info@gcs.gov.mo

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO
Delta Edições, Lda.
Tel: (+853) 8294 2274 • Fax: (+853) 8294 2399

EDITOR
Luís Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Vanessa Amaro

COORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIA
Gonçalo Lobo Pinheiro

DIRECÇÃO GRÁFICA
Ipsis Verbis

WEB DESIGN
Rita Ferreira

COLABORADORES
Ana Marques Gonçalves (Portugal), Bruna Pickler, Catarina Brites Soares, Catarina Domingues, Catarina Mesquita, Cláudia Aranda, Dalton Siteo (Moçambique), Diana do Mar, Fátima Valente, Fernando Sales Lopes, Irene Leong, José Carlos Matias, José Sales Marques, Juvenal Rodrigues (São Tomé e Príncipe), José Simões Morais, Hélder Beja, Lucas Calixto, Luciana Leitão, Marco Carvalho, Marta Curto (Portugal), Pedro Cativelos (Moçambique), Sandra Lobo Pimentel, Sin lok I e Vítor Quintã

TRADUÇÃO
Bruna Pickler e Sin lok I

FOTOGRAFIA
Gonçalo Lobo Pinheiro, Paulo Cordeiro (Portugal), Ricardo Franco (Moçambique), Tatiana Lages, Tiago Alcântara

As imagens que estão publicadas nesta edição e não estão creditadas foram adquiridas em diferentes bancos de imagem, devidamente licenciados.

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E PUBLICIDADE
Av. Comercial de Macau, 251A-301, ÁIA Tower, 20.º andar, Sala 63
Tel: (+853) 8294 2274 • Fax: (+853) 8294 2399
e-mail: contacto@revistamacau.com • www.revistamacau.com

IMPRESSÃO
Tipografia Welfare, Macau

TIRAGEM
1500 exemplares

ISSN: 0871-004X



www.revistamacau.com
www.facebook.com/RevistaMacau

APP DA REVISTA MACAU DISPONÍVEL EM:



A fotografia que domina a capa desta edição retrata a icónica fachada em arcadas do edifício da Biblioteca Sir Robert Ho Tung, parte do Centro Histórico de Macau que desde 2005 passou a integrar a Lista do Património Mundial da UNESCO.

A biblioteca comemora este ano os 60 anos de existência e é um dos pontos de atracção da cidade, tendo recebido só nos primeiros sete meses do corrente ano mais de 1,6 milhões de visitantes.

Os pormenores da sua história e o que a biblioteca tem para oferecer vêm descritos num artigo desenvolvido.

Património cultural e turismo são dois parceiros naturais em todos os focos de peregrinação turística do mundo, e a Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) não é excepção.

Numa entrevista concedida à MACAU, a directora dos Serviços de Turismo, Maria Helena de Senna Fernandes, explica isso mesmo e também muitas outras razões que justificam que, por exemplo, em 2017 tenha sido alcançado o recorde de 32,6 milhões de visitantes.

Também nesta edição pode ser lido um trabalho baseado numa investigação do Instituto de Formação Turística, que revela que, em termos de visitantes, Macau está a atrair cada vez mais jovens em busca de lazer especialmente virado para a aquisição de produtos, a gastronomia e a cultura.

No campo político e económico, o projecto da Grande Baía (integrando nove cidades da província de Guangdong e as regiões administrativas especiais de Macau e Hong Kong) continua na agenda, com o Chefe do Executivo da RAEM, Chui Sai On, a participar na reunião de líderes da região, que teve lugar em Pequim.

Paralelamente realizou-se, também na capital chinesa, a terceira edição do Fórum China-África, que desta vez contou com a participação de todos os países africanos de língua portuguesa. Assunto que igualmente desenvolvemos neste número da revista.

Estes são temas, entre muitos outros, que abordamos nas páginas que se seguem, da economia à cultura e ao desporto, passando pelo noticiário local e do mundo da lusofonia.

Luís Ortet





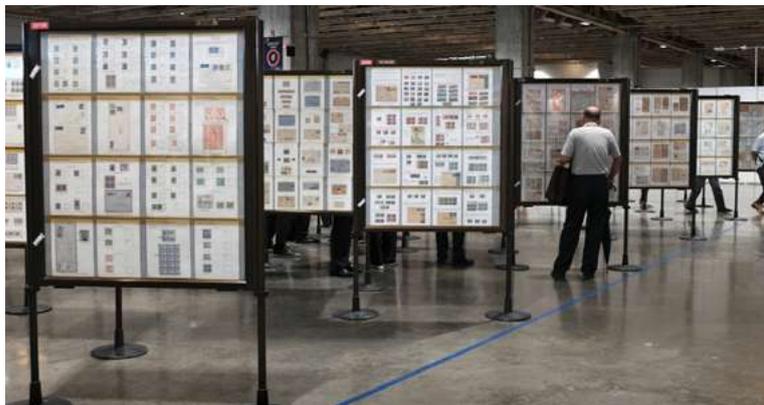
- 6 ACONTECEU**
As notícias que marcam a actualidade da RAEM
- 12 TUFÃO MANGKHUT**
A passagem do super tufão por Macau não provocou grandes estragos. Governo mostra-se satisfeito com acções de prevenção
- 14 ÁREAS MARÍTIMAS**
São 85 quilómetros quadrados de áreas marítimas que passaram a estar sob jurisdição de Macau e que servem de motor a um novo desenvolvimento
- 20 FÓRUM CHINA-ÁFRICA**
A terceira edição do Fórum China-África contou pela primeira vez com a participação de todos os países africanos de língua portuguesa
- 24 MOÇAMBIQUE NA MIF**
Moçambique é o “país parceiro” da 23.ª edição da Feira Internacional de Macau (MIF). A Agência para a Promoção de Investimentos e Exportação (APIEX) de Moçambique tem tudo a postos
- 26 RAEM NA MAIOR FEIRA MOÇAMBICANA**
A RAEM participou na maior feira de negócios de Moçambique com o objectivo de promover Macau como a plataforma ideal para a China
- 28 RADAR LUSÓFONO**
Os últimos acontecimentos nas relações entre a China e os países de língua portuguesa
- 32 GRANDE BAÍA**
As cidades e as regiões da Grande Baía ambicionam a construção de um centro internacional de inovação de ciência e tecnologia
- 34 UM PERFIL DE HONG KONG**
As características da economia de Hong Kong que a tornaram mundialmente famosa



- 44 O NOVO VISITANTE DE MACAU**
Jovens, do meio urbano, sem ostentar, mas com possibilidade de pagar uma experiência de luxo em Macau
- 52 ENTREVISTA A HELENA DE SENNA FERNANDES**
A directora da DST aponta que melhorar a qualidade dos serviços é o melhor caminho para se alcançar um bom equilíbrio na indústria turística
- 58 HUANG JUNHUA: O OURO NO WUSHU**
O atleta premiado conta como conseguiu vencer desafios pessoais, com muitas lesões pelo meio, e chegar até ao lugar cimeiro do pódio
- 64 A MISS GRAND MACAU**
Débora Lopes de Oliveira será a representante da RAEM no concurso internacional “Miss Grand International”
- 66 CERÂMICA DE SHIWAN**
O contributo do advogado português Manuel da Silva Mendes para o aperfeiçoamento desta arte
- 70 ACTOR LOCAL NOS PALCOS DE LONDRES**
Zach Wyatt apaixonou-se pelo teatro quando ainda era um estudante em Macau. Agora está prestes a estreiar-se na peça “Eu e Tu” (“I and You”), no Teatro Hampstead de Londres
- 72 BIBLIOTECA SIR ROBERT HO TUNG**
Completam-se este ano 60 anos da abertura da Biblioteca Sir Robert Ho Tung, aquela que foi a primeira biblioteca pública chinesa de Macau
- 78 ÁTRIO: HONG JIAN**
Foi a música clássica que a levou da China para Portugal. Fê-la viajar, crescer, conhecer o marido e até aprender português
- 84 ESPECTÁCULOS, EXPOSIÇÕES E LIVROS**
Novidades e sugestões para os próximos meses
- 90 MEMÓRIAS: NOSSA SENHORA DA PENHA**
A procissão de Nossa Senhora de Fátima até à Ermida da Nossa Senhora da Penha

FILATELIA: MACAU COMO PALCO DO MAIOR EVENTO DA ÁSIA

A 35.ª Exposição Internacional Asiática de Filatelia, que passou por Macau entre os dias 21 e 24 de Setembro, reuniu colecionadores de selos de 23 países e regiões, com muitas raridades a serem exibidas. A mostra, a maior do género na Ásia e a primeira vez a ter lugar em Macau, contou com mais de mil quadros expositores e 40 'stands' de administrações postais e comerciantes filatélicos do estrangeiro. Um dos pontos fortes foi a área de selos raros, onde estiveram expostas oito colecções emprestadas pelo Museu Nacional de Correios e Filatelia da China, descritas como "muito raras". Entre eles estiveram o trio de selos "Grande Dragão", os primeiros selos postais da China, cuja emissão é considerada um símbolo importante do início dos correios/filatelia da era contemporânea, e o "Manuscrito de R.A. de Villard", um funcionário alemão das Alfândegas Marítimas em Xangai, que contém "os primeiros esboços de design de selos da dinastia Qing". Para assinalar o primeiro certame filatélico internacional a ter lugar em Macau, a Direcção dos Serviços de Correios e Telecomunicações preparou três emissões filatélicas dedicadas ao evento.





Ano lectivo arranca com mais alunos

O ano lectivo 2018/2019 arrancou no dia 3 de Setembro com 80.556 alunos em todos os níveis de ensino, mais 1,9 por cento em relação ao ano lectivo anterior – 18.846 crianças estão inscritas no ensino infantil, 33.238 no ensino primário e 27.662 alunos frequentam o secundário. De acordo com a Direcção dos Serviços de Educação e Juventude (DSEJ), este é o quinto ano em que o número de alunos do ensino não superior regista um aumento. O número de docentes totaliza no início deste ano lectivo 7751.

Joaquim Coelho Ramos assume direcção do IPOR

Joaquim Coelho Ramos substituiu no início de Setembro João Laurentino Neves, que estava à frente do Instituto Português do Oriente desde 2012. Natural de Castro Daire, o novo responsável é doutorado em Filologia Portuguesa pela Universidade Carolina de Praga, na República Checa, onde viveu mais de 10 anos e onde foi docente da Universidade de Praga, leitor no Instituto Camões e coordenador do Centro de Língua Portuguesa.



Festival de curtas-metragens com mais de 4600 candidaturas

A 9.ª edição do Sound&Image Challenge de Macau, festival internacional de música e curtas-metragens, seleccionou 72 filmes e 11 vídeos musicais que serão apresentados entre 4 e 9 de Dezembro. São 34 ficções, 25 animações e 13 documentários seleccionados entre mais de 4600 candidaturas. A maioria dos filmes é proveniente de candidatos oriundos de Portugal, Bélgica, Brasil, Canadá, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Malásia, República Checa e Rússia.

Macau e Guangdong querem mais cooperação no trabalho e na segurança social

As autoridades de Macau e de Guangdong reuniram-se em Agosto para promoverem o intercâmbio sobre emprego e empreendedorismo, avaliação técnica, fiscalização do trabalho e segurança social. De acordo com a Direcção dos Serviços para os Assuntos Laborais, as duas regiões querem colaborar de forma mais estreita em matérias como a “conjuntura do emprego e do empreendedorismo e troca de experiências no trabalho e desenvolvimento de modalidades de cooperação sobre a avaliação de técnicas profissionais entre Guangdong e Macau”.





Air Macau já voa para Qingdao

A companhia de bandeira de Macau inaugurou a ligação aérea entre a região administrativa e a cidade costeira de Qingdao. A Air Macau, que vai fazer quatro voos semanais entre as duas cidades, soma agora 18 ligações diretas para o Interior do País, sendo a primeira vez que voa para a província de Shandong. Com a nova rota o número de passageiros deverá aumentar, considera Eric Fong, director de marketing da empresa. O Aeroporto Internacional de Macau lançou recentemente o concurso para a ampliação do terminal sul devido ao aumento de passageiros.

Vítor Sereno desafia comunidade a envolver-se na estratégia luso-chinesa

Pouco antes de partir da RAEM, o Cônsul-Geral de Portugal em Macau e Hong Kong deixou um desafio à comunidade portuguesa: envolver-se na estratégia luso-chinesa definida para a região. Num jantar oferecido pelas associações de matriz portuguesa e que reuniu 250 pessoas, Vítor Sereno, que ocupou a posição entre 2013 e Agosto de 2018, disse que a comunidade deve “ajudar a RAEM a diversificar-se e a conferir-lhe as valências para se afirmar como um ‘hub’ não só de turismo e de lazer, mas também no ensino da língua portuguesa, na área da saúde e das energias renováveis”. O diplomata ocupa agora o cargo de embaixador no Senegal. Em Macau, foi substituído por Paulo Cunha Alves, que ocupava o cargo de embaixador para a Austrália, Nova Zelândia e Estados do Pacífico Sul.



Publicado livro de autor português sobre o Ano Novo Chinês

A obra de António Pedro Pires é dedicada ao Ano Novo Chinês, festividade responsável pela maior movimentação de pessoas todos os anos em todo o mundo para se encontrarem com as suas famílias. “O autor analisa a marcha da humanidade desde a tomada de consciência do tempo e da sua medição até à invenção do calendário e ao aparecimento dos relógios”, pode ler-se num comunicado do Instituto Cultural. A obra *Festividade do Ano Novo Lunar em Macau* foca-se em três temas principais: calendário lunar, celebração do Ano Novo Lunar e culinária.



RAEM e Xangai querem intensificar cooperação

O chefe do Executivo de Macau e o presidente do município de Xangai assinaram no dia 21 de Agosto um acordo de cooperação para reforçar parcerias nas áreas do turismo, comércio e convenções e exposições. O líder do executivo da RAEM realçou na ocasião o facto de Xangai ser a cidade chinesa com maior produto interno bruto e estar empenhada em tornar-se num centro de economia internacional, comércio, navegação e inovação tecnológica.



Governo cria novos 16 centros de acolhimento para emergências

As autoridades da RAEM criaram 16 centros de acolhimento de emergência para vítimas de inundações com espaço para mais de 24 mil pessoas. Os centros deverão entrar em funcionamento quando for accionado o sinal laranja de aviso de 'storm surge', que significa que o nível de água poderá atingir valores entre um metro e um metro e meio.

Macau avança para Festival Internacional de Artes mais abrangente

Macau vai organizar o Festival Internacional de Artes em 2019 a integrar outros eventos já existentes na região. A 16.ª edição do Festival Juvenil Internacional de Dança, a 30.ª Festival de Artes de Macau e as comemorações do Dia de Portugal vão ser alguns dos eventos que vão ser integrados no festival, que promete impulsionar "o turismo através da cultura permitindo aos turistas experimentarem mais projetos culturais ricos em Macau", afirmou o IC. A data deste evento internacional ainda não foi anunciada, mas terá a "duração de quatro meses e um programa abrangente", declarou Alexis Tam, em comunicado, após a 10.ª reunião dos Ministros da Cultura da China, Japão e Coreia do Sul, realizada no início de Setembro em Harbin, capital da província de Heilongjiang.

Projecto para novo centro juvenil preserva antigo mosaico

O mosaico da fachada do antigo Hotel Estoril, situado no Tap Seac, vai ser colocado na parede exterior do novo centro juvenil de actividades culturais, recreativas e desportivas, a construir naquele espaço. Um comunicado da Direcção dos Serviços de Educação e Juventude refere que o projecto para o centro foi adjudicado à companhia de arquitectura e design Chan Kam por 50 milhões de patacas. O novo centro vai incluir uma piscina aquecida, sala de artes e espectáculos, bem como o Conservatório de Macau.





Criada Comissão de Defesa para reforçar segurança nacional

O Conselho Executivo de Macau anunciou a criação de uma Comissão de Defesa da Segurança do Estado, estrutura que visa aperfeiçoar a segurança nacional. De acordo com um comunicado, esta comissão vai ser responsável por “organizar e coordenar os trabalhos de Macau relativos à defesa da soberania, da segurança e dos interesses do desenvolvimento do Estado” e por apoiar o chefe do Governo na “tomada de decisões” relativas à segurança nacional. O organismo vai ser presidido pelo Chefe do Executivo e vai contar com o secretário para a Segurança como vice-presidente.



Creative Macau celebra 15 anos com exposição colectiva

O espaço cultural Creative Macau celebrou no dia 28 de Agosto o seu 15.º aniversário com a inauguração da exposição colectiva “Open Future”. A mostra, com trabalhos de 23 artistas, entre os quais nove portugueses, juntou obras de pintura, fotografia, poesia, instalação, entre outras. “O que o futuro reserva para nós?” ou “como podemos mudar o futuro?” são algumas das questões abordadas nesta exposição.

RAEM conquista cinco medalhas nos Jogos Asiáticos

A RAEM conquistou cinco medalhas nos Jogos Asiáticos, que se realizaram na Indonésia. Huang Junhua obteve a medalha de ouro na modalidade de wushu. Na competição feminina, Yi Li venceu a prata. No karaté, Sou Soi Lam conquistou a medalha de prata e Wong Sok I o bronze na categoria até 55 quilos. A quinta e última medalha foi conquistada por Hoi Long na competição feminina de triatlo. A China foi a grande medalhada dos jogos com 289 troféus, seguindo-se o Japão com 205 e a Coreia do Sul com 177 medalhas.



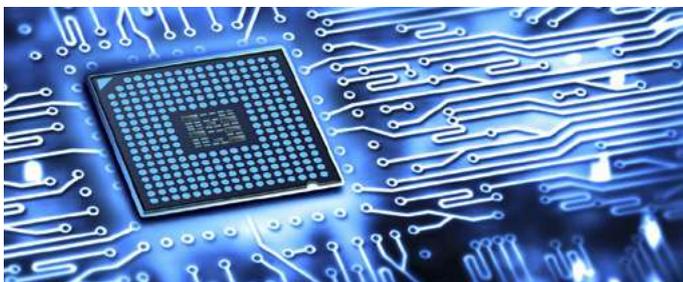


Biblioteca Central de Macau com espólio de meio milhão de livros

A futura Biblioteca Central de Macau deverá custar cerca de 900 milhões de patacas e disponibilizar um espólio físico de meio milhão de livros, segundo o Instituto Cultural (IC). O novo espaço vai assumir-se como um “marco cultural de Macau”, sendo uma resposta proporcional à procura da população. Entre Janeiro e Julho deste ano, as bibliotecas públicas locais registaram cerca de 1,63 milhão de visitantes. No mesmo período, foram emprestados quase 300 mil livros e materiais audiovisuais. A Biblioteca Central de Macau terá, entre outras valências, espaços com funções de intercâmbio cultural, sala de visitas da cidade, memória urbana, exposições, estímulo à criatividade e lazer, distribuídos por 11 pisos e 33 mil metros quadrados. O novo espaço da Biblioteca Central vai ocupar o edifício do antigo tribunal, no coração da cidade, e estima-se que a elaboração do projecto fique concluída em 2019 ou no início de 2020 e que o concurso público para o projecto de construção avance entre 2020 e 2021.

UM patenteia sistema de nanotecnologia para engenharia genética

A Universidade de Macau patenteou um sistema de nanotecnologia que pode ser utilizado para desenvolvimento científico na área da engenharia genética. “As aplicações práticas do sistema de micromanipulação automatizado incluem a microinjecção de células biológicas para engenharia genética, injeção intracitoplasmática de espermatozóides, caracterização de propriedades mecânicas celulares para diagnóstico de doenças”, referiu Xu Qingsong, investigador-chefe do projecto. De acordo com a instituição, esta tecnologia de escala nanométrica “permite uma elevada taxa de sobrevivência para a célula injectada, uma vez que as células sofrem de uma força mínima durante o processo de injeção”.



Nicolas Cage designado embaixador do Festival Internacional de Cinema

O actor norte-americano foi designado embaixador do terceiro Festival Internacional de Cinema de Macau (IFFAM), anunciou a organização. “Estamos orgulhosos e satisfeitos por recebê-lo em Macau este ano como nosso embaixador de talentos e de mostrar o seu extraordinário novo filme, Mandy”, reagiu em comunicado o director artístico do IFFAM, Mike Goodridge. A terceira edição do festival realiza-se entre 8 e 14 de Dezembro.



NÚMEROS

MOP 18 MIL MILHÕES

VOLUME DE NEGÓCIOS DO COMÉRCIO A
RETALHO NO SEGUNDO TRIMESTRE DE 2018
(+23,7%)

**MOP 25,56 MIL
MILHÕES**

RECEITAS DOS CASINOS EM
AGOSTO (+17,1%)



Ruby de Senna Fernandes homenageada no Albergue SCM

A personalidade macaense, nascida em Macau em 1925, foi homenageada no Albergue SCM, numa iniciativa que partiu de Carlos Marreiros. O arquitecto desafiou a Associação dos Macaenses para a co-organizar este encontro. O evento “Flor eterna” foi uma oportunidade de relembrar a professora que cantava o fado em Macau nas décadas de 1950 e 1960 e que faleceu no início de Agosto deste ano, em Portugal.



IAM com novo logótipo

Entra em funcionamento no próximo ano, mas já tem aprovado um logótipo. O Instituto para os Assuntos Municipais (IAM), que vem substituir o Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais, vai ter como símbolo uma flor de lótus. As três pétalas da flor formam a sigla IAM, em língua portuguesa. Relativamente às cores, o verde diz respeito aos espaços naturais, o azul às zonas marítimas e águas que envolvem Macau e o dourado representa a integridade.

Pequim autoriza pedidos de residência a RAEs e Taiwan

Os residentes de Macau, Hong Kong e Taiwan já podem solicitar a autorização de residência no Interior do País desde o dia 1 de Setembro. A medida permite aos interessados “obter o mesmo tipo de serviços fundamentais e benefícios gozados pelos compatriotas da China Continental”, pode ler-se num comunicado do Governo de Macau. Esta é “uma medida importante de apoio à integração de Hong Kong e Macau no quadro do desenvolvimento da China”, refere a mesma nota.



Chef português de renome abre restaurante em Macau

O restaurante Chiado de Macau, uma parceria entre a Sands Cotai Central e o chef Henrique Sá Pessoa, deverá abrir ainda este mês. O chef português quer fazer do novo espaço a maior referência da cozinha lusa na cidade. Henrique Sá Pessoa explica que o conceito do novo espaço em Macau pretende “representar o moderno da cozinha portuguesa atual”. O restaurante, que terá sala com uma capacidade máxima de cerca de 100 lugares, “não será um restaurante demasiado elaborado, mas também não vai ser tradicional”, garantindo “um serviço elegante e cuidado”.

19,8 MILHÕES (19.848.487)

PESSOAS VISITARAM MACAU NOS PRIMEIROS SETE MESES DO ANO

(+7,4%)

8 MILHÕES (8.095.000)

PESSOAS ALOJARAM-SE NOS HOTÉIS E PENSÕES DE MACAU NOS PRIMEIROS SETE MESES DO ANO

(+ 6,8%)

* comparações referentes ao mesmo período do ano transacto



T BRUNA PICKLER

ÀS 11 horas do dia 15 de Setembro, a Direcção dos Serviços Meteorológicos e Geofísicos da RAEM (SMG) hasteava o sinal 1 de tempestade em consequência da aproximação do super tufão Mangkhut, que um dia antes havia deixado um forte rasto de destruição. Depois da passagem para o sinal 3, os ventos intensificaram-se e, às 21 horas, ouviu-se por todo o território as sirenes que alertavam a população para a evacuação das zonas baixas da cidade devido ao perigo eminente de fortes inundações, com o sinal vermelho de 'storm surge' (maré de tempestade). O Centro de Operações da Protecção Civil (COPC) entrou então em funcionamento, e conseguiu retirar um total de 5650 residentes das zonas baixas. Os 16 centros de abrigo espalhados pela cidade estavam preparados para receber um total de 24 mil pessoas, mas apenas 1346 pessoas acorreram aos locais.

Na madrugada de sábado para domingo, quando o super tufão estava a cerca de 400 quilómetros de Macau, os SMG elevaram o sinal para 8, tendo sido substituído pelo sinal 9 na manhã de domingo. Com o vento a intensificar-se, acompanhado de fortes rajadas, o

MANGKHUT

O super-tufão que pôs Macau à prova

Macau superou a prova do Mangkhut, considerado o pior tufão do ano, com base na prevenção. O plano de evacuação das zonas baixas da cidade, mais susceptíveis a fortes inundações, foi colocado em acção e foram disponibilizadas 24 mil vagas em abrigos. Depois de o sinal 10 ter estado hasteado pelo maior período de tempo desde 1968, o Mangkhut, que assolou a RAEM entre os dias 15 e 16 de Setembro, afastou-se sem causar fatalidades nem grandes estragos

sinal 10 entrou em vigor às 11 horas de domingo, com a tempestade a cerca de 180 quilómetros, prevendo-se que cruzaria o ponto mais próximo do território num raio de 70 quilómetros. Ao meio-dia, o nível das águas costeiras subiu rapidamente e foi lançado o aviso preto de 'storm surge'. No Porto Interior, a água chegou a 1,90 metro acima do nível do pavimento. Apenas na

noite de domingo, às 20 horas, o sinal foi reduzido para o 8. Ao final da tarde de segunda-feira, dia 17 de Setembro, foram suspensos todos os sinais de alerta de tempestade tropical.

Estava assim registado um novo recorde, com o Mangkhut a forçar o período mais longo de sinal 10 desde 1968 ao ter ficado içado durante nove horas. Foi ainda também mais forte do que o

Hato em termos de ventos máximos sustentados que atingiram 173 quilómetros por hora contra os 165 quilómetros por hora do Hato. Já as rajadas máximas foram menos violentas (188 quilómetros por hora) do que as do Hato, que atingiram 217 quilómetros por hora.

Executivo satisfeito

O COPC manteve-se em actividade por 46 horas para responder ao tufão. Entretanto, pelas 19 horas de 17 de Setembro, o COPC regressou ao funcionamento normal, referiu Ma Io Kun, comandante-geral dos Serviços de Polícia Unitários, uma das nove corporações e serviços de segurança que integram a estrutura da protecção civil da RAEM, composta também por 13 serviços públicos e nove organismos privados. Durante a passagem do tufão, registaram-se 598 incidentes (a maioria devido à queda de reclamos, toldos, janelas e outros objectos) e 40 feridos, grande parte deles ligeiros.

Também os Serviços de Saúde trabalharam a todo o gás, tendo mobilizado 580 profissionais que, durante 26 horas, providenciaram atendimento médico de emergência, prestação de cuidados normais de saúde (incluindo o Posto de Urgência das Ilhas) e internamento hospitalar.

Na segunda-feira, como forma de facilitar os trabalhos de limpeza da cidade, as aulas de todos os níveis do ensino foram canceladas e os funcionários públicos, com a excepção daqueles ligados aos serviços essenciais, ficaram dispensados do trabalho. Também no dia 17 deu-se a reabertura das pontes que ligam a península à ilha da Taipa e o reinício das ligações marítimas e aéreas.

O Chefe do Executivo da RAEM, Chui Sai On, elogiou os trabalhos de prevenção e de resposta ao tufão Mangkhut e definiu novas prioridades, nomeadamente o reforço das infra-estruturas básicas. “Todos os membros da estrutura [civil] mostraram o seu profissionalismo. Estávamos preparados para, em conjunto, combater esta tempe-

tade”, assinalou Chui Sai On, acrescentando que “a própria consciência da população subiu”.

Durante uma reunião no Centro de Operações da Protecção Civil numa espécie de balanço pós-tufão, o líder do Governo realçou que o mais importante foi a “ausência de vítimas mortais”. “Não podemos reverter os danos provocados pelas calamidades naturais, mas podemos envidar todos os esforços para que os danos humanos possam ser reduzidos”, frisou. Neste sentido, e apesar de assinalar um balanço positivo na resposta ao último tufão, Chui Sai On garantiu que há, ainda, um longo caminho a percorrer. “Temos de reforçar as infra-estruturas e acelerar, com o Interior do País, a concretização do plano da construção da barragem de marés, além de intensificar a formação da própria equipa nesta área”, disse, definindo assim três prioridades.

O secretário para a Segurança, Wong Sio Chak, defendeu que este ano foi possível minimizar perdas e prejuízos sobretudo devido à cooperação entre as entidades ligadas à protecção civil e à consciência dos residentes, já que “a maioria dos cidadãos obedeceu às ordens de evacuação”.

Wong Sio Chak disse que “os resultados relativamente satisfatórios (...) são consequência do contributo dos diversos serviços do Governo” de Macau e do “aumento de consciência de protecção civil de toda a sociedade”. Wong salientou ainda o facto de as operadoras de jogo terem suspenso a sua actividade no momento crítico da passagem do tufão, o que permitiu “garantir a segurança de vida dos funcionários” e “evitar a pressão de trabalho das forças policiais”.

Durante a reunião, foram também apresentadas sugestões pelos membros da estrutura da protecção civil e

por outros serviços com vista a consolidar os planos de resposta às calamidades naturais. “No último ano, o Governo esteve a preparar todo este trabalho para responder às calamidades naturais e para melhorar a capacidade de redução dos efeitos das calamidades. Foi uma experiência que nós adquirimos, que não foi fácil, e que é preciosa, mas também temos muito trabalho para aperfeiçoar”, sublinhou Chui Sai On.

Recuperação em tempo recorde

Os elementos das forças de segurança e o Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais (IACM) deram início à limpeza das ruas da cidade por volta das 7 horas do dia 17 (segunda-feira), tendo desobstruído, em tempo recorde, as principais artérias de circulação da cidade, como mencionou o comandante-geral dos Serviços de Polícia Unitários e comandante de acção conjunta da estrutura de protecção civil, Ma Io Kun.

O presidente do IACM, José Tavares, apontou que entre as 4 horas do dia 17 e as 11 horas do dia 18 foram recolhidas 2545 toneladas de lixo, o que corresponde a um aumento de 20 por cento em comparação com o mesmo período de tempo das limpezas do tufão Hato. Para Tavares, houve “uma maior eficácia da recolha e a frequência de circulação dos camiões”.

O IACM informou ainda que, durante o tufão, registou-se a quebra de 2200 ramos de árvores e a queda de 1500 árvores, tendo sido recolhido um total de seis toneladas de resíduos naturais. No que se refere à segurança alimentar foram efectuadas nos dias seguintes mais de 450 inspecções e destruídas cerca de oito toneladas de alimentos impróprios para consumo. ■





ÁREAS MARÍTIMAS

Um mar de oportunidades que se abre para a RAEM

São 85 quilómetros quadrados de áreas marítimas que passaram a estar sob jurisdição de Macau e que servem de motor a um novo desenvolvimento. Oportunidades que foram discutidas numa conferência internacional que juntou vários especialistas em Macau, durante a qual foram discutidos assuntos como gestão, aproveitamento e desenvolvimento das áreas marítimas da região

T SANDRA LOBO PIMENTEL

FOIA 20 de Dezembro de 2015 que o Decreto do Conselho de Estado n.º 665 definia que 85 quilómetros quadrados de áreas marítimas ficariam sob jurisdição da RAEM, uma mudança que assentou no objectivo de disponibilizar novas oportunidades e novos espaços para a futura construção da sociedade e para o futuro desenvolvimento urbanístico de Macau. Um significado duradouro e de gran-

de importância, numa altura de grande empenho no projecto da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau. Criado o Grupo de Trabalho para o Planeamento a Médio e a Longo Prazo da Utilização e Desenvolvimento das Áreas Marítimas da RAEM, o objectivo proposto foi o de concluir os trabalhos de elaboração do planeamento de médio e longo prazo de utilização e desenvolvimento das áreas marítimas da RAEM para 2016-2036, em Agosto de 2018.

A data coincidiu com a realização da conferência internacional sobre gestão, aproveitamento e desenvolvimento das áreas marítimas de Macau, que decorreu na Torre de Macau, e juntou vários dirigentes do governo local e central e duas centenas de individualidades ligadas a este domínio. A realização desta conferência teve por objectivo aprender e referenciar as experiências mais recentes e os métodos adquiridos por todos os países e regiões no âmbito da gestão, utilização e desenvolvimento das áreas marítimas, mas também o de auscultar opiniões e sugestões construtivas, de forma a elevar o teor científico e as perspectivas do planeamento das áreas marítimas de Macau. O Chefe do Executivo da RAEM, Chui Sai On, o director do Gabinete de Li-

gação do Governo Central da China na RAEM, Zheng Xiaosong, o vice-director do Gabinete para os Assuntos de Hong Kong e Macau do Conselho do Estado, Huang Liuquan, o responsável do Grupo de Trabalho do Planeamento Estratégico Oceânico e da Economia do Ministério dos Recursos Naturais, Zhang Zhanhai, o inspec-tor adjunto do Departamento da Economia Regional da Comissão de Desenvolvimento e Reforma da China, Huang Weibo, estiveram entre os que marcaram presença na cerimónia de abertura da conferência.

Convidadas estiveram cerca de 200 individualidades provenientes da Alemanha, Reino Unido, Portugal, Interior do País, Hong Kong e Macau, incluindo representantes das entidades governamentais de países e regiões com vasta experiência e diversos resultados alcançados no âmbito de aproveitamento e desenvolvimento das áreas marítimas, instituições de investigação, empresas e organizações, peritos e académicos.

Estiveram presentes ainda 47 conceituados especialistas em estudos marítimos e académicos que apresentaram teses e proferiram discursos, destacando-se os membros da Academia Chinesa de Ciências Jin Xianglong e Dai Minhan, o membro da Academia Chinesa de Engenharia Wu Yousheng, o professor catedrático de mérito de Geografia da Universidade Chinesa de Hong Kong Yeung Yue Man, o professor da Max Planck Institute for Comparative and International Private Law da Universidade de Hamburgo Jürgen Basedow, o professor catedrático do Departamento de Arquitectura, Design e Meio Ambiente da Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade de Plymouth Robert Brown, entre outros.

Oceano azul

O Chefe do Executivo da RAEM, Chui Sai On, referiu no seu discurso de abertura que o Governo Central autorizou Macau a proceder à gestão dos 85 quilómetros da área marítima,

disponibilizando novas condições e oportunidades de viragem de Macau ao mar, abrindo um novo espaço para o desenvolvimento diversificado e moderado da economia local.

O líder do Governo de Macau sublinhou que a região deve ter como ponto de partida o oceano azul e a economia da região da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, de forma a agarrar as oportunidades, planear cientificamente, promover a construção e o desenvolvimento do centro internacional de turismo e lazer, mas também explorar, dinamicamente, novos pontos de crescimento económico, criar novas indústrias, incutindo um novo dinamismo na construção de “Um Centro, Uma Plataforma”.

Já o director do Gabinete de Ligação do Governo Central da China na RAEM, Zheng Xiaosong, referiu, no seu discurso, que desde a criação da RAEM, o Governo Central tem zelado pelo bem-estar dos compatriotas da região, e o Presidente Xi Jinping valo-

riza extremamente e apoia o desenvolvimento diversificado e moderado da economia de Macau. A gestão, oficialmente decretada nos termos legais, dos 85 quilómetros da área marítima é um valioso presente que traduz o apoio ao desenvolvimento a longo prazo de Macau.

Zheng Xiaosong lembrou que nos últimos dois anos o Governo da RAEM tem estado motivado no desenvolvimento dos trabalhos para a futura gestão e bom aproveitamento destas áreas. Um dos aspectos importantes desse planeamento consiste no conteúdo relevante da participação de Macau na construção da Área da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, e assegurou que o Gabinete de Ligação do Governo Central na RAEM irá apoiar, activamente, o Governo local a proceder à gestão, ao planeamento e ao aproveitamento dos 85 quilómetros de áreas marítimas, impulsionando o reforço da cooperação e do intercâmbio marítimo regional por parte de Macau. Apon-



tou ainda três aspectos fundamentais a efectuar na gestão, aproveitamento e desenvolvimento marítimo: o primeiro é enfatizar a protecção da biodiversidade marinha; o segundo é o planeamento científico e a razoabilidade na exploração, o terceiro é o reforço da intercomunicabilidade marítima, e a cooperação visando o bom uso das áreas marítimas.

Durante a cerimónia de abertura também discursou Huang Liuquan. O dirigente do Ministério dos Recursos Naturais apontou que sendo Macau uma cidade costeira aberta e de longa história, o seu futuro desenvolvimento terá de sustentar-se tanto na área terrestre de 30 quilómetros quadrados, como no aproveitamento razoável dos novos 85 quilómetros de área marítima agora confiados. No que respeita ao aproveitamento da zona marítima, lembrou que devem ser assegurados os seguintes princípios: o primeiro é proceder a um bom planeamento do desenvolvimento da zona marítima de Macau com base num pensamento prospectivo; o segundo é a ideia de construção e de utilização conjunta, permitindo que toda a população beneficie dos dividendos do desenvolvimento dessa zona marítima; o terceiro é a consciência de benefícios mútuos e ganhos conjuntos, promovendo o desenvolvimento cooperativo entre Macau e o Interior da China.

Discussão temática

A conferência internacional na Torre de Macau decorreu em torno da gestão, aproveitamento e desenvolvimento das áreas marítimas da RAEM, tendo-se dividido em duas grandes partes, nomeadamente, a dos discursos e a de debates temáticos. Os dois membros da Academia Chinesa de Ciências Wu Yousheng e Dai MinHan, assim como os três professores catedráticos Yeung Yue Man, Jürgen Basedow e Ni Mingxuan fizeram apresentações.

No primeiro dia de trabalhos, a discussão incluiu três módulos: a viragem ao mar e o rumo da estratégia de aproveitamento e do desenvolvimento das áreas marítimas de Macau, a coordenação terrestre e marítima, estratégias de construção e desenvolvimento das cidades costeiras, e ainda a diversificação moderada, percurso e perspectiva de desenvolvimento da economia marítima.

Partindo do domínio das suas especialidades, os peritos participantes apresentaram opiniões e sugestões diversificadas e construtivas em relação às questões relacionadas com a zona marítima de Macau.

O professor da Universidade Chinesa de Hong Kong Yeung Yue-man fez um relatório acerca da estratégia de desenvolvimento de Macau virado ao mar, referindo que, para expandir novos espaços e aproveitar novos recur-

sos, é necessário proceder à criação de um enquadramento do desenvolvimento urbanístico com o objectivo de promover o desenvolvimento sustentável e o aumento da competitividade urbanística, por forma a concretizar o equilíbrio entre a expansão e a optimização da construção urbanística e a racionalidade do aproveitamento e da protecção das áreas marítimas.

O professor da Universidade Tsinghua Gu Chaolin entendeu como sendo uma escolha inevitável o desenvolvimento virado ao mar devido aos poucos recursos terrestres de Macau e à falta de espaços para o seu desenvolvimento, colocando em comparação a área marítima quase três vezes maior do que a área terrestre da região.

Wu Yousheng, membro da Academia Chinesa de Engenharia, elaborou um relatório acerca das tecnologias de equipamentos marítimos e da economia marítima, indicando que Macau deve participar, dinamicamente, na construção da China como uma potência marítima, e aproveitar as próprias vantagens para desenvolver a economia do mar. A função de centro mundial de turismo e lazer, objectivo há muito definido para Macau, deve ser alargada e extensível à sua participação e na promoção no desenvolvimento do sector de turismo marítimo da China.

O professor Jürgen Basedow fez um discurso focado na questão sobre a in-



澳門海洋管理、利用和發展國際研討會

Conferência Internacional sobre Gestão, Aproveitamento e Desenvolvimento da Marítima de Macau
Macao International Conference on Marine Administration, Utilization and Development

2018.08.03-04



fracção marítima eventual no âmbito do direito internacional depois de Macau obter o novo direito de gestão das áreas marítimas, devendo a RAEM reforçar o estudo sobre essa questão e estabelecer o mecanismo legal que venha dar resposta a situações futuras neste âmbito.

Dai Minhan, membro da Academia Chinesa de Ciências, debruçou-se sobre o ambiente ecológico marítimo do estuário do Rio das Pérolas. No relatório que apresentou, entende que no planeamento estratégico das áreas marítimas de Macau deveriam ser ponderadas plenamente as mudanças e a situação actual do ambiente ecológico marítimo do estuário do Rio das Pérolas, bem como os respectivos factores impulsionadores e mecanismos de controlo, e interiorizadas a experiência e as lições sobre o desenvolvimento sustentável e a gestão do ecossistema marítimo costeiro a nível internacional.

O vice-reitor da Universidade de Macau Ni Mingxuan acompanhou com atenção a questão da situação actual das áreas marítimas de Macau e a respectiva perspectiva, referindo que para a gestão das áreas marítimas é neces-

sário o princípio de melhorar o regime de zoneamento marítimo funcional, de estabelecer a estrutura administrativa de supervisão, de construir o regime de avaliação de impactos ambientais, de criar o mecanismo de gestão de crises e de determinar que os poluidores têm de pagar despesas, concentrando-se nas vantagens para desenvolver a ecologia verde e a indústria de inovação tecnológica e científica com alto valor acrescentado.

Cooperação e protecção

No segundo dia de conferência, houve duas sessões subordinadas aos seguintes temas: “Protecção e suporte: gestão das áreas marítimas e cultura marítima” e “Harmonia entre o oceano e o homem: protecção do meio marinho e prevenção e redução de desastres”. Contaram com a participação de 18 peritos e académicos que procederam à apresentação dos seus relatórios.

A sessão sobre a “Protecção e suporte: gestão das áreas marítimas e cultura marítima” decorreu em torno da formação dos talentos de Macau no âmbito marítimo, da aplicação de mega-

dados das áreas marítimas na gestão das áreas marítimas de Macau, da gestão das áreas marítimas de Macau e a cooperação com Zhuhai, mas também acerca do regime jurídico sobre a cooperação na protecção do meio marinho da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau.

Sobre a “Harmonia entre o oceano e o homem: protecção do meio marinho e prevenção e redução de desastres”, foram debatidas ideias e trocadas opiniões sobre a protecção marítima e a utilização dos equipamentos para o desenvolvimento das tecnologias ecológicas, e feitas considerações sobre os recursos hídricos sob a perspectiva da integração da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau. Foram ainda referidos os problemas ecológicos enfrentados pelos mangais das zonas húmidas da Grande Baía e as medidas de protecção relacionadas a ter em conta, entre outros.

O vice-reitor da Universidade Marítima de Dalian, Sun Peiting, manifestou no seu discurso que os 85 quilómetros das áreas marítimas concedidas pelo Estado a Macau poderão favorecer o desenvolvimento da economia marítima da RAEM, bem como a diversifica-

ção adequada da economia local, realçando que, para o desenvolvimento da economia marítima, é necessário que haja talentos no âmbito marítimo.

Contributo também do professor catedrático e engenheiro sénior do Instituto de Ciência Hidráulica da Comissão dos Recursos Hídricos do Rio das Pérolas Su Bo, que falou acerca da linha costeira e da distribuição das marés, da história do desenvolvimento e da situação actual da utilização e da exploração das áreas marítimas de Macau. O engenheiro sénior do mesmo Instituto Lu Chen apresentou os resultados de estudos alcançados sobre as

mudanças e as características das linhas costeiras e das praias de Macau, apresentando as alterações dos swales das praias de Macau nos últimos 40 anos.

Na apresentação do presidente do Tribunal Marítimo de Cantão, Ye Liudong, foi abordado o modo de coordenar a relação entre o desenvolvimento e o ambiente marítimo, bem como, os desafios encontrados no impulsionamento e na implementação da Área da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau.

O professor catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de Zhong Shan Han Guangming entendeu que, detendo Macau a jurisdição das áreas marítimas, tal significado não releva apenas no que concerne à exploração do espaço de desenvolvimento, mas é também demonstrativo do desenvolvimento do Estado de Direito entre o Governo Central e a RAEM. O director do Instituto de Estudo Social e Cultural da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau, Lin Guangzhi, fez um discurso focado no estudo da cultura marítima de Macau, referindo que o tal estudo proporcionará uma referência orientadora para o impulsionamento da gestão marítima e terá um alto valor acrescentado para Macau na participação da iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”, mas também na criação da Área da Grande

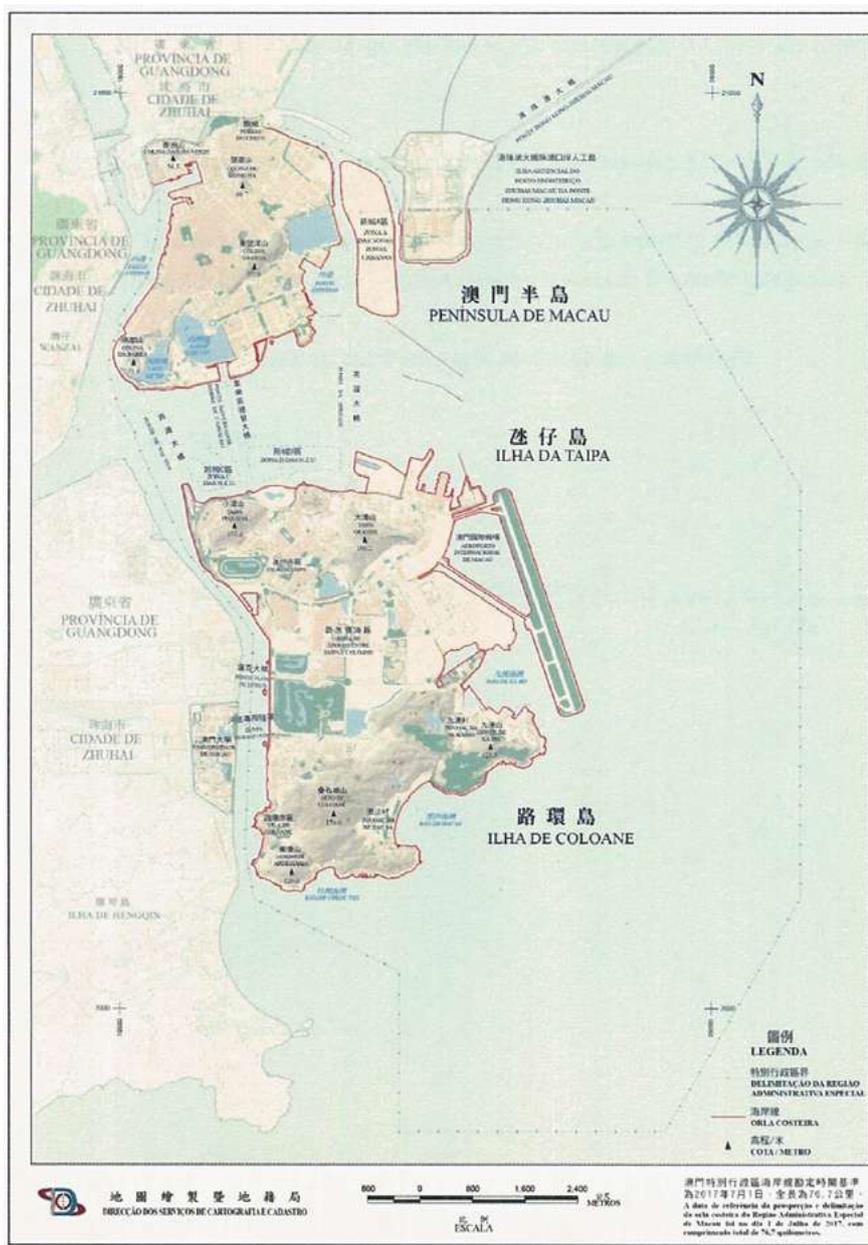
Baía Guangdong-Hong Kong-Macau e na exploração e utilização racional das áreas marítimas.

As metas de Macau

Depois das sessões temáticas do último dia, foi tempo de fazer um balanço dos trabalhos por intermédio de Mi Jian, chefe-adjunto do Grupo de Trabalho para o Planeamento a Médio e a Longo Prazo da Utilização e Desenvolvimento das Áreas Marítimas da RAEM, que desempenha ainda as funções de director da Direcção dos Serviços de Estudo de Políticas e Desenvolvimento Regional.

Na cerimónia de encerramento, referiu que a conferência reuniu cerca de 200 individualidades e 47 conceituados especialistas, dirigentes das entidades administrativas e representantes das instituições de estudos científicos da área de estudos marítimos provenientes de vários países para apresentarem teses e proferirem discursos, sublinhando que o nível intelectual foi muito elevado. Não obstante Macau possuir apenas 85 quilómetros de áreas marítimas, reconheceu o valor desta conferência, que não deixa de ser relevante, e lembrou que o planeamento para as áreas marítimas será elaborado à luz do espírito e das exigências dos Ministérios do Estado. Assegurou que referenciará as





A NOVA ÁREA DA RAEM

Comprimento total da orla costeira	76,7km
Comprimento da península de Macau	18,4km
Comprimento da Taipa, Cotai e Coloane	49,9km

Fonte: Mapa da Orla Costeira da RAEM, Direcção dos Serviços de Cartografia e Cadastro

opiniões e sugestões apresentadas pelos peritos, promovendo, em conjunto com os diferentes sectores da sociedade, o desenvolvimento marítimo da RAEM.

Mi Jian fez ainda uma apresentação da situação dos trabalhos de planeamento das áreas marítimas de Macau, referindo que sob a liderança do Chefe do Executivo, o Grupo de Trabalho do Governo da RAEM concluiu os trabalhos de elaboração do “Estudo para Planeamento de Médio e Longo Prazo de Utilização e Desenvolvimento das Áreas Marítimas da RAEM (2016-2036)”, que define metas para três períodos diferentes sob os princípios de objectividade, científicos e responsabilidade, nomeadamente, metas a curto prazo de três a cinco anos, a médio prazo, de cinco a 10 anos e a longo prazo, de 10 a 20 anos.

O objectivo a curto prazo do planeamento das áreas marítimas visa a resolução de problemas cruciais relacionados com a vida da população, nomeadamente, o tráfego, a protecção ambiental, a prevenção ou a redução de desastres.

A médio prazo, a meta do planeamento passa por desenvolver o “quarto espaço” para que a sociedade de Macau e as futuras gerações possam ter novos espaços para o desenvolvimento. E a longo prazo, passa pela integração nas estratégias nacionais.

A fim de concretizar as metas de curto, médio e longo prazo é necessário ponderar várias vertentes: a relação entre a humanidade e a natureza, a realidade e a idealidade, o desenvolvimento e a protecção, a direcção e o caminho, a região administrativa e as regiões vizinhas, bem como, a tradição cultural e a imagem da cidade.

Os participantes desta conferência internacional fizeram ainda uma viagem de barco para visitar Macau e as áreas marítimas circundantes, de modo a compreenderem melhor a situação concreta da RAEM neste domínio, trocando ainda opiniões sobre os assuntos de protecção, utilização e desenvolvimento marítimos de Macau. ■



FÓRUM CHINA-ÁFRICA

Relações bilaterais ditam importância do encontro em Pequim

A terceira edição do Fórum China-África (FOCAC), que decorreu no início de Setembro em Pequim, contou pela primeira vez com a participação de todos os países africanos de língua portuguesa

T BRUNA PICKLER

A **IMPORTÂNCIA** da participação dos países africanos de língua portuguesa no Fórum de Cooperação China-África (FOCAC) “deve ser avaliada no contexto das relações bilaterais” que estes mantêm com Pequim, segundo Glória Batalha, secretária-geral adjunta do Fórum de Macau. Em causa, enuncia a mesma responsável, está a participação de Angola, Cabo

Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, os cinco países africanos entre os oito que fazem parte do Fórum de Macau, uma plataforma de cooperação multilateral entre a China e os países de língua portuguesa. O Fórum de Macau foi criado em Outubro de 2003, por iniciativa do Governo Central, com o objectivo de impulsionar e fomentar as relações comerciais e culturais entre a China e os países de língua portuguesa, procu-

rando privilegiar Macau como plataforma entre estas economias.

Em quase duas décadas, as relações comerciais dos países lusófonos com a China registaram um aumento significativo, em boa parte como consequência da acção do Fórum de Macau. Se em 2002, antes do estabelecimento do Fórum, o valor global das trocas comerciais era de cerca de seis mil milhões de dólares norte-americanos, em 2017 foi de 117,6 mil milhões de

dólares, segundo dados da Alfândega da República Popular da China.

Já o investimento directo da China nos países lusófonos passou de 56 milhões de dólares em 2003, para cerca de cinco mil e 700 milhões de dólares em 2016, sendo que o investimento total da China nestes países é de 50 mil milhões de dólares. Desde 2015, a média anual do investimento directo da China no continente africano fixou-se em três mil milhões de dólares, com destaque para novos sectores como indústria, finanças, turismo e aviação.

Um “marco”

A terceira edição do FOCAC juntou em Pequim, entre 3 e 4 de Setembro, dezenas de chefes de Estado e de Governo do continente africano. A cimeira contou com três novos países: São Tomé e Príncipe, Burkina Faso e a Gâmbia, que elevam assim para 53 o número de nações africanas com relações com a China. O primeiro Fórum de Cooperação China-África aconteceu em Pequim, em 2006, e a segunda edição decorreu na África do Sul, em 2015.

O Presidente Xi Jinping considerou o FOCAC um “marco” na relação Sul-Sul, afirmando que “China e África aproveitarão a força da sua amizade e a confiança mútua”.

Xi Jinping destacou o “êxito” da cimeira, incluindo o plano de acção adop-

tado, que visa fortalecer a cooperação nos sectores comércio, saúde, ambiente, infra-estruturas e indústria, o que “dará um forte impulso à cooperação sino-africana”.

Para cumprir aqueles objectivos, o Presidente anunciou 60 mil milhões de dólares norte-americanos em assistência e empréstimos para os países africanos, nos próximos três anos, e um perdão de dívida para as nações mais desfavorecidas. “Os líderes chineses e africanos falaram a uma só voz” durante estes dias, para consolidar as relações baseadas no “benefício mútuo” e “boa-fé”. “Queremos contribuir conjuntamente para a paz e desenvolvimento de África”, afirmou o Presidente chinês.

Angola quer mais investimento

O presidente de Angola manifestou durante o seu discurso o desejo de ver aumentado o investimento directo de empresas chinesas na produção de bens de amplo consumo. João Lourenço indicou que este investimento pode ser feito através do estabelecimento de parcerias mutuamente vantajosas com empresários angolanos, na partilha de tecnologia e de conhecimento científico e na formação de quadros angolanos.

Lembrando que a nova legislação an-

golana se tornou mais atractiva para o investidor nacional e estrangeiro, João Lourenço disse estar criado um melhor ambiente de negócios. O chefe de Estado defendeu, para assegurar o êxito dos programas bilaterais de cooperação, o estabelecimento de “mecanismos práticos que possibilitem o acesso aos recursos financeiros necessários para o sucesso das medidas de políticas estabelecidas pelas nações africanas”.

Para o efeito, João Lourenço considera “necessário” que as instituições bancárias africanas e da China desempenhem um papel importante” com o objectivo de tornarem real esta vontade política de ambos os lados” em proporcionar os recursos e desenvolver projectos que garantam um desenvolvimento que se revele “mutuamente vantajoso”.

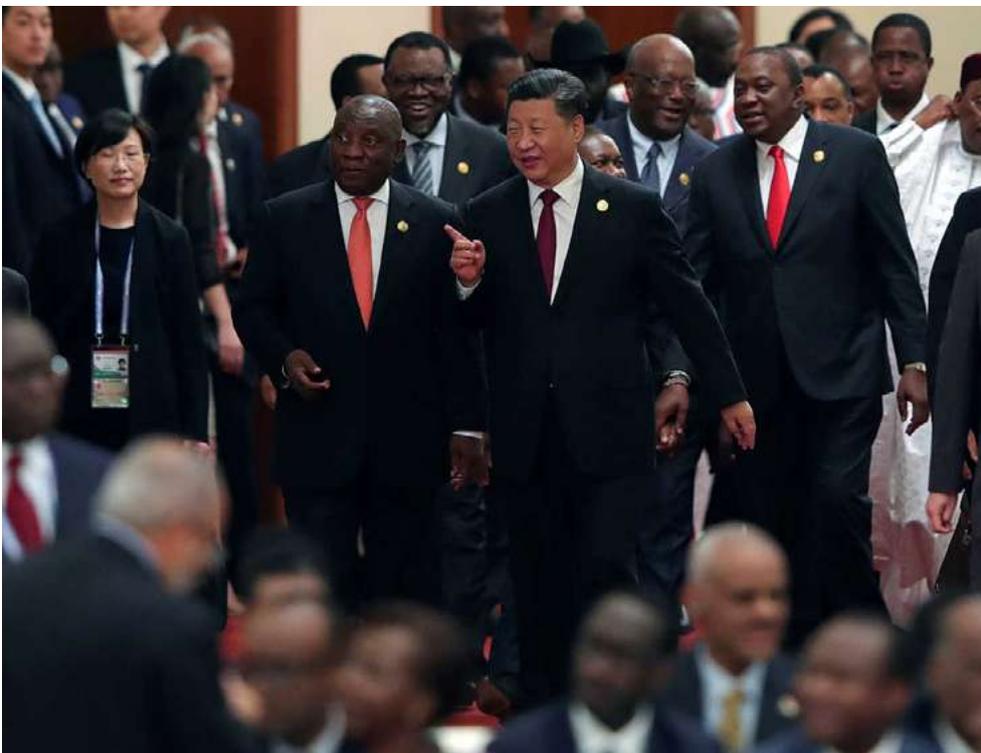
A participação ao mais alto nível de Angola no Fórum de Cooperação China-África (FOCAC) também teve o objectivo de alargar as negociações para uma nova linha de crédito chinês destinada ao financiamento de vários projectos.

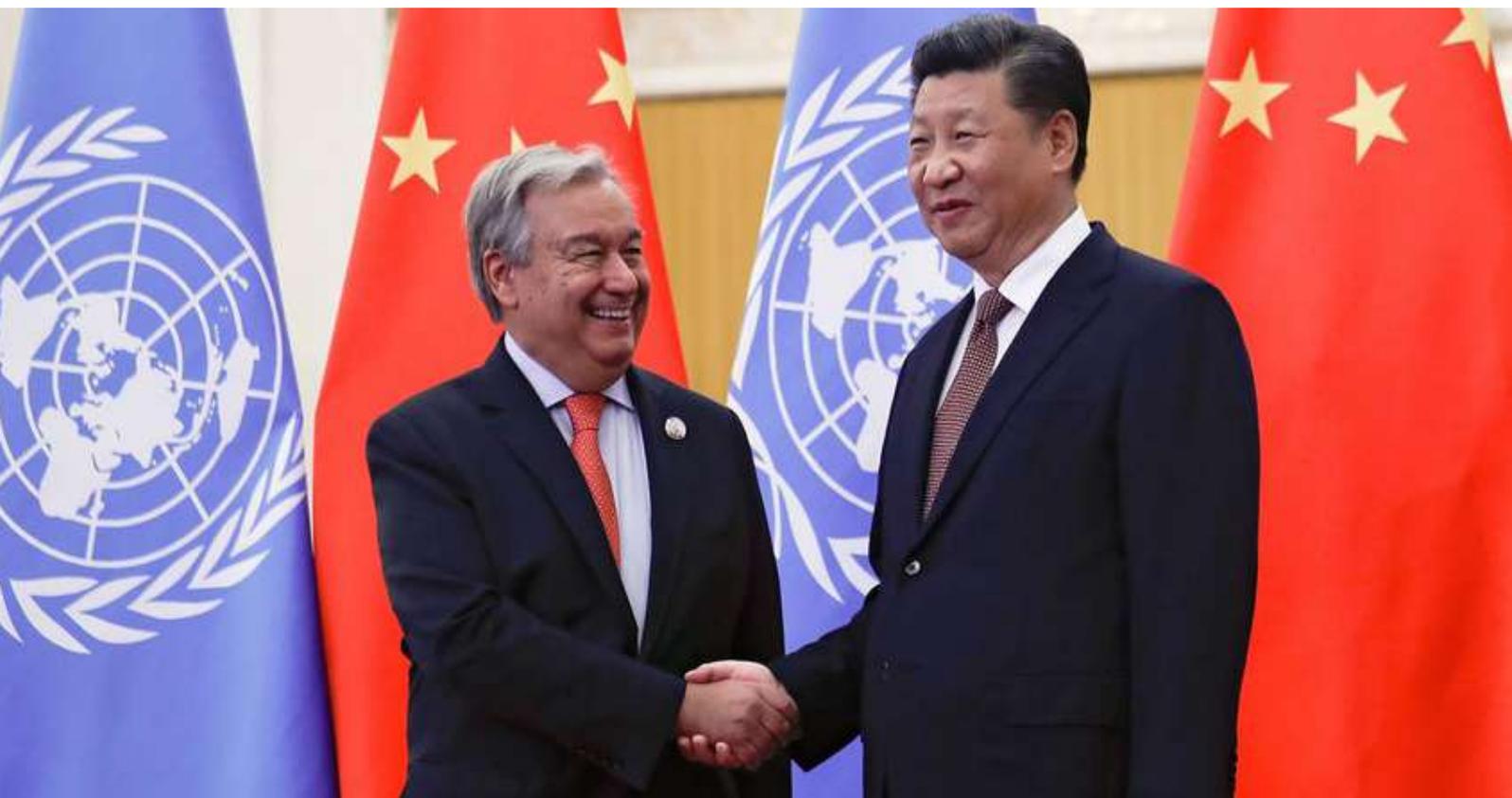
Cabo Verde com apoio para Zona Especial

O primeiro-ministro de Cabo Verde encontrou-se em Pequim com responsáveis do Banco de Desenvolvimento da China, “uma das maiores instituições financeiras do desenvolvimento no mundo”, escreveu José Ulisses Correia e Silva na sua conta pessoal no Facebook.

Correia e Silva escreveu ainda que o governo de Cabo Verde pretende elevar as relações com a China, “a fim de tornar o arquipélago num importante parceiro económico e estratégico daquele país”, nomeadamente com a construção conjunta da Zona Especial de Economia Marítima de São Vicente (ZEEMSV).

A ZEEMSV é um projecto para cuja construção o governo cabo-verdiano “deseja contar com fortes parcerias de instituições financeiras, nomeadamente do Banco de Desenvolvimento da China”.





O primeiro-ministro adiantou ter sido gratificante receber da parte do Banco de Desenvolvimento da China “abertura total para partilhar a sua grande experiência no financiamento da construção de infra-estruturas do género, bem como no desenvolvimento de uma cooperação profícua neste sector.”

Moçambique com memorandos

Entidades de Moçambique e da China assinaram em Pequim, durante um fórum de negócios que antecedeu o FOCAC, oito memorandos de entendimento, nas áreas das infra-estruturas, indústria, telecomunicações, agricultura e serviços financeiros.

No sector das infra-estruturas, foram assinados memorandos para a construção de uma estrada entre a província de Niassa, no extremo noroeste do país, e a Tanzânia, e a recuperação da Estrada Nacional número seis, que liga a cidade da Beira, em Sofala, à vila fronteiriça de Machipanda, na província de Manica.

Um outro memorando, entre a Administração Nacional de Estradas de Moçambique e a China Road and Bridge Corporation, inclui a construção de um troço entre Pambara, no distrito de Vilanculos e Mangungumete, no distrito de Inhassoro, na província de Inhambane, sul do país.

Outro documento prevê a construção de um sistema integrado de transportes entre o vale do Limpopo e o porto de Chongoene, no sul da província de Gaza. Parques industriais em Boane e Marracuene, na província de Maputo, fazem parte do memorando assinado entre o Ministério moçambicano da Indústria e do Comércio e o grupo China Civil Engineering Construction. Também o Ministério da Agricultura e Segurança Alimentar de Moçambique assinou um memorando com o grupo China Railway 20 Bureau Group Corporation e a Northwest University.

No sector da tecnologia de telecomunicações, a chinesa Huawei selou um memorando de entendimento com a Moçambique Celular, enquanto na área financeira o banco moçambicano

Millennium bim assinou um memorando com a UnionPay, empresa chinesa líder em sistemas de pagamentos electrónicos.

Guiné-Bissau pede apoio

O presidente da Guiné-Bissau, José Mário Vaz, revelou que apresentou às autoridades uma série de projectos ligados aos sectores da agricultura, turismo, pescas, infra-estruturas e minerais com vista a obter financiamentos para a sua concretização.

Em declarações à imprensa, o chefe de Estado guineense disse estar convicto de que os projectos seleccionados são “motores para o crescimento económico da Guiné-Bissau”, e que por esse motivo irão beneficiar do apoio financeiro do governo chinês. José Mário Vaz não quantificou o montante total dos projectos em causa, mas garantiu que uma vez financiados as autoridades chinesas vão acompanhar a execução dos planos.

Além de um encontro com o seu homólogo chinês Xi Jinping, a delegação guineense também visitou o agrónomo

Yuan Longping, conhecido como o “pai do arroz híbrido”, que introduziu uma nova variedade na produção daquela planta que tem tido resultados positivos nos arrozais da Guiné-Bissau.

Guterres enaltece papel do FOCAC

O Fórum de Cooperação China-África é um instrumento “absolutamente vital” para o sucesso do desenvolvimento do continente africano, como frisou António Guterres, secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), que fez um discurso no final do evento. “Este fórum é uma ferramenta importante, através da qual é

possível tanto para os líderes chineses como para os africanos discutirem assuntos de interesse comum. É uma peça central na cooperação Sul-Sul. Aliás, a cooperação Sul-Sul tem-se tornado cada vez mais importante no mundo de hoje e tem permitido aos países africanos beneficiar do notório crescimento económico da China nas últimas décadas”, acrescentou.

Descrevendo-se como um grande defensor de todas as iniciativas Sul-Sul, Guterres disse acreditar que a capacidade de compromisso da ONU depende muito do sucesso na África, em termos das expectativas da população mundial. “E com a dimensão e a

importância da economia chinesa, a cooperação económica entre África e a China desempenha um papel estratégico muito importante.”

O secretário-geral da ONU referiu ainda que foi “um grande prazer” ter sido convidado pelo Presidente Xi Jinping para a cúpula do FOCAC. Esta foi a segunda viagem de Guterres à China este ano e a terceira desde que assumiu o cargo na ONU. Durante a sua visita, Guterres referiu a oportunidade para discutir com as autoridades chinesas todos os aspectos das actividades da ONU e dos três pilares da organização (paz e segurança, direitos humanos e desenvolvimento). ■

• OITO INICIATIVAS PARA O FUTURO

1. PROMOÇÃO INDUSTRIAL

- Uma nova feira económica e comercial China-África será lançada na China para incentivar o investimento chinês em África.
- Zonas de cooperação económica e comercial em África serão melhoradas.
- 50 novos programas de assistência agrícola serão estabelecidos.

2. CONECTIVIDADE DE INFRA-ESTRUTURAS

- Um novo plano de infra-estruturas será coordenado com a União Africana.
- Mais empresas chinesas serão incentivadas a trabalhar em projectos de infra-estrutura africanos, particularmente em energia, transporte, informação, telecomunicações e recursos hídricos transfronteiriços.
- Mais voos directos serão estabelecidos entre a China e África.
- A China facilitará a emissão de títulos pelos países africanos para financiar projectos.
- Os países africanos terão mais acesso ao financiamento através do Banco Asiático de Investimento em Infra-estrutura, do Novo Banco de

Desenvolvimento e do Fundo da Rota da Seda

3. FACILITAÇÃO DO COMÉRCIO

- As importações de produtos não provenientes da África serão aumentadas.
- Os países africanos receberão apoio para participar da China International Import Expo, em Xangai, em Novembro.

4. DESENVOLVIMENTO VERDE

- Serão lançados 50 novos projectos para o desenvolvimento ecológico e protecção ambiental em África, incluindo áreas como a desertificação e a protecção da vida selvagem.
- Será criado um novo centro de cooperação ambiental China-África.

5. CAPACITAÇÃO

- A China apoiará África no planeamento do desenvolvimento económico e social.
- Dez acções de formação serão para oferecer treino vocacional.
- Um novo centro de cooperação em inovação China-África promoverá a inovação e o empreendedorismo dos jovens.
- A China oferecerá 50.000 bolsas de estudo a jovens africanos, bem como 50.000 oportunidades de estágio.

- 2000 jovens africanos vão receber viagens para visitas de intercâmbio.

6. CUIDADOS DE SAÚDE

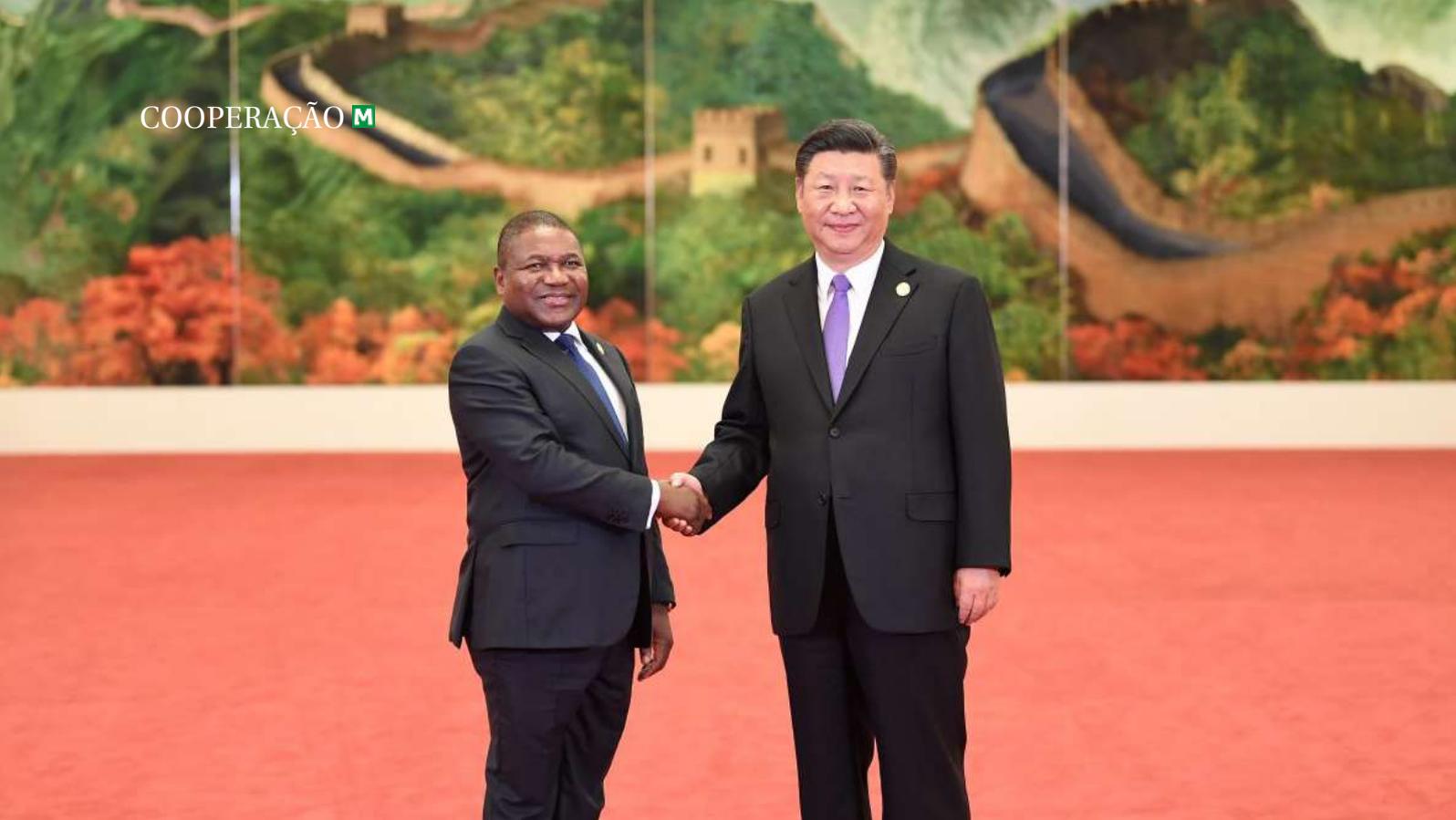
- Actualização de 50 programas de assistência médica e de assistência médica em África.
- Programas de cooperação em áreas como HIV/ SIDA e malária.
- Formação de mais médicos especialistas em África.

7. INTERCÂMBIO CULTURAL

- Um instituto de estudos africanos será estabelecido para melhorar a partilha de conhecimentos.
- 50 eventos culturais, desportivos e turísticos conjuntos serão organizados.
- Rede de meios de comunicação China-África será estabelecida.

8. PAZ E SEGURANÇA

- Novo fundo a ser criado para impulsionar os esforços de paz e segurança.
- A ajuda militar à União Africana será continuada.
- Novo fórum de paz e segurança China-África será estabelecido.
- 50 novos programas de segurança serão lançados.



MOÇAMBIQUE

A postos para assumir o papel de país parceiro na MIF

Moçambique é o “país parceiro” da 23.ª edição da Feira Internacional de Macau (MIF), organizada pelo Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM), que decorre nos dias 18, 19 e 20 de Outubro. A Agência para a Promoção de Investimentos e Exportação (APIEX) de Moçambique tem tudo a postos para aquela que considera ser “uma grande oportunidade” de o país utilizar Macau como plataforma para a China

T DALTON SITOE
EM MOÇAMBIQUE

MAIS DE 30 empresas moçambicanas com interesse no mercado chinês estão a preparar a sua participação na 23.ª edição da Feira Internacional de Macau (MIF), a decorrer de 18 a 20 de Outubro. O número final de empresas, no entanto, ainda não está completamente fechado e poderá chegar às 50, tendo em conta a previsão da Agência para a Promoção de Investimentos e

Exportação (APIEX) de Moçambique, instituição governamental responsável por organizar a presença de Moçambique na MIF.

A participação do país africano dá-se na sequência do convite formulado em Março para que se fizesse presente na maior feira de negócios da RAEM, na qualidade de “país parceiro”. O director-geral da APIEX, Lourenço Sambo, afirmou que as empresas foram seleccionadas tendo em conta as necessidades

da província de Fujian. “Fizemos um trabalho que consistiu na identificação das necessidades do mercado chinês, em particular da província de Fujian, e posteriormente endereçámos convites a empresas moçambicanas que melhor respondem às necessidades identificadas. Igualmente, divulgámos o evento através das nossas câmaras de comércio e associações económicas”, explicou Sambo à MACAU.

A participação moçambicana vai ter

em conta os quatro sectores prioritários para o presente quinquénio governamental naquele país africano. O Pavilhão de Moçambique foi pensado para apresentar um design com informação multissetorial sobre agricultura e agroprocessamento, infra-estruturas, energia e turismo. “Paralelamente, iremos organizar seminários temáticos, com um público especializado, onde iremos apresentar e discutir propostas concretas de investimento. Para os seminários serão definidos temas tendo em conta o potencial e o interesse da província parceira de Fujian”, acrescentou o dirigente.

Moçambique irá ainda privilegiar encontros de negócio para potenciar o estabelecimento de parcerias entre empresários chineses e moçambicanos. Aliás, a ambição levada para a MIF é a de atrair investimentos nas áreas prioritárias para Moçambique, bem como estabelecer parcerias estratégicas com empresários chineses.

Sambo considera um grande privilégio e uma responsabilidade a oportunidade de tomar parte de um evento como a MIF, na qualidade de “país parceiro”. “Ser o país parceiro é um enorme privilégio, pois a Feira serve de plataforma para o acesso a vários homens de negócios em várias áreas. É também uma grande responsabilidade, porque o nível de exigência do mercado chinês, e do asiático no geral, é maior. Mas acreditamos que Moçambique estará muito bem representado e poderá atrair vários investimentos e estabelecer parcerias”, aponta Lourenço Sambo.

Mais investimento

O primeiro-ministro de Moçambique, Carlos Agostinho do Rosário, garantiu que o seu país tem todo o interesse em desenvolver as relações com Macau na sua qualidade de plataforma na relação comercial entre a China e os países de língua portuguesa, com o objectivo de atrair mais empresas interessadas em investir em Moçambique.

O primeiro-ministro falava durante um encontro que teve em Maputo, em Março deste ano, com uma delega-



ção do IPIM, que esteve na capital moçambicana para promover a MIF Glória Batalha Ung, vogal executiva do IPIM, reuniu-se também com Liu Xiaoguang, conselheiro económico e comercial da Embaixada da República Popular da China em Moçambique, que assegurou que a representação diplomática chinesa mantém contactos estreitos com a APIEX, com vista a explorar vias de cooperação na facilitação do comércio, e manifestou o desejo de que um maior número de empresas chinesas possa desenvolver oportunidades de negócio em Moçambique.

Segundo dados do Conselho de Ministros de Moçambique, a economia do país cresceu a uma taxa de 3,2 por cento no primeiro semestre de 2018, um acréscimo de 20 pontos base relativamente ao valor apurado no período homólogo de 2017. De acordo com as previsões do Fundo Monetário Internacional (FMI), a perspectiva de curto prazo da economia de Moçambique é de uma recuperação gradual na actividade económica e uma inflação controlada, prevendo-se um crescimento real do Produto Interno Bruto de 3,5 a 4

por cento em 2018, que deverá crescer para 4 a 4,5 por cento em 2019.

As relações diplomáticas entre a República Popular da China e Moçambique foram formalmente estabelecidas a 25 de Junho de 1975, aquando da independência do país africano. No início de Setembro, durante a terceira edição do Fórum de Cooperação China-África (FOCAC), o presidente moçambicano, Filipe Nyusi, classificou a cooperação entre Moçambique e China como uma relação sólida que ninguém vai derrubar. “A árvore plantada com amor é a verdadeira amizade entre Moçambique e China porque ninguém a vai derrubar”, referiu, citado pela Agência de Informação de Moçambique (AIM).

Segundo os números apresentados pelo chefe de Estado no fórum de negócios que antecedeu o FOCAC, a China tornou-se num dos maiores investidores no país: no período entre 2013 e o primeiro semestre deste ano, foram aprovados 149 projectos correspondentes a 751 milhões de dólares norte-americanos de investimento directo estrangeiro, susceptíveis de criar cerca de 20 mil postos de trabalho. ■



FEIRA INTERNACIONAL DE MAPUTO

Macau na maior feira moçambicana de negócios

No mesmo ano em que Moçambique se torna “país parceiro” na Feira Internacional de Macau (MIF), a RAEM também participou na maior feira de negócios do país moçambicano com o objectivo de promover Macau como a plataforma ideal para a China

T DALTON SITO
EM MOÇAMBIQUE

A CHINA e a sua Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) estiveram representadas na maior montra de negócios de Moçambique, a 54.ª Feira Internacional de Maputo 2018 (FACIM), organizada pelo governo moçambicano por meio da Agência para a Promoção de Investimento e Exportação (APIEX). Trata-se de um evento de negócios que reuniu mais de 32 países expositores num só espaço, em Ricatla, distrito de Marracuene, entre 28 de Agosto e 2 de Setembro. Participaram

mais de 3000 empresas moçambicanas e 750 empresas estrangeiras, que receberam mais de 90 mil visitantes.

Sob o lema “Moçambique e o Mundo, alargando o mercado, promovendo investimento e potenciando parcerias”, a feira decorreu num recinto da exposição aberto, mas de acesso protegido. Os stands dos expositores ficavam dentro de grandes pavilhões feitos de tendas. Dentro do espaço onde decorria a feira, a atmosfera era animada. O som do movimento humano e de música preenchiam aquele espaço. Cada expositor, sobretudo fora das tendas,

procurava captar atenção dos visitantes, uns apresentando números artísticos e culturais, e outros com actuações de músicos ou bailarinos.

A China e a RAEM estiveram no Pavilhão Tunduro, onde também estavam empresas sul-africanas, portuguesas, alemãs, japonesas e de outros países. A China foi representada pela Super Tent, uma empresa que produz tendas. À MACAU, a gerente da Super Tent, Inês Yan, deu-se por satisfeita. “Já tínhamos uma certa presença em Moçambique, e aceitámos o convite de vir cá para mostrar que somos uma em-

presa credível e divulgar ainda mais o nosso produto. É a primeira vez que viemos participar neste evento. Sentimo-nos satisfeitos, porque desde o primeiro dia conseguimos estabelecer parcerias e conquistar mais clientes.” Se por um lado, era uma oportunidade para fazer negócio, por outro foi uma oportunidade para apreciar o que é feito em Moçambique e conhecer uma porção da cidade de Maputo, capital moçambicana. “Gostamos desta cidade, é muito bonita. Estamos hospedados junto à marginal e com vista para o mar, que é muito bonito. É uma cidade com um clima muito agradável e tem pessoas muito simpáticas e atenciosas”, apreciou a gerente. Ao lado do stand da Super Tent, estava a representação da RAEM, que chamava a atenção por uma grande foto da ponte Sai Van. Na sua bagagem, o Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM) levou consigo revistas e panfletos que apresentavam o mundo de negócios em Macau, sobretudo de eventos e exposições organizados na região, dando a cada pessoa que por ali passava

a oportunidade de poder conhecer os acontecimentos principais e recentes do mundo de negócios de Macau. Para o IPIM, a FACIM foi também uma ocasião para poder divulgar a 23.ª Feira Internacional de Macau (MIF) como chave para oportunidades de negócios. Sobre o evento, a ter lugar em Outubro, o stand promoveu as actividades a serem feitas e o balanço resumido da edição passada. A FACIM, sigla para Feira Agro-Pecuária, Comercial e Industrial de Moçambique, é um evento que reúne produtores, vendedores, investidores, importadores, exportadores, compradores. O objectivo principal da FACIM é a promoção das trocas comerciais, estimular a produção e o consumo, e a integração económica de Moçambique na economia mundial. O país tenta recuperar de um período de crise económica e financeira, procurando diversificar o leque de exportações – actualmente concentrado em minerais da indústria extractiva e de olhos postos na produção de gás natural aguardada para daqui a quatro anos. ■





BANCO PORTUGUÊS CRIA DEPARTAMENTO PARA A CHINA NA SUÍÇA

O Millennium BCP criou um departamento específico para a China na subsidiária que tem na Suíça, com o objectivo de atrair capital chinês, revelou o grupo Fosun International Ltd, principal accionista do banco português. “A Fosun abre-nos uma rede de potenciais clientes”, referiu recentemente o director do Millennium Banque Privée, José Salgado, acrescentando que com esta nova estratégia pretende atrair fundos de milionários chineses.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE PROPÕE CONSTRUÇÃO DE PORTO A EMPRESA DE MACAU

O governo são-tomense propôs à empresa Macau Legend Development, do empresário local David Chow, a construção do porto de águas profundas e a requalificação do aeroporto internacional do país. A proposta foi apresentada pelo ministro das Finanças, Comércio e Economia Azul de São Tomé e Príncipe, Américo Ramos, durante um encontro com uma delegação da empresa de Macau. David Chow esteve também com o primeiro-ministro de São Tomé e Príncipe, Patrice Trovoada. “A empresa está à procura oportunidades de negócios”, disse o empresário, que quer fazer uso da “plataforma que existe entre a China e os países de língua portuguesa” para se expandir. A Macau Legend Development tem investimentos em diversas áreas, nomeadamente agricultura, banca, jogo e hotelaria, e está actualmente a desenvolver um projecto turístico em Cabo Verde.



MACAU IMPORTA MAIS DE PORTUGAL

Macau importou de Portugal no primeiro semestre de 2018 produtos avaliados em 14,4 milhões de euros (cerca de 16,8 milhões de dólares norte-americanos), mais 29 por cento em relação ao mesmo período do ano anterior. Segundo dados divulgados pela Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal (AICEP), o sector alimentar representa metade do total de mercadorias que Macau compra a Portugal, registando um aumento de 15 por cento no período em análise, com destaque para o vinho, a carne suína fresca, refrigerada ou congelada, o azeite e águas.





GOVERNO PORTUGUÊS DESTACA PAPEL DAS CÂMARAS DE COMÉRCIO NA RELAÇÃO LUSO-MOÇAMBICANA

O secretário de Estado português da Internacionalização, Eurico Brilhante Dias, salientou em Moçambique o papel das câmaras de comércio no momento de melhoria económica que se vive em Portugal e Moçambique, com aproximação entre os dois países. “As câmaras de comércio têm um papel insubstituível na ligação entre as duas comunidades empresariais, num momento em que Portugal vive um contexto muito interessante, com crescimento económico, com diminuição do desemprego, mas também em Moçambique, onde perspectivamos dias mais felizes e simpáticos do que aqueles que tivemos nos últimos dois, três anos”, referiu o responsável.



BRASIL RECEBE DELEGAÇÃO CHINESA PARA DEBATER COMÉRCIO E INVESTIMENTO

Uma delegação chinesa visitou no final de Agosto o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços do Brasil, em Brasília, para discutir o reforço do comércio e dos investimentos para este ano e 2019. Numa reunião que juntou a ministra interina daquele departamento governamental brasileiro, Yana Dumaresq, e o ministro da Indústria e Informação Tecnológica da China, Miao Wei, foi discutida a Agenda Brasileira para a Indústria 4.0 (nome dado a um conjunto de medidas criado para promover a modernização do sector produtivo nacional), assim como a programação de encontros bilaterais para 2019. A China é actualmente o principal parceiro comercial do Brasil. No ano passado, Brasília exportou para a China o equivalente a 47 mil milhões de dólares norte-americanos e importou ao mercado chinês 27 mil milhões de dólares.



HUAWEI QUER AUMENTAR INVESTIMENTO EM ANGOLA

O grupo chinês Huawei quer reforçar o investimento em Angola em várias áreas das tecnologias de informação, referiu o vice-presidente da empresa, Ping Guo, num encontro em Agosto com o presidente daquele país africano, João Lourenço. Ping Guo indicou o interesse da multinacional chinesa em reforçar a aposta no fornecimento de soluções tecnológicas nas áreas económica e social do país. Também presente na reunião esteve Ryan Li, director-geral da Huawei em Angola, que referiu que, nesta fase, o importante é a melhoria de todos os recursos tecnológicos existentes em Angola, optimizando-os para um futuro melhor nos vários sectores da vida.

RPC FINANCIA NOVA AUTO-ESTRADA NA GUINÉ-BISSAU

A nova auto-estrada vai contar com três faixas de rodagem em cada um dos sentidos e está orçada em 16,5 milhões de dólares norte-americanos, com financiamento da República Popular da China. Um comunicado do Ministério das Obras Públicas, Construções e Urbanismo divulgado em Bissau refere que a construção deverá começar em breve. O documento refere que as autoridades de ambos os países já iniciaram os trabalhos preliminares a levar a cabo, nomeadamente a identificação das propriedades e residências que serão afectadas ao longo do troço e calcular o valor das respectivas indemnizações.



LUANDA E PEQUIM NEGOCEIAM NOVA LINHA DE CRÉDITO

O Governo angolano está a negociar uma nova linha de crédito com o ICBC – Banco Industrial e Comercial da China de 11.700 milhões de dólares norte-americanos destinados a projectos de infra-estruturas. De acordo com o Fórum de Cooperação China-África, Angola ainda está a negociar os termos para um empréstimo de 1282 milhões de dólares para pagar até 85 por cento do valor do contrato para a concepção, construção e acabamento do novo aeroporto internacional da capital de Angola. O aeroporto está a ser construído a 30 quilómetros de Luanda por várias empresas chinesas.



TÉCNICOS ANGOLANOS NA CHINA PARA FORMAÇÃO NA ÁREA DA TECNOLOGIA

Vinte e quatro técnicos angolanos estiveram em Agosto na China para participar num seminário sobre agricultura, pecuária e pesca, focado na utilização de tecnologias e na inspeção de qualidade. De acordo com a Embaixada da China em Angola, o programa incluía palestras, acções de intercâmbio com entidades chinesas e visitas a centros de processamento de produtos agrícolas, pecuários e pesqueiros, a instituições de inspeção de qualidade e a institutos de investigação tecnológica. Esta formação teve a duração de 20 dias e foi financiada pelo governo chinês.



BRASILEIRA ELETROSUL E EMPRESAS CHINESAS FECHAM PARCERIA PARA ENERGIA LIMPA

As empresas chinesas Shanghai Electric e Zhejiang Electric fecharam no final de Agosto uma parceria com a brasileira Eletrosul – Centrais Elétricas S.A. para a construção e operação de linhas de transmissão de electricidade no Estado do Rio Grande do Sul. A Shanghai Electric vai deter 44 por cento do capital desta sociedade, denominada SZE Transmissora de Energia Elétrica S/A, enquanto a Zhejiang Electric fica com 28,5 por cento e a Eletrosul com 27,5 por cento. Até ao ano de 2020, a SZE vai erguer cerca de 2000 quilómetros de linhas de transmissão de electricidade para escoar a produção de futuras centrais eólicas na região e fornecer energia a 1,2 milhões de pessoas. O projecto deverá criar cerca de 11 mil postos de trabalho, representando um investimento de 967,2 milhões de dólares norte-americanos.

ENSINO DO MANDARIM VAI CHEGAR AO SECUNDÁRIO EM CABO VERDE

O ensino do mandarim vai ser alargado aos alunos do 10.º ano já no próximo ano lectivo, revelou o delegado do Ministério da Educação na capital, Praia. Ao país vão chegar docentes “para auxiliar no ensino do mandarim nas escolas secundárias”, referiu Adriano Moreno. “Os alunos, para além de ter uma nova ferramenta de pesquisa e de leitura, se forem estudar na China, terão outras vantagens”, vincou ainda o responsável.



葡語國家食品資料庫
 BASE DE DADOS DOS PRODUTOS
 ALIMENTARES DOS PAÍSES DE
 LÍNGUA PORTUGUESA

中葡雙語人才資料庫
 BASE DE DADOS DE PROFISSIONAIS
 QUALIFICADOS EM CHINÊS
 E PORTUGUÊS

專業服務供應商
 FORNECEDORES DE
 SERVIÇOS PROFISSIONAIS

會展資訊
 INFORMAÇÃO SOBRE
 CONVENÇÕES E EXPOSIÇÕES

經貿信息
 INFORMAÇÃO ECONÓMICA
 E COMERCIAL

法規資訊
 LEIS E REGULAMENTOS



中國-葡語國家經貿
 合作及人才信息網

PORTAL PARA A COOPERAÇÃO NA
 ÁREA ECONÓMICA, COMERCIAL E DE
 RECURSOS HUMANOS ENTRE A CHINA
 E OS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA



主辦單位：

Entidades Organizadoras :

中華人民共和國商務部
 Ministério do Comércio da
 República Popular da China

澳門特別行政區政府經濟財政司
 Secretária para a Economia e
 Finanças da RAEM

承辦單位：

Entidade Coordenadora :



澳門貿易投資促進局
 Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau
 Macau Trade and Investment Promotion Institute



WWW.PLATFORMCHINAPLP.MO



CHUI SAI ON NA REUNIÃO DE LÍDERES DA GRANDE BAÍA

Uma oportunidade única para Macau

Na primeira reunião de trabalho do Grupo de Líderes para o Desenvolvimento da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, que teve lugar em Agosto, em Pequim, discutiu-se a construção de um centro internacional de inovação de ciência e tecnologia, com o Governo Central a apoiar Macau como plataforma na área da medicina tradicional chinesa

T LUCIANA LEITÃO

A PRIMEIRA reunião de trabalho do Grupo de Líderes para o Desenvolvimento da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, que contou com a participação do Chefe do Executivo da RAEM, Chui Sai On, marcou o arranque de uma nova fase no desenvolvimento da Grande Baía. Prepararam-se assim as linhas para que este núcleo de nove cidades do Interior do País e das duas regiões administrativas especiais se venha a transformar num centro de inovação mundial. O Grupo de Líderes para o Desenvol-

vimento da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau é constituído pelo Governo Central e liderado pelo vice-primeiro-ministro, Han Zheng. Na primeira reunião de trabalho, “debateram-se e analisaram-se os documentos apresentados e estudou-se o planeamento dos trabalhos da próxima fase”.

A estreia das RAE

Tratando-se esta da primeira vez que Macau e Hong Kong fazem parte de um organismo decisório nacional, Chui Sai On referiu em Pequim, segundo um comunicado oficial, que o Gover-

no “está ciente de que terá de aumentar a consciencialização dos interesses gerais e de assumir as suas responsabilidades, devendo agir e coordenar de forma activa”.

O Chefe do Executivo declarou ainda que a Grande Baía irá trazer à região uma oportunidade única de desenvolvimento. “Dessa forma, Macau empenhará todos os esforços para articular as suas políticas com o planeamento uniformizado das estratégias nacionais”, além de impulsionar o desenvolvimento da diversificação económica e aperfeiçoar as condições de vida da população.

Chui Sai On anunciou também que, para facilitar o investimento dos residentes de Hong Kong e Macau no Interior do País e acelerar a construção do centro internacional de inovação de ciência e de tecnologia, será lançada em breve uma série de medidas nacionais.

Em primeiro lugar foram discutidas estratégias para a construção do centro internacional de inovação de ciência e de tecnologia no âmbito da Grande Baía, cuja coordenação vai estar a cargo da Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma, dirigida por He Lifeng. Neste campo, mencionou-se que “o Governo Central apoia o desenvolvimento de Macau como plataforma na área da medicina tradicional chinesa”.

Além disso, deverão ser reduzidas, de forma significativa, as tarifas de roaming entre Guangdong, Hong Kong e Macau, sobretudo para as pessoas que viajam com frequência entre estes três locais.

Depois, serão também criadas facilidades aos residentes de Macau e de Hong Kong que queiram trabalhar e criar os próprios negócios no Interior do País. O Conselho de Estado anunciou a revogação do sistema de autorização de trabalho no Interior do País

para os residentes das duas regiões administrativas especiais.

O papel das regiões

“É a primeira vez que os chefes do executivo das duas regiões foram incluídos em organismos centrais de tomada de decisão, o que demonstra que o Governo Central está a prestar atenção ao papel de Hong Kong e Macau na Grande Baía”, destaca o jornal China Daily.

Han Zheng afirmou, nesta reunião de trabalho, que o desenvolvimento da Grande Baía deve utilizar as vantagens do princípio “um país, dois sistemas” e aproveitar os benefícios da província de Guangdong e das regiões de Hong Kong e de Macau, de forma a construir uma região global competitiva.

Citado pelo jornal chinês, Han Zheng afirmou que a implementação da Grande Baía é uma estratégia nacional planeada e delineada pelo Presidente, Xi Jinping.

O desenvolvimento deste núcleo urbano, que envolve nove cidades do Interior do País e as duas regiões administrativas especiais, deve obedecer ao princípio “um país, dois sistemas” e respeitar a Constituição nacional e as leis básicas de Hong Kong e de Macau.

O vice-presidente deixou várias mensagens: as de que se devem utilizar as vantagens integradas de Guangdong e das duas regiões administrativas especiais para transformar a Grande Baía num aglomerado de nível mundial que seja internacionalmente competitivo, favorecendo o desenvolvimento a longo prazo do país, integrando, por exemplo, a iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”. No início de Junho, o Governo de Macau divulgou uma nota em que explicou o projeto da construção da Grande Baía. Além de Guangdong, Hong Kong e Macau, a região da Grande Baía abrange nove localidades: Cantão, Shenzhen, Zhuhai, Foshan, Huizhou, Dongguan, Zhongshan, Jiangmen e Zhaoqing. Esta região conta com mais de 110 milhões de habitantes.

Assim, além de estreitar relações entre as regiões da Grande Baía e os países de língua portuguesa, Macau pretende intensificar outros laços com estas regiões chinesas em matérias como o comércio de mercadorias e de serviços, facilidades nas alfândegas e comércio electrónico transfronteiriço, bem como intensificar a promoção internacional da indústria do turismo e da medicina tradicional chinesa. ■





ÁREA DA GRANDE BAÍA

Hong Kong: uma economia integrada no socialismo de mercado de características chinesas

O Índice de Liberdade Económica 2018, publicado anualmente pela Heritage Foundation, colocou Hong Kong, uma vez mais, como a economia mais livre do mundo, com um índice de 90,2 em 100, muito próximo dos 90,5 pontos que possuía em 1996, um ano antes da fundação da Região Administrativa Especial de Hong Kong (RAEHK). Esse resultado salienta, mais do que palavras desnecessárias, como as características da economia de Hong Kong que a tornaram mundialmente famosa estão bem vivas, 20 anos após o seu retorno à soberania plena da República Popular da China (RPC)

T JOSÉ LUÍS SALES MARQUES

O MITO do capitalismo liberal de Hong Kong foi alimentado pelas diversas narrativas que se criaram em torno do sistema que levou, em pouco mais de século e meio, um turbulento en-

treposto a se tornar numa das maiores economias exportadoras do mundo e uma plataforma de serviços de alto valor acrescentado. Só possui um único recurso natural, o seu porto oceânico, cuja profundidade e extensão, associados à localização geográfica no ponto

onde o Delta do Rio da Pérolas encontra o Mar do Sul da China, lhe conferem uma situação geoeconómica incontornável na ligação entre a China e o resto do mundo.

Esta característica tem sido bem potenciada por uma população laborio-

sa, diversificada e criativa, com uma mentalidade extremamente competitiva e de espírito empreendedor. A isso junta-se uma governação cujo objectivo central foi sempre o de proporcionar à iniciativa privada um ambiente favorável aos negócios, desde que esses gerassem receitas fiscais suficientes para manter cheios os cofres do Tesouro.

Essa fé colectiva no mercado e na força impulsionadora de uma economia aberta, mais do que uma postura liberal tout-court, no sentido da não intervenção do Estado na economia, foi o que fez e continua a fazer de Hong Kong o que é no plano interno e, no plano externo, um agente activo no processo de internacionalização que a partir de 1978 anima a economia chinesa, e um dos grandes beneficiários desse mesmo processo.

Esta região não seria o que é hoje, uma placa giratória de negócios regionais e intercontinentais, um dos maiores mercados e centros financeiros da Ásia, uma metrópole cosmopolita, um centro de logística e fornecedor de serviços por excelência de nível mundial, e um importante pólo de cultura e saber, se não fosse a RPC. E, se a RPC não tivesse, a partir de 2000, levado a cabo políticas públicas favoráveis para a economia de Hong Kong, com o

duplo objectivo de ajudá-la a superar situações de dificuldade económica, como foi em 2003 com o acordo CEPA, e a integrá-la no processo de desenvolvimento económico nacional como o presente processo de construção da Área da Grande Baía.

Sistema de Governo

A RAEHK foi estabelecida a 1 de Julho de 1997 e é governada de acordo com o princípio “Um país, dois sistemas”, com a sua própria Lei Básica, promulgada pelo então Presidente da RPC Yang Shangkun, a 4 de Abril de 1990, que assegura que o sistema em vigor à data da transferência de poderes da Grã-Bretanha permanecerá inalterado por 50 anos. O governo de Hong Kong é constituído por um Chefe do Executivo, actualmente exercido por Carrie Lam, que é eleito pela Comissão de Eleição para o Chefe do Executivo e nomeada pelo Governo Central da RPC. O Chefe do Executivo é assistido pelo Conselho Executivo em matéria associada à introdução de legislação e ordens executivas, constituído por 32 membros. O Chefe do Executivo é coadjuvado nas suas funções governativas por três secretários ‘seniores’: o Secretário para a Justiça, o Secretário Chefe para a Administra-

ção, segunda figura da hierarquia governamental, e o Secretário para as Finanças. O Secretário Chefe coordena o trabalho de nove secretários ‘juniores’ e o Secretário das Finanças, outros quatro secretários do mesmo nível. As funções executivas do Governo são implementadas por 13 gabinetes de formulação de políticas e 56 departamentos da administração pública, num total de cerca de 180 mil trabalhadores da função pública.

O órgão legislativo por excelência é o Conselho Legislativo (LegCo). É composto por 70 membros, 35 dos quais eleitos directamente por círculos geográficos e outros 35 por círculos funcionais, incluindo aqui os cinco membros representativos dos conselhos distritais. Ao LegCo compete também fiscalizar a acção do governo, debater questões de interesse público, apreciar e aprovar orçamentos, receber e debater com o Chefe do Executivo as suas linhas de acção governativa e endossar a nomeação e destituição dos Juizes do Tribunal de Última Instância e o Juiz presidente do Tribunal Superior.

Os tribunais são independentes em Hong Kong e prevalece o primado da lei, com base no sistema jurídico do direito comum.

A RAEHK é dotada de Conselhos dis-





triais, órgão de pendor municipal e destinados a promover projectos locais e agir nas áreas recreativas, culturais e de actividades comunitárias.

Geografia e População

Localizado na costa meridional da China, o território da RAEHK é constituído pela ilha de Hong Kong e as suas ilhas adjacentes, ocupando 80,72 quilómetros quadrados; por Kowloon, com 46,94 quilómetros quadrados e pelos Novos Territórios e as suas ilhas, incluindo a de Lantau, com 978,76 quilómetros quadrados, numa área total de 1106,42 quilómetros quadrados. A sua jurisdição marítima estende-se por 1648,61 quilómetros quadrados, onde se localizam 261 ilhas. O território é muito acidentado e com dezenas de montanhas e colinas, 19 das quais atingem altitudes que variam entre 344 e 957 metros.

Hong Kong é uma das localidades com maior densidade populacional no mundo. Com uma população de 7,4 milhões de habitantes, a densidade populacional é de cerca de 7 mil habitantes por quilómetro quadrado. A maioria da população tem a sua origem nas diversas prefeituras das províncias de Guangdong, Fujian e Xangai.

Os grupos característicos de Chaoshan, os falantes do dialecto de Teochew (Chiu-Chow), com a sua própria gastronomia regional, e os Hakka,

uma das etnias dominantes nos Novos Territórios. Todos esses, em conjunto com os pescadores Tanka, compõem uma paleta multiétnica muito interessante e rica de tradições locais. A população estrangeira constituída por europeus de várias proveniências, americanos, indianos, filipinos e indonésios, que totalizam oito por cento da população, bem como novos imigrantes provenientes da RPC, falantes de mandarim, contribuem para projectar uma aura de multiculturalidade e cosmopolitismo. A população com origem em Macau e de raiz luso-asiática está hoje reduzida a poucas centenas, mantendo ainda traços identitários originais e a frequência de agremiações tradicionais como o Clube Lusitano e o Clube Recreio.

Industrialização

Preços relativamente baixos de bens alimentares importados da RPC, abundantes recursos de mão-de-obra e a existência de empreendedores e de capitais em busca de novas oportunidades, tais foram as circunstâncias que favoreceram a industrialização de Hong Kong na década de 1950, baseada no modelo de produção manufatureira, de mão-de-obra intensiva e baixo valor acrescentado, e destinado à exportação. Imigrantes provenientes de Xangai criaram a indústria de fiação de algodão e as estruturas básicas de uma indústria têxtil. A diversificação do tecido industrial deu-se de forma orgânica, de acordo com as vantagens competitivas da região, em direcção à indústria de confecções, de aparelhos eléctricos, de plásticos e outras com teor intensivo na utilização do factor trabalho. Foi um processo em certa medida sui generis, de multiplicação de pequenas e médias empresas no tecido industrial em vez da consolidação dessas em grandes grupos, mantendo-se uma feroz competição entre empresas e garantindo a competitividade dos produtos "Made in HK" no mercado internacional.

Ao contrário de outras economias asiáticas, como Japão, Coreia do Sul ou

Singapura, para citar algumas das que se vieram a chamar Tigres Asiáticos, ou da própria RPC dentro do seu próprio contexto de economia planificada e posteriormente praticando o chamado socialismo de mercado, o Governo de Hong Kong não teve papel relevante no planeamento do desenvolvimento industrial, exercendo uma atitude liberal e sobretudo regulatória, no sentido de manter o funcionamento eficiente do mercado, nas suas diversas componentes. A atitude do Governo de Hong Kong, que passou a ser conhecida por “positive non-intervention” (não intervenção positiva), foi antes de agir no sentido de manter uma certa paz social por um lado, e manter, de forma indirecta, o custo do factor trabalho a níveis relativamente baixos.

A sua política de habitação pública e social foi a chave para se atingir esse objectivos. Ao investir na edificação em larga escala de um parque habitacional capaz de acolher os milhões de imigrantes que acorriam ao seu território, garantia a existência de uma certa forma de engenharia social; por outro, limitando o custo da habitação a níveis

relativamente baixos, permitia que os salários praticados na indústria permanecessem também competitivos.

Para além da habitação, a construção de infra-estruturas públicas, o investimento na educação, na saúde e na realização de aterros em grande escala para alargar a área territorial são outros aspectos duma intervenção governamental que ajudou a promover o ambiente propício ao crescimento de Hong Kong como centro de comércio e indústria de nível mundial. Outra área de grande importância foi o desenvolvimento de um ambiente legal e regulatório, baseado na Common Law, facilitador para a realização de negócios, instalação de empresas estrangeiras e atractivo para a fixação de técnicos não residentes no seu território. Tudo isso acompanhado de uma carga fiscal leve para rendimentos do trabalho e das empresas. Com este conjunto de condições holísticas, Hong Kong projectou-se no universo comercial e económico mundial como uma das grandes praças financeiras da Ásia e o centro aglutinador de negócios para

a China, uma das sedes preferenciais para o estabelecimento de empresas transnacionais na região.

O futuro de Hong Kong e a política de abertura da China

Quando o futuro de Hong Kong e o seu retorno à China começou a ser negociado entre a RPC e a Grã-Bretanha em 1982, já a região atingia um relevante estatuto económico e financeiro internacional, cuja estabilidade e prosperidade teria que ser bem preservadas. Essa preocupação ficou bem patente na solução do princípio “um país, dois sistemas”, criada pelo artigo 31.º da Constituição da RPC de 1982, e na Declaração Conjunta Sino-Britânica de 1984.

Beneficiando da política de abertura da China proclamada em 1978, a sua importância para o crescimento das economias do Delta do Rio das Pérolas, e de também de todo o Interior do País, era inquestionável. A sua economia estava em processo de reestruturação, com as indústrias manufaturei-



ras a serem transferidas para Macau ou para a Província de Guangdong, nomeadamente as regiões económicas especiais de Shenzhen e Zhuhai. Ainda assim, todas as fases de pré-produção e distribuição de elevado valor acrescentado eram controladas a partir de Hong Kong. Eram operações com elevado teor de eficiência em todos os aspectos. Assim se desenvolveram elevadas competências em todas as áreas de serviços, em design, contabilidade e auditoria, finanças e assessoria jurídica, transportes, logística e turismo. A capacidade de atrair capitais estrangeiros foi também crucial para consolidar o papel da sua praça financeira como das mais importantes do mundo. Praça onde a economia chinesa se fornecia primordialmente em termos de financiamento, de contactos, de necessidades de divisas estrangeiras e todo o know-how necessário para montar a partir de uma economia autárquica e planificada, os pilares fundamentais para a gradual introdução da economia de mercado. O produto per capita de Hong Kong passa de 5660 dólares de Hong Kong em 1980 para HKD 27.210 em 1997, aumentando 4,8 vezes em apenas 18 anos.

A comunidade portuguesa e macaense de Hong Kong

Constam entre as firmas pioneiras de Hong Kong algumas fundadas por portugueses originários de Macau, como foi o caso da empresa de navegação J.J. dos Remédios e Co., de João José Dos Remédios, que prosperou nos negócios e foi um dos primeiros proprietários de terras em Pok Fu Lam, antiga zona rural na ilha de Hong Kong e onde está hoje instalada a Universidade de Hong Kong. Estavam definitivamente ultrapassados os tempos em que a maioria dos comerciantes preferia Macau para residir, não só para si próprios como, principalmente, para as suas famílias (Friends of China and Hong Kong Gazette, 26 de Julho de 1845).

Vários funcionários públicos de instituições britânicas sediadas em Ma-



cau, como foram os casos de Leonardo D'Almada e Castro e o seu irmão José Maria D'Almada e Castro, ambos colaboradores da Superintendência do Comércio Britânico, emigraram para Hong Kong em 1842, quando aquele organismo regulador do comércio na China passou a estar sediado na naquela região. Acompanhando o sinal dos tempos e procurando novas oportunidades que Macau em declínio não era capaz de oferecer, empresas de Macau ou fundadas a partir desse território, bem como funcionários comerciais e governamentais, cujo conhecimento de línguas fazia deles excelentes intérpretes, começaram a acorrer à vizinha colónia. Tal movimento migratório estendeu-se até meados do século passado.

Entretanto, o crescimento da comunidade de origem portuguesa levou à fundação do Clube Lusitano, em 1866, ocupando um edifício inteiro de estilo neoclássico na Shelley Street, à Mid-Levels, com salões, biblioteca e até uma sala para teatro. Mais tarde, à medida que a comunidade de origem portuguesa crescia, e ia mudando as suas moradas para Kowloon e outras zonas da ilha de Hong Kong, a sede do Clube Lusitano foi deslocada para uma zona mais central, na Ice House Street,

onde ainda se encontra. Tal aconteceu em 1920 e a actual sede do clube ficou construída em 2002, ocupando as instalações do clube os pisos superiores do edifício de 27 andares.

O Clube Lusitano é um dos fundadores do Conselho das Comunidades Macaenses, o organismo sediado em Macau que apoia as Casas de Macau espalhadas pelo mundo e promove o Encontro das Comunidades Macaenses todos os triénios, com o apoio do Governo da RAEM. Outros dos clubes de grande relevo ao serviço desta comunidade é o Clube Recreio, instalado em Kowloon desde 1910, e que possui instalações desportivas de grande dimensão e qualidade e sede de importantes equipas de futebol, hóquei em campo, atletismo e outros desportos.

A comunidade portuguesa faz parte da história de Hong Kong, onde inclusive verteu o seu sangue na defesa e resistência à ocupação japonesa. São ainda muitos aqueles que continuam a contribuir com o seu trabalho, capital e saber para o engrandecimento da RAEHK. Alguns dos seus nomes fazem parte da história de Hong Kong e da presença portuguesa no Oriente e da diáspora macaense, entre os quais, Leo D'Almada e Castro, Delfino Noronha, José Pedro Braga, José Maria

Braga, Coronel Henrique Botelho, Sir Albert Rodrigues, Sir Roger Lobo e Arnaldo de Oliveira Sales.

A Região Administrativa Especial de Hong Kong

À meia-noite do dia 1 de Julho de 1997 era criada a Região Administrativa Especial de Hong Kong, pondo fim a 156 anos de administração britânica. A RPC punha então em prática o princípio de “um país, dois sistemas”, que se pode considerar como a forma mais avançada e tolerante de coexistência de duas realidades tão distintas, quase diametralmente opostas, de sistemas políticos, modos de vida, conceitos de liberdade e direitos humanos, de abertura ao mundo, dois universos distintos sob a mesma bandeira nacional. Tudo isso, para manter o sistema de Hong Kong inalterado durante os próximos 50 anos, até 2047.

Ainda se celebrava este feito extraordinário e já a nova região enfrentava um dos problemas mais graves da sua recente existência, a crise financeira asiática, disparada um dia depois, quando o governo tailandês foi forçado a deixar a sua moeda, o Baht, flutuar em queda livre. Esta crise testou a resiliência do dólar de Hong Kong e do seu regime de câmbio fixo em relação





ao dólar americano, fixado em 1983, à taxa de HKD 7,80 para USD 1, bem como a capacidade da sua autoridade monetária em a defender dos ataques especulativos internacionais.

Tal batalha foi ganha por Hong Kong, o que fez crescer ainda mais a confiança dos mercados no novo regime instalado, apesar da bolsa de Hong Kong ter sofrido gravemente os efeitos secundários dessa batalha e da crise em geral. O PIB de HK sofreu uma quebra de 5,88 por cento em 1998 em relação ao ano anterior. Entretanto, com o dealbar do milénio, a economia voltava a crescer para ser outra vez afectada agora pela crise gerada pela pandemia da pneumonia atípica conhecida por SARS (ver tabela), que provocou graves prejuízos com particular gravidade nos sectores de comércio e turismo. Também o Interior do País e Macau, bem como outras economias da região, passaram por sérias dificuldades. Para apoiar a recuperação económica das regiões administrativas especiais e promover a sua integração regional,

a RPC instituiu os Acordos de Estreitamento das Relações Económicas e Comerciais entre o Interior da China e Macau (CEPA) em 2003. Esses acordos são compatíveis com as regras da Organização Mundial do Comércio, à qual a RPC aderiu em 2001, e estabelecem “um relacionamento semelhante a parceiros de comércio livre, num país, com duas regiões aduaneiras autónomas” (www.cepa.gov.mo). A liberalização sob o mecanismo CEPA estende-se ao comércio de mercadorias, serviços, investimento, entre outros. Todavia, os efeitos mais visíveis resultam da liberalização de vistos individuais emitidos a visitantes chineses às duas regiões, quando antes predominavam os vistos em grupo.

A inclusão de Hong Kong e Macau no 11.º (2006-2010), no 12.º (2011-15) e no 13.º (2016-2020) Planos Quinquenais do Interior do País foi um passo importante no impulso institucional para reforçar a ideia de “um país” mantendo a autonomia dos “dois sistemas”, e elevar o contributo das regiões admi-

nistrativas especiais para o desenvolvimento nacional.

Hong Kong e a Área da Grande Baía

A economia da RAEHK é a que possui o maior PIB na Área da Grande Baía, com cerca de 341,45 mil milhões de dólares norte-americanos em 2017, e o segundo maior PIB per capita – com 37.927 dólares norte-americanos -, atrás apenas de Macau. É, de longe, a região que atrai mais Investimento Directo Estrangeiro, com cerca de 11 mil milhões de dólares norte-americanos, 3,72 vezes mais do que todas as outras cidades combinadas da área. Da sua riqueza, 92,7 por cento é gerada pelo sector de serviços e 7,2 por cento pela indústria, o que faz também dela a economia mais terceirizada.

A sua centralidade na rede económica e comercial do Delta do Rio das Pérolas e o seu papel de centro regional para empresas globais é testada pela sua capacidade de concentrar sete empresas dentre as 500 maiores da revista Fortu-

ne. Todavia, apesar de todos esses indicadores, o desenvolvimento económico na região do Delta do Rio das Pérolas e em muitas regiões da China foi relativamente mais acelerado.

Como referido, o PIB da RAEHK é o maior da Área da Grande Baía, mas por mais quanto tempo? Tanto Cantão como e Shenzhen deram saltos extraordinários e aproximaram-me muito dos números de Hong Kong. Em 1997, o PIB de Hong Kong representava 18,4 por cento do PIB da China e aquelas duas cidades apenas 2,2 por cento e 1,7 por cento, respectivamente. Passados 21 anos, as economias de Hong Kong, Cantão e Shenzhen são muito próximas em termos de produto e cotizadas com o PIB da RPC (ver tabela) representam, respectivamente, 2,8 por cento, 2,6 por cento e 2,5 por cento (dados oficiais divulgados pelo Financial Times, a 21 de Junho de 2017).

Por outro lado, o porto de Hong Kong processa 256 milhões de toneladas de carga ao ano, o que o coloca em segundo lugar em relação a Cantão. O aeroporto é o maior da região com 70,5 milhões de passageiros por ano e as receitas de turismo atingiram 41 mil milhões de dólares norte-americanos em 2016. Mas a maior parte dessas receitas são geradas por turistas do Interior do País. A cooperação em turismo na Área da Grande Baía foi recentemente intensificada com o lançamento da Aliança Turística das 11 cidades da Área

da Grande Baía. Existem também sinais de que mais medidas serão tomadas no futuro para facilitar a circulação de turistas nesta região e concretizar o projecto de ligar todos as suas cidades numa rede multidesestino, onde quaisquer dos seus pontos venha a estar a uma hora do outro.

Quando por ocasião da celebração do 20.º aniversário da fundação da RAEHK, o Presidente Xi Jinping presidiu, a 1 de Julho de 2017 em Hong Kong, à assinatura do Acordo-Quadro para promover a construção da Área da Grande Baía, firmado entre a Comissão Nacional para o Desenvolvimento e Reforma (CNDR), o Governo Popular da Província de Guangdong, e os Governos das Regiões Administrativas Especiais (RAEs) de Hong Kong e de Macau. Este gesto revestiu-se de grande simbolismo e prevê imensas consequências práticas. Este acordo visa maximizar as vantagens globais e aprofundar a integração destas três regiões localizadas no Delta do Rio das Pérolas, no quadro e sob o princípio de “um país, dois sistemas”, e transformar a Área da Grande Baía numa megapólis mundial altamente competitiva, oferecendo à sua população elevada qualidade de vida e excelentes condições para residir, trabalhar e viajar.

O papel reservado a Hong Kong enquadra-se perfeitamente na descrição até agora feita das vantagens competitivas da RAEHK, nomeadamente enquanto

grande centro financeiro internacional, cuja Bolsa de Valores é a sétima maior do mundo em capitalização do mercado, a sua posição-chave como centro offshore internacional de negócios em renmibi e de gestão patrimonial a nível internacional, como plataforma para o desenvolvimento de serviços especializados e de actividade de inovação tecnológica, bem como de centro internacional de serviços jurídicos e de resolução de litígios na região da Ásia-Pacífico, e centro logístico de transportes e de comércio.

Enquanto se aguarda pela publicação das Linhas Gerais do Planeamento e Construção da Grande Baía, várias iniciativas estão a ser anunciadas, nomeadamente a criação de dois novos laboratórios de investigação tecnológica em Hong Kong, com apoio estatal chinês, abertas à cooperação internacional, que visam elevar o perfil de inovação e tecnologia desta região e contribuir para o desenvolvimento da Área da Grande Baía. Estes e outros institutos de investigação e inovação criados em 2006 pelo governo da RAEHK terão de certa forma papel decisivo na re-industrialização de Hong Kong em direcção às indústrias de alto valor acrescentado, que não necessitam de muito espaço para o seu desenvolvimento.

Para a consolidação deste projecto, Hong Kong conta com cinco entre as 50 melhores universidades da Ásia, no ranking da Times Higher Education





de 2018: Universidade de Hong Kong (HKU), a Universidade de Ciência e Tecnologia de Hong Kong (HKUST), a Universidade Chinesa de Hong Kong (CUHK), a Universidade Cidade de Hong Kong (CityU's) e a Universidade Politécnica de Hong Kong (PolyU). Todo o edifício educativo da RAEHK é extremamente concorrencial, quer enquanto projectos educativos, quer quanto ao nível de exigência e grau de dificuldade no acesso aos mesmos. Todavia, são os projectos de grande envergadura que promovem a conectividade entre as cidades da Área da Grande Baía, que chamam a maior atenção do público e materializam o processo de integração regional em curso. Dentre esses, o mais significativo, até pela dimensão do investimento, é a ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau, já concluída, e que representa o maior empreendimento congénere do mundo. Essa ponte irá reduzir o tempo de viagem

necessário entre Hong Kong, na margem Ocidental do Delta do Rio das Pérolas, com Macau e Zhuhai, situadas na sua Margem Oriental. Mais do que a compressão de espaço e tempo que ela proporciona, este empreendimento representa o quebrar de uma barreira psicológica que separava as duas margens, uma percebida como sendo mais desenvolvida e cosmopolita, onde se situa Hong Kong e Shenzhen, doutra mais local ou regional, com Macau e Zhuhai. A nova linha férrea de alta velocidade Cantão-Shenzhen-Hong Kong passará a ligar Hong Kong a Cantão em 48 minutos, em vez das mais de duas horas presentemente necessárias; e Hong Kong a Shenzhen em 23 minutos, reduzindo para quase um terço o tempo actualmente requerido para esta viagem.

A construção da Grande da Área Baía é o projecto nacional que marca a realidade política e económica do Delta do

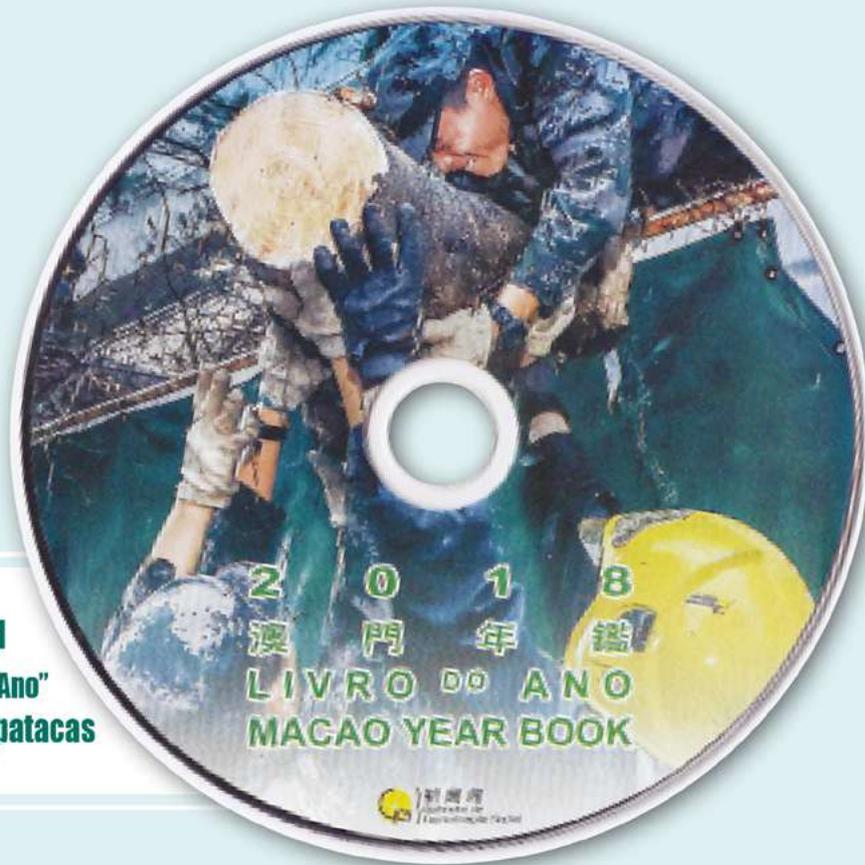
Rio das Pérolas, a Província de Guangdong e as duas regiões administrativas especiais da República Popular da China. Quarenta anos depois da política de abertura da China ter sido lançada por Deng Xiaoping, política essa que, como foi já sublinhado, muito beneficiou Hong Kong e ajudou a consolidar a sua posição no contexto global, de interface económico, comercial e financeiro entre a China e o resto do mundo. O vasto e complexo conjunto de objectivos que iluminam aquele projecto estão a abrir novas oportunidades e desafios para Hong Kong, como para todos os outros intervenientes no processo. A cooperação reforçada, o diálogo cultural e humano e o aperfeiçoamento dos mecanismos de mobilidade e circulação serão cruciais para o sucesso deste como de qualquer outro projecto de integração regional, que exigem a participação não só dos poderes públicos, mas da sociedade em geral. ■

Comparação entre as taxas de crescimento do PIB de HK e da RPC (em percentagem)

	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
H.K.	5,9	2,5	7,0	0,6	1,7	3,1	8,7	7,4	7,1	6,5	2,2	2,5	6,8	4,8	1,7	3,1	2,8	2,4	2,2
R.P.C.	7,8	7,7	8,5	8,3	9,1	10	10,1	11,4	12,7	14,2	9,7	9,4	10,6	9,5	7,9	7,8	7,3	6,9	6,7

Fonte: data.worldbank.org

Macau 2018 Livro do Ano



**O CD edição especial
"Macau 2018 - Livro do Ano"
está à venda por 60 patacas**

A edição especial em língua chinesa, portuguesa e inglesa do CD "Macau 2018 - Livro do Ano", publicado pelo Gabinete de Comunicação Social, já se encontra à venda.

O anuário "Macau 2018 - Livro do Ano" regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural do território, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos quantos desejam estudar e compreender melhor Macau. Desde 2002 que o "Macau - Livro do Ano" é publicado em três línguas, chinês, português e inglês.

A edição deste ano inclui um CD-ROM e um selo "Flor de Lótus", para expressar o apoio do Gabinete de Comunicação Social, de acordo com a política do Governo da RAEM, ao desenvolvimento das indústrias culturais e criativas de Macau.



Locais de venda:

Nas principais livrarias de Macau, no Centro de Informações ao Público, na Loja de Filatelia (Estação Central dos Correios), ou nas estações da Direcção dos Serviços de Correios e Telecomunicações da Rua do Campo, do Terminal Marítimo do Porto Exterior, do Aeroporto e dos Jardins da Nova Taipa.





PERFIL DO TURISTA

O novo visitante de Macau

T BRUNA PICKLER

Jovens, do meio urbano, sem ostentar, mas com possibilidade de pagar uma experiência de luxo em Macau. É este o novo perfil do visitante na RAEM, 16 anos depois da liberalização do jogo que impulsionou o sector do turismo. A distinção de Macau como cidade gastronómica, em 2017, marca também uma nova fase para a RAEM como destino turístico



A ESMAGADORA maioria dos visitantes que chega a Macau vem do Interior do País, seguidos de Hong Kong e Taiwan. Mais de 70 por cento têm entre 16 e 35 anos e são funcionários administrativos ou trabalham por conta própria. Combinando estes dados, o perfil do visitante da RAEM está traçado para o futuro: a região está a atrair cada vez mais jovens e profissionais com mobilidade, maioritariamente do Interior do País, que procuram actividades de lazer especialmente focadas na aquisição de produtos, gastronomia e cultura, passando também pelas ofertas diversificadas dos hotéis e resorts integrados. As conclusões são reveladas por Leonardo Dioko, director do Centro de In-

vestigação de Turismo do Instituto de Formação Turística (IFT), que conduz, desde 2009, um estudo anual sobre o perfil do visitante que chega à RAEM. Em entrevista à MACAU, o investigador explicou como são formulados os questionários e partilhou os dados mais recentes, referentes ao primeiro semestre de 2018. Na abordagem aos visitantes, a primeira questão colocada é sobre o propósito da visita, se em lazer, para visitar família e amigos ou para negócios. “O lazer e férias é o mais mencionado, o que é encorajador, já que Macau tem como objectivo a longo prazo tornar-se um centro mundial de turismo e lazer. No entanto, os resultados também mos-

tino de topo em termos de turismo de negócios.”

Outra das questões prende-se com as expectativas dos visitantes quanto às actividades a desenvolver durante a estadia. “Gastronomia e compras são as respostas mais mencionadas. É curioso porque, desde que Macau foi distinguida como cidade gastronómica pela UNESCO, mais visitantes têm mencionado a gastronomia, isto desde 2017.”

A distinção parece estar a cumprir o propósito de chamar a atenção para este tipo de oferta na região. “De facto, é a segunda actividade mais atractiva para os visitantes, depois das compras, para quem vem em lazer. Os dados mostram apenas o panorama da primeira metade de 2018, mas de acordo com o estudo de perfil do visitante, depois desta designação da UNESCO, em Novembro de 2017, a percentagem de visitantes que consideram a gastronomia a maior atracção de Macau passou de seis por cento em 2017, para 29,2 por cento nestes primeiros seis meses de 2018”, indicou Leonardo Dioko. Ainda assim, o património histórico e

○ LAZER E FÉRIAS É O MAIS MENCIONADO, O QUE É ENCORAJADOR, JÁ QUE MACAU TEM COMO OBJECTIVO A LONGO PRAZO TORNAR-SE UM CENTRO MUNDIAL DE TURISMO E LAZER

as artes também ocupam uma parcela importante, bem como os resorts integrados, hotéis e casinos. “No entanto, o jogo é mencionado em apenas seis por cento dos questionários”, sublinha.

O que mudou

Dados da Direcção dos Serviços de Estatística e Censos (DSEC), mostram que o gasto médio em compras na RAEM de cada turista que chega do Interior do País ronda as 1200 patacas. Mas, em termos de gastos em alojamento e comida e bebida, são os visitantes de Singapura que estão no topo da lista. Uma média de 782 patacas por visitante, ainda que, na generalidade, “os visitantes asiáticos gastem mais em alojamento e restauração do que visitantes de outras regiões”, sublinhou o director do Centro de Investigação de Turismo.

Sobre a ideia de que há mais homens do que mulheres a visitarem a RAEM, Leonardo Dioko considera que se trata de “um erro de percepção, provavelmente alimentado pelo panorama

do turismo anterior à liberalização do jogo”, explicando que “Macau não era tão conhecido pelo património cultural ou como destino gastronómico, e muitos dos visitantes regulares eram, presumivelmente, jogadores”.

O director do centro do IFT acrescenta que “poucos dados existem que sugiram que mais homens do que mulheres visitam a RAEM”, pelo contrário. “No nosso estudo fica demonstrado que, na verdade, mais mulheres parecem estar a visitar Macau.”

Independentemente do género, o que não parece provável é que a maioria dos que entra na RAEM como visitantes deixem de vir do Interior do País. “É muito difícil esse cenário e a história pode servir como prova. Nos anos 1980, quando os japoneses eram os turistas mais comuns no panorama asiático, houve uma tentativa de aprendizagem da língua, em especial os serviços de guias, mas também alguns hotéis apostaram na culinária japonesa e em chaleiras eléctricas e chás de ervas entre as ofertas dos quartos. Agora que os visitantes

chineses são os dominantes na Ásia, as mesmas mudanças estão a influenciar o turismo e a indústria hoteleira em todo o mundo.”

Apesar do crescente interesse em Macau e do ligeiro aumento da estadia média dos visitantes (passou de 1,1 dia em 2015 para 1,2 dia em 2017), Leonardo Dioko não prevê que o número de excursionistas – que no ano passado chegou aos 17,2 milhões – diminua. “É altamente improvável porque Macau continua a ser um destino que fica a curta distância e a maioria atravessa a fronteira terrestre. Uma maior integração e mobilidade nos transportes na zona da Grande Baía vai garantir ainda mais estas visitas diárias, e os excursionistas vão-se manter como um seg-

• CHINESES LIDERAM TURISMO MUNDIAL

Os turistas chineses gastaram 221 mil milhões de euros no estrangeiro no ano passado, o que equivale um quinto dos gastos mundiais em serviços de turismo, de acordo com dados divulgados em Agosto pela Organização Mundial do Turismo. Os segmentos de nicho, ou seja, experiências únicas e exclusivas, tais como degustação de uísque ou assistir a Aurora Boreal, foram aqueles que concentraram a maior parte dos gastos. Só em 2017, registou-se um fluxo de 129 milhões de chineses a viajarem para fora da China, um aumento de 5,7 por cento em comparação com 2016. Além de Macau e de Hong Kong, as outras escolhas do turista chinês têm-se alargado para países na América do Norte e na Europa. Portugal também tem beneficiado deste boom do turismo chinês, tendo registado um aumento de 40,7 por cento na entrada de visitantes oriundos da China, ou seja, cerca de 257 mil pessoas, conforme dados do Instituto Nacional de Estatísticas portugueses.





• MACAU COM MAIORES RECEITAS

O último relatório da Organização Mundial do Turismo (OMT), divulgado em Agosto deste ano, colocava Macau no nono lugar mundial dos países e regiões com mais receitas de turistas internacionais no ano passado, uma subida de três lugares quando comparado com o ano anterior, num ranking liderado pelos Estados Unidos. O aumento é de 17,6 por cento, mais concretamente: os turistas internacionais gastaram 35 mil milhões de dólares norte-americanos em Macau durante o ano de 2017. Também no ano passado, de acordo com dados oficiais, Macau recebeu um número recorde de 32,6 milhões de visitantes, mas apenas 3,1 milhões foram turistas internacionais.

mento substancial do tipo de visitantes de Macau.”

Diversificação da origem

Sobre a origem dos mais de 32 milhões de visitantes registados em 2017, o investigador reconhece os esforços da Direcção dos Serviços de Turismo (DST) para promover Macau como destino em mercados diferentes do Interior do País. “Têm aplicado tempo e recursos consideráveis para atrair turistas do Sudeste Asiático, norte da Ásia e sul, em especial, o mercado indiano. Ainda que haja mais visitantes de outras proveniências, a proporção do total que escolhe Macau é ainda pequena e mitigada pela proximidade com Hong Kong, Guangdong ou Taiwan. Macau tem muitas atrações para os turistas de fora da China, mas a concorrência é forte com tantos outros destinos.”

Leonardo Dioko acredita que “o desafio está em melhorar a relação preço/qualidade para os visitantes de fora da China e fazer da sua experiência mais

única e valiosa. De outra forma, vão preferir visitar a Tailândia, Singapura, Coreia do Sul ou até o Japão.”

Apesar dos “bons resultados” da promoção levada a cabo pelo Turismo de Macau, em especial, como destino cultural e gastronómico, há uma componente que, na opinião do director do centro do IFT, tem de ser melhorada. “O sector das convenções e exposições tem de ser uma aposta maior. Precisamos de melhorar as capacidades neste sector e podemos reforçar a nossa posição também como destino de entretenimento.”

Outro dos aspectos estudados prende-se com a opção de viagem em grupo ou sozinho, muitas vezes associada ao sector do jogo. “Os casinos, por si só, não têm um efeito diferenciador no perfil do visitante a solo ou em grupo, mas o oposto não é verdadeiro. Por exemplo, há diferenças entre a probabilidade de um visitante que está sozinho ir jogar num casino e um que esteja integrado em grupo.” Acrescenta que este comportamento explica a op-

ção dentro dos casinos destinadas a estes clientes, “a começar pelas máquinas de *slot*, que se destinam a um só jogador, ou mesmo o facto de muitos bares e restaurantes terem lugares sentados ao balcão”, explicou.

Apesar do número já elevado de visitantes, este vai continuar a aumentar nos próximos anos. “O factor mais decisivo para o esquema de vistos individuais é a contínua expansão da classe média no Interior do País e o seu cada vez maior gosto por experiências de luxo. Por isso, enquanto a economia chinesa se continuar a desenvolver e houver mais dinheiro à disposição e mais mobilidade e transportes, Macau pode receber mais visitantes neste âmbito dos vistos individuais”, aponta o académico.

Leonardo Dioko lembra ainda que a dispersão anual de feriados oficiais chineses para além dos tradicionais períodos de pico, como o Ano Novo Chinês e a Semana Dourada, “também pode ser

um factor importante para que mais visitantes cheguem a Macau através deste esquema”.

Impacto para os residentes

O sector do turismo em expansão é benéfico para a região, no entanto, o elevado fluxo de turistas em Macau traz alguns desafios. “Na área do trânsito e dos transportes públicos, receio que as probabilidades estejam contra o sector do turismo. É difícil gerir o problema sem adoptar medidas às vezes drásticas, em linha com o que fazem outras cidades. Mas ao contrário de outros destinos turísticos que tiveram de fechar algumas das suas atracções turísticas, isso não pode ser feito em Macau.”

Há, no entanto, algumas estratégias que podem resultar em Macau. “Por exemplo, a contenção geográfica. Temos o caso do Cotai, que é importante porque concentra o desenvolvimento turístico apenas naquela área. Outra estratégia pode passar pela dispersão

de turistas em várias áreas, o que pode resultar, mas pode interferir com a vida dos residentes”, concluindo que, “honestamente, há poucas soluções em que o turismo não tenha impacto nos residentes, porque o contexto de Macau é o de uma área densamente povoada”. O nível de satisfação dos residentes mostra algumas áreas mais sensíveis. “De acordo com os dados mais recentes, as maiores preocupações são as condições do tráfego, as atracções turísticas e as enchentes na cidade.” Já os turistas, esses têm mostrado índices de satisfação crescentes desde 2016. “O aspecto que tem agradado mais é a passagem nas fronteiras, o maior número de postos e os canais electrónicos têm trazido efeitos positivos. Outro sector que está a melhorar do ponto de vista dos visitantes é o dos transportes, devido às rotas dos *shuttles* dos hotéis, o que lhes permite viajar convenientemente. O sector com piores indicações é o dos guias a operadores turísticos.” ■



O turismo de Macau em números

Motivo da Visita



Proveniência dos visitantes

Interior do País	68,1%
Hong Kong	18,9%
Taiwan	3,3%
Coreia do Sul	2,7%
Japão	1%
Filipinas	0,9%
Malásia	0,7%
Tailândia	0,6%
Indonésia	0,6%
Estados Unidos	0,6%



Preço médio por noite
MOP 1282,20

Taxa média de ocupação 86,9%

Agências de viagens	223
Guias turísticos	1880
Restaurantes	440
Bares	155
Casas de sauna e massagens	70
Salas de karaoke	39



Sexo
50,1% masculino
49,9% feminino

Principal grupo etário
46-60 anos

Meio de transporte à chegada

57,1%
via terrestre

34,5%
via marítima

8,4%
via aérea



Total de visitantes:
32,6 milhões

17,2 milhões pernoveram (52,9%)
15,3 milhões de excursionistas (47,1%)

Visitantes pela primeira vez 59,3%



Sector hoteleiro 111
propriedades

5 estrelas	33
4 estrelas	17
3 estrelas	16
2 estrelas	12
Pensões	33

Meses de pico

Janeiro, Julho, Agosto, Outubro e Dezembro



Raio-X dos gastos



Compras	45,4%
Comidas tradicionais	29,5%
Cosméticos e perfumes	26,9%
Roupas	12,7%
Malas e sapatos	10,6%
Jóias e relógios	10,5%
Alojamento	25,8%
Alimentação	20,9%
Transportes	6,1%

Taxa média de ocupação 86,9%



* Dados referentes a 2017

Fonte: Macao Travel and Tourism Statistics 2017, Direcção dos Serviços de Turismo da RAEM

澳門特別行政區政府旅遊局
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
MACAO GOVERNMENT TOURISM OFFICE



MARIA HELENA DE SENNA FERNANDES

“Queremos ter uma maior presença no universo lusófono no futuro”

A directora dos Serviços de Turismo da RAEM, Maria Helena de Senna Fernandes, acredita que é impossível dissociar Macau da indústria turística, mas que há limites a serem pensados em termos de fluxo de visitantes de forma a não prejudicar a qualidade de vida da população. Com o património e a gastronomia distinguidos pela UNESCO, tem sido possível atrair mais visitantes com visto individual e quebrar a hegemonia das excursões

T VANESSA AMARO E BRUNA PICKLER
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

MARIA HELENA de Senna Fernandes assumiu a direcção dos Serviços de Turismo (DST) em 2012 e, desde então, muito tem mudado na indústria

do turismo local, principalmente em termos do aumento do número de visitantes. Nascida e criada em Macau, a responsável pelo turismo da RAEM licenciou-se em Gestão e Marketing em 1987, pela antiga Universidade da Ásia Oriental (actual Universidade de

Macau), e entrou para a DST em 1988, tendo desempenhado várias funções no organismo até ser nomeada directora. Em entrevista à MACAU, Maria Helena de Senna Fernandes, que é fluente em cantonês, mandarim, português e inglês, aponta que há sempre

limites para o crescimento do turismo e acredita que melhorar a qualidade dos serviços é o melhor caminho para se alcançar um bom equilíbrio.

Que atributos continuam a fazer de Macau uma cidade tão apetecível para os turistas?

O nosso património, sem dúvida, continua a ser muito importante para Macau, pois é uma referência para o mundo todo. Os hotéis, os novos *resorts*, toda esta nova faceta da cidade também é uma componente de interesse para os turistas. Mais do que nunca, Macau tem hoje uma vasta oferta de produtos turísticos, por isso há muita escolha para quem nos visita. A gastronomia, por exemplo, sempre foi um grande componente e nós sabemos que cada vez há mais pessoas que visitam Macau para experimentar

os nossos restaurantes e ter experiência em estabelecimentos com estrelas Michelin. Também estamos a apostar bastante em eventos, tanto gratuitos como pagos. Tudo isso junto faz com que Macau seja valorizado como um destino turístico interessante.

Macau consta na lista de Património Mundial da UNESCO desde 2005; em 2016 passou a integrar o Programa Memória do Mundo da UNESCO com as Chapas Sínicas, e, em 2017, foi designada Cidade Criativa da UNESCO na Gastronomia. Há mais alguma candidatura pensada para um futuro próximo?

Estamos sempre à procura de mais possibilidades de reconhecimento do que temos. É sempre bom ser premiado. Para atrair turistas, é muito bom esse reconhecimento. Mas ainda precisamos de fazer mais trabalhos de fundo para dar um passo desses. Agora estamos bastante dedicados ao projecto da Área da Grande Baía. Para já, estamos a concentrar-nos em questões complexas, como, por exemplo, a construção e o ajustamento de infra-estruturas internas que possam dar resposta ao desenvolvimento da Grande Baía. É importante estarmos em sintonia com os nossos vizinhos [as outras 10 cidades que fazem parte do projecto], de forma a desenvolvermos bons acessos. Só assim poderemos oferecer mais e melhor a quem nos visita.

Acredita que o fluxo de turistas em Macau vai ser ainda maior com o projecto da Grande Baía?

Não temos dúvida, já que tendo uma melhor rede de transportes [a ideia é que todas as 11 cidades estejam a me-

nos de uma hora de distância] haverá um maior movimento de pessoal. E com o aumento do fluxo de pessoas nas cidades vizinhas e mais facilidade para chegarem a Macau, de certeza que teremos mais turistas, principalmente excursionistas.

De que maneira os turistas do Interior do País com visto individual têm transformado o turismo em Macau?

Desde 2003, quando a política do visto individual foi lançada, temos tido aumentos consideráveis na entrada de visitantes, e o movimento de turistas fora de excursões tem sido bastante importante para a indústria do turismo. Sabemos que os turistas individuais têm mais liberdade para explorar a cidade, não estão sujeitos a regras de grupos, e por isso, estão mais facilmente interessados em produtos turísticos diferenciados. A tendência é que tenhamos cada vez mais turistas com visto individual. No ano passado, por exemplo, o número de turistas com vistos individuais (10,6 milhões) foi superior ao número de excursionistas (8,6 milhões).

Mas ainda continua a haver excursões a custo zero ou com preços bastante reduzidos. Isso é bom para o turismo de Macau?

Continuamos a ver que existe um mercado com interesse neste tipo de produto. Mas a questão é que essas pessoas também não podem exigir qualidade quando não pagam nada pela viagem. Essa é uma questão bastante complexa, porque podemos agir de acordo com a legislação e aplicar sanções quando detectamos irregularidades e abusos – quando os turistas, por exemplo, são obrigados a efec-



HELENA DE SENNA FERNANDES APONTA QUE HÁ SEMPRE LIMITES PARA O CRESCIMENTO DO TURISMO E ACREDITA QUE MELHORAR A QUALIDADE DOS SERVIÇOS É O MELHOR CAMINHO PARA SE ALCANÇAR UM BOM EQUILÍBRIO



tuar compras de elevados valores para compensar a viagem –, mas acreditamos que a melhor estratégia está em educar os visitantes do outro lado da fronteira. Ou seja, se queremos aumentar a qualidade dos nossos produtos e fazer com que as pessoas entendam o correcto valor das nossas atracções, não podemos tolerar esse tipo de excursões. Enquanto houver procura, haverá oferta e nós sabemos que é difícil mudar toda uma estrutura de negócio. A verdade é que este fenómeno existe em várias cidades de todo o mundo, alguns mais sérios do que outros. O importante é que os turistas tenham consciência daquilo que lhes espera se não estão a pagar nada pela viagem.

De que maneira Macau pode atrair excursões com maior qualidade, ou seja, com grupos de turistas com preferências mais sofisticadas?

É possível e estamos sempre a incentivar agências locais a oferecerem produtos diferenciados. Mas também tem de existir um parceiro do outro lado que queira comprar este tipo de

produto. Temos de trabalhar tanto na oferta como na procura. É uma questão também de educar as pessoas, fazer mais promoção do verdadeiro valor de Macau. Só assim é possível que os turistas exijam aos agentes de viagem produtos mais sofisticados. Sabemos que este processo não é simples, porque as mudanças por si só são difíceis e estamos a pedir aos agentes que mudem os seus moldes de operação.

E como é que Macau poderá verdadeiramente atrair novos mercados? A estratégia das representações no estrangeiro tem surtido resultados?

As representações no estrangeiro, bem como a nossa participação em feiras internacionais, para já têm tido bons resultados. A ideia é continuarmos a expandir o número de representações da DST, mas esse é um processo demorado. Primeiro contratamos uma empresa de consultoria no mercado que temos em mente para um estudo a fundo das potencialidades, para avaliar se é a altura certa para lançarmos as nossas promoções e avançarmos com uma representação. Quando os

resultados indicam que há potencial, participamos em actividades como feiras no novo mercado. A partir daí, estabelecemos alguns contactos e podemos iniciar o processo para recrutar o nosso representante.

Que novos mercados estão debaixo do olho da DST?

No ano passado fizemos um estudo sobre o Brasil, mas não será algo a implementar a curto ou médio prazo porque o principal entrave é a distância e a falta de ligações aéreas directas. Queremos muito explorar o Brasil por ser o maior mercado de língua portuguesa. Já temos a nossa delegação em Portugal, por isso a ideia é termos uma maior presença no universo lusófono no futuro.

Entre Janeiro e Julho deste ano, o número de visitantes já ultrapassou os 19,8 milhões. Quais são as previsões para fechar o ano?

No início do ano, os nossos estudos indicavam um aumento entre três a cinco por cento em relação a 2017 (32,6 milhões). Parece-nos que vamos che-

gar ou até ultrapassar os cinco por cento. É difícil dizer com precisão porque a indústria turística é bastante frágil, e qualquer componente externa pode afectar a nossa estabilidade – o mau tempo ou uma epidemia, por exemplo. Por isso, somos conservadores nas nossas previsões. Os números de Agosto vão ser bastante superiores aos do ano passado, já devido à passagem do tufão Hato tivemos de suspender vários grupos em 2017, o que foi uma perda muito grande. A última semana de Agosto é geralmente de pico, por isso, não havendo nada que afecte o mês de Agosto, veremos um forte aumento.

Nos últimos 10 anos, Macau tem vivido uma curva ascendente em termos de turismo. Com mais turistas, e sendo a região geograficamente pequena, como se pode alcançar um equilíbrio em termos da qualidade de vida da população?

É uma questão muito complexa. Macau realmente é muito pequeno e há grandes concentrações de visitantes em certos locais. O que temos feito para aliviar um pouco a pressão é enviar mensagens para os telemóveis de números de fora de Macau sempre que o visitante passa a fronteira a alertá-lo para as horas de pico nas atracções mais populares e a pedir-lhes que organizem as suas visitas em horários de menor movimento. Estamos também

Que outras zonas seriam essas?

Vários pontos, porque há sempre algo a oferecer noutros bairros de Macau. Na zona norte, por exemplo, temos alguns templos (Lin Fong, Kum Iam e Seng Wong), o Museu Memorial Lin Zexu e o Jardim Triangular. Essa é uma zona com uma alta densidade de restaurantes também. O bairro de San Kiu é outro bom exemplo: tem uma boa variedade de restaurantes de países do Sudeste Asiático. O que estamos a fazer é tentar criar novos roteiros que atraiam visitantes, que façam com que as pessoas vejam uma outra Macau. Coloane passou a fazer parte do roteiro de muitos turistas e temos promovido muitas as atracções daquela vila.

Acredita que devem haver limites ao turismo de Macau?

Há sempre limites. Não estamos à procura de muitos mais turistas. O que queremos é que os visitantes fiquem mais tempo, que possam desfrutar mais da cidade. Neste momento, a média é de 1,2 dia, o que é bastante baixa. Macau sem turistas é impensável, porque o turismo é um dos nossos motores económicos. Mas também não queremos mais e mais. É preferível prezar pela qualidade do que pela quantidade.

Quais as razões para a média de permanência ser tão baixa?

Acho que temos tido um bom avan-

ção, que apenas passam o dia na cidade. Estamos a manter o mesmo ritmo de crescimento este ano e acho bastante importante ter mais turistas a passar mais tempo em Macau. A média de ocupação dos hotéis em Julho rondou os 90 por cento; em termos de média anual, devemos ficar nos 85 por cento. Em comparação com outros destinos, a taxa de ocupação de Macau é bastante alta. A questão é os turistas perceberem que há muito mais para fazer do que apenas passar o dia em Macau. Por exemplo, o Festival de Luz, que realizamos no mês de Dezembro, tem contribuído para mais pernoitas porque é um evento que só se realiza à noite e notámos que houve mais pernoitas no período. Temos de criar mais produtos que façam com que os turistas tenham actividade nocturna. Um dado importante é que os turistas que pernoitam em Macau gastam mais (cerca de 3000 patacas per capita, contra as 800 patacas dos excursionistas), por isso temos todo o interesse em termos mais turistas a dormirem nos nossos hotéis.

O perfil do visitante está a mudar?

A grande maioria continua ser do Interior do País e de Hong Kong, mas o número de turistas que vêm de fora da Grande China continua a aumentar – no ano passado foram mais de 3 milhões. Em 1999, tínhamos apenas 500 mil visitantes internacionais. Estamos num bom caminho, mas ainda assim é preciso atrair mais turistas internacionais. Com a abertura da ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau, vamos implementar outras estratégias para atrair turistas de outras nacionalidades que passam pelo aeroporto internacional de Hong Kong. O nosso principal entrave é a falta de ligações aéreas com mais destinos internacionais. É um forte condicionante em termos de oportunidades para atrair turistas internacionais. Teremos de reforçar o nosso trabalho nos aeroportos de Hong Kong e Cantão. Macau já contempla muitas nacionalidades com isenção de vistos, por isso há muito por fazer. Um outro público-alvo importante para nós é o

NO ANO PASSADO FIZEMOS UM ESTUDO SOBRE O BRASIL, MAS NÃO SERÁ ALGO A IMPLEMENTAR A CURTO OU MÉDIO PRAZO PORQUE O PRINCIPAL ENTRAVE É A DISTÂNCIA E A FALTA DE LIGAÇÕES AÉREAS DIRECTAS

a promover outros locais para além do Centro Histórico, como forma de espalhar os benefícios que o turismo traz aos negócios locais e dispersar as concentrações de pessoas.

ço, porque nos últimos anos tem havido mais turistas a pernoitarem em Macau. No ano passado, pela primeira vez em 10 anos, tivemos mais turistas a pernoitar (52,9 por cento) do que ex-

QUEREMOS QUE OS TURISTAS DESFRUTEM DE TODAS AS COISAS INTERESSANTES QUE TEMOS. PARA MIM, A MELHOR MANEIRA DE SENTIR MACAU É APROVEITAR A CIDADE SEM PRESSA, APRECIAR UM BOM CHÁ DA TARDE, VER SIMPLEMENTE O TEMPO A PASSAR



chinês ultramarino, ou seja, pessoas de origem chinesa que vivem em outros países. Recentemente tivemos um grande grupo de chineses emigrados na Austrália.

Macau tem também apostado mais recentemente em grandes eventos para atrair turistas. Que impacto estes eventos têm tido no número de visitantes?

Muitas vezes é difícil contabilizar e associar um certo aumento de visitantes a determinado evento. Acho que também é bastante importante que possamos dinamizar a imagem internacional de Macau, e eventos como o Festival Internacional de Cinema podem contribuir para isso – além de ser, neste caso específico, um impulso à indústria cinematográfica local. Estamos a fazer um grande investimento em atrair talentos internacionais e a incentivar produtores e também directores a rodarem os seus filmes aqui. Na edição deste ano [de 8 a 14 de Dezembro], vamos ter o Nicolas Cage como embaixador, e também Aaron Kwok, de Hong Kong. Como presidente do júri vamos ter Chen Kai-ge, o único realizador chinês a vencer uma Palma de Ouro, com o aclamado *Farewell my Concubine*. Também vamos ter uma nova secção dedicada a filmes em língua chinesa e já estamos à procura de grandes filmes dos Estados Unidos. Não queremos apenas os grandes sucessos de bilheteira, mas também filmes que sejam inovadores em termos de criatividade de forma a termos uma maior variedade. Ter eventos deste nível não é apenas um atrativo extra, mas sim uma nova forma de projectar a imagem internacional da cidade.

Há mais eventos na calha?

Há sempre novos eventos, nem todos da responsabilidade da DST. Da nossa parte, vamos relançar um novo formato do Fórum da Gastronomia, que aconteceu pela primeira vez em 2016, todos os meses de Janeiro. Além das discussões que fazem parte do fórum, queremos trazer chefs de cozinha das 25 cidades que, juntamente com Macau, fazem parte da lista das Cidades

Criativas da UNESCO em Gastronomia, para actividades de demonstração e degustação. A ideia é termos uma espécie de feira popular para que cada cidade faça promoção da sua gastronomia e, ao mesmo tempo, ofereça pratos diversificados aos residentes e aos turistas.

Já há previsão para a abertura do novo Museu do Grande Prémio?

A nossa ideia é termos tudo pronto até ao final de 2019, mas estamos sempre dependentes do estado do tempo, porque temos algumas intervenções a serem feitas no exterior.

Há outras atracções que também precisem de ajuste?

Para já ainda estamos a tentar encontrar um lugar para instalar o Museu do Vinho. Estamos a estudar qual será o melhor local para ter este museu que consideramos bastante atractivo para os turistas. Até ao final do ano vamos

também avançar com as excursões marítimas, que faça um percurso pelas costas de Macau, Taipa e Coloane. Este é um produto interessante, que alivia também um bocado a pressão nas principais atracções.

Quais são os grandes desafios para o desenvolvimento do turismo?

Há algumas componentes da nossa infra-estrutura que devem ser melhoradas para satisfazer os turistas. Ainda assim, para mim a qualidade do serviço é o ponto mais importante – e isso vai muito além do papel do Governo, é um trabalho conjunto entre várias partes. Só com a melhoria da qualidade dos nossos serviços é que podemos garantir que os turistas tenham vontade de regressar a Macau. Se o serviço é mau, a impressão é insatisfatória. Sabemos que a nossa população não é grande e que dependemos de muitos recursos de fora, mas nem sempre a mão-de-obra importa-

da consegue oferecer um serviço de topo. Por isso, temos apostado em várias campanhas para incentivar um bom serviço em diferentes sectores que compõem a indústria do turismo, e temos também disponibilizado acções de formação.

O slogan do Turismo é “Sentir Macau”. Qual acha que é a melhor forma de um turista sentir Macau?

Nós realmente achamos que há muitas maneiras de explorar Macau, há muitas facetas da cidade a descobrir. E é por isso que temos apostado na campanha “Sentir Macau ao Seu Estilo”. Queremos que os turistas venham a Macau com tempo e que desfrutem de todas as coisas interessantes que temos. Para mim, a melhor maneira de sentir Macau é através do património e da gastronomia, aproveitar a cidade sem pressa, apreciar um bom chá da tarde, ver simplesmente o tempo a passar... ■





JOGOS ASIÁTICOS

O menino que trouxe o ouro para Macau

T SIN IOK I
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

Na última edição dos Jogos Asiáticos, em Agosto, em Jacarta, Huang Junhua conquistou para Macau a medalha de ouro no wushu. À MACAU, o atleta premiado conta como conseguiu vencer desafios pessoais, com muitas lesões pelo meio, e chegar até ao lugar cimeiro do pódio. O ouro conquistado, diz ele, é uma maneira de provar a si mesmo o seu valor



HUANG JUNHUA nasceu na região de Guiping, na província de Guangxi, há 27 anos, e desde criança criou todo um imaginário à volta de personalidades ligadas às artes marciais. A personagem mitológica Sun Wukong, do conto chinês “Viagem ao Oeste”, e o actor Bruce Lee, mestre dos filmes de kung fu, foram as grandes fontes de inspiração para que Huang Junhua desse os seus primeiros passos nas artes marciais. No conto chinês, Sun Wukong e o monge Xuanzang partem com outros discípulos para o oeste, em busca das escrituras sagradas do budismo, deparando-se nesta caminhada com uma série de monstros.

Na infância, Huang Junhua ficou profundamente impressionado com Sun Wukong, o primeiro dos discípulos, que enverga o bastão mágico e voava, por isso, frequentemente imitava os movimentos de Sun. Assim, as primeiras vezes que contactou com as artes marciais foi a aprender bastão e espadas.

Já a influência dos filmes de Bruce Lee é muito forte e perdura até ao presente. “O meu objectivo sempre foi imitar a maneira como o Bruce Lee via e expressava as artes marciais. Embora eu possa não compreender muito da sua moral e carácter, considero que a sua forma de interpretar as artes marciais tem muito estilo.”

Ao ouvir dizer que os filhos dos vizinhos andavam em aulas de artes marciais, a mãe de Huang Junhua não quis que os filhos ficassem para trás no bairro. Por isso, inscreveu Huang, na altura com apenas cinco anos, e os dois irmãos na Associação de Amadores de Artes Marciais de Guiping. “Naquela altura íamos os três juntos praticar artes marciais, mas depois só eu continuei.”

Hu Dongning foi o primeiro instrutor de artes marciais do pequeno Huang e a primeira modalidade que lhe ensinou foi o combate de espada e bastão, e não a sua actual especialidade de estilo Nan. Naquela altura, ele só queria aprender artes marciais e ser como Sun Wukong, por isso praticava horas a fio as técnicas de espada e bas-



tão, passando depois para a lança e a espada. Assim foi até que certa vez, ao participar num torneio amador a nível provincial, chamou a atenção de um treinador de uma escola da cidade de Nanning. Nessa altura tinha ele 13 anos, e não teve receios de aceitar o convite de um desconhecido para tornar-se um profissional de wushu em Nanning.

Treinar de dia, estudar de noite

Em Nanning, o modelo de treino era completamente diferente daquilo a que estava habituado na sua terra natal. Acordava às 5 horas, fazia alongamentos, corria, estirava os músculos. Às 7 horas tomava o pequeno-almoço

e, logo de seguida, começava o treino intensivo de artes marciais. O treino da manhã terminava perto da hora do almoço e só então conseguia ter algumas horas para descansar. Assim que o relógio assinalava as 15 horas, Huang tinha de retomar os treinos, que se prolongavam até às 17 horas. Entre as 19 e as 21 horas, tinha então aulas normais da escola. Apesar da intensidade e da dificuldade de acompanhar os treinos, Huang disse que nunca pensou em desistir. E tinha um bom motivo para tal: “Quando era pequeno escrevi uma faixa a dizer ‘campeão mundial de artes marciais’. Por isso, quando eu me sentia mais cansado, lembrava-me desse objectivo de criança”.

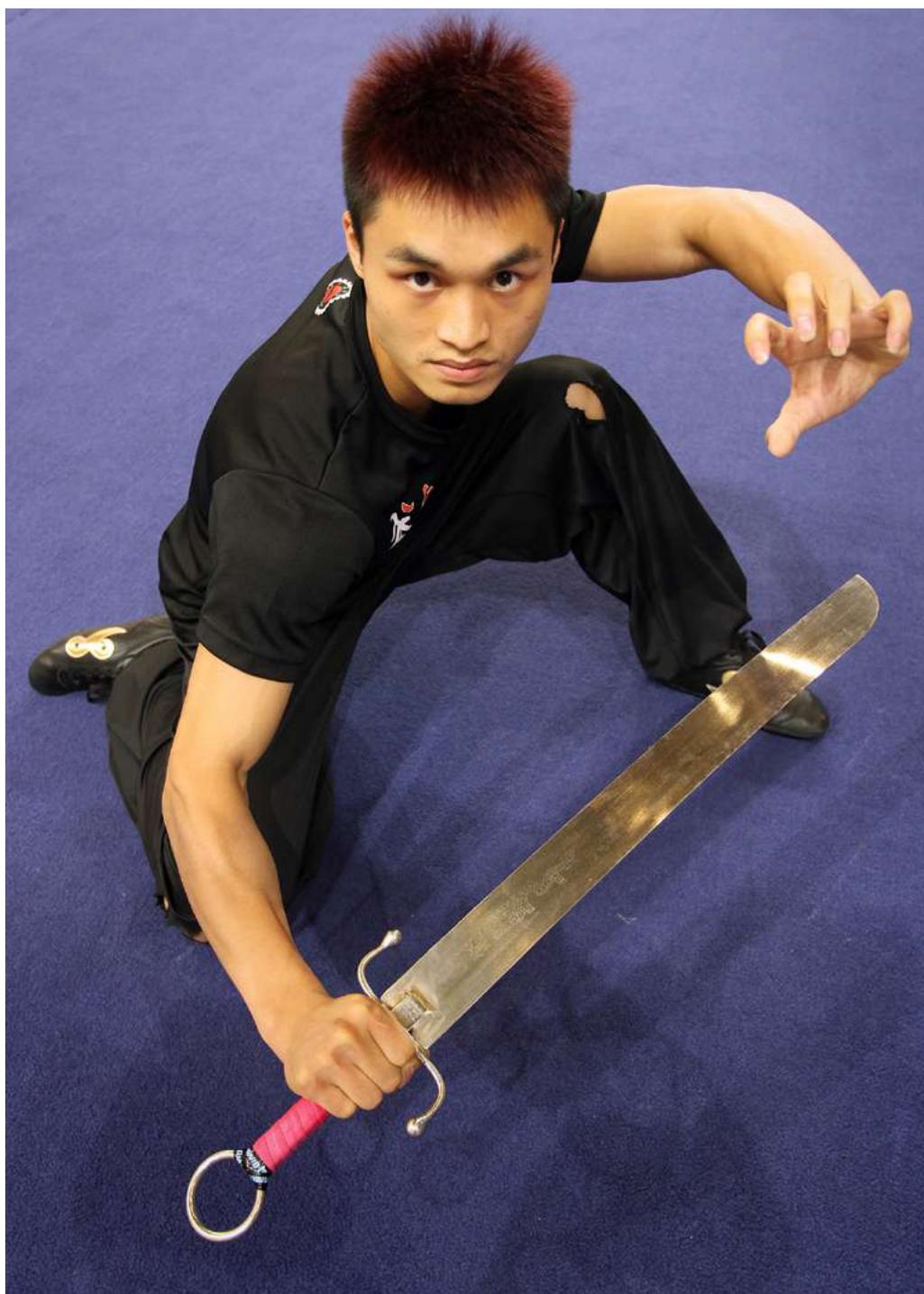
À medida que crescia, o sonho de ser

“EMBORA EU POSSA NÃO COMPREENDER MUITO DA SUA MORAL E CARÁCTER, CONSIDERO QUE A SUA FORMA DE INTERPRETAR AS ARTES MARCIAIS TEM MUITO ESTILO”

um campeão mundial desaparecia, até que chegou a um ponto de total ruptura com o desporto, numa altura em que participou, pela única vez em toda a sua carreira, nos jogos nacionais de artes marciais. A pressão de participar numa grande competição, conjuntamente com as previsões de que estaria entre os favoritos ao pódio, teve um sabor bastante amargo para o jovem atleta. Na competição com espada e bastão, Huang Junhua agarrou na lança de madeira com cabeça de ferro, enquanto que o seu adversário lutou com uma espada. No início o combate correu bem, até que a lança de Huang Junhua se partiu, provocando um súbito ruído que deixou a plateia perplexa. Ele teve então de se retirar do combate e perdeu toda a vontade de regressar. Por isso, decidiu desistir da carreira de atleta para se dedicar ao ensino secundário. Agora tinha em mente seguir um curso superior e ser um trabalhador como a maioria das pessoas recém-licenciadas, tendo o wushu apenas como uma actividade para as horas livres.

Um amor para a vida

Mal tinha acabado de ter esta ideia de desistir das artes marciais, aconteceu algo que fez com que a chama do seu entusiasmo pelas artes marciais voltasse a arder. Certa vez, ao praticar um movimento muito difícil, ao bater com os pés no chão lesionou-se na anca. Isto causou-lhe grande transtorno, fazendo com que não pudesse praticar normalmente como os outros atletas. Ao longo de um ano inteiro, só se sentava na bancada e via os outros a praticar, continuando ele sem nada poder fazer. “O meu treinador e chefe da equipa de treinos da altura, assim como dois outros treinadores, aconselharam-me a retirar-me, porque a lesão estava a demorar muito tempo a passar. Quando me disseram tal coisa, fiquei com o coração profundamente destroçado e dei-me conta que já não sabia viver sem as artes marciais.” Naquela altura, começou a questionar-se se tinha mesmo talento para as artes marciais ou se devia desistir para



sempre. Assolado por estas dúvidas, foi percebendo aos poucos que, afinal, gostava mesmo muito do wushu e acreditava que tinha talento para chegar longe. Por isso, mesmo lesionado e

sem poder sobrecarregar os membros inferiores do corpo, treinava os superiores com toda a diligência. Ainda hoje, os músculos dos membros superiores são mais fortes e tonificados.



O treinador de Huang Junhua, que testemunhou todos os seus esforços e dedicação, sugeriu-lhe praticar Nanquan, modalidade que valoriza a força. Nanquan é um termo geral para as artes marciais de punhos, praticadas nas várias regiões do sul da China (sul do Rio Yangtze). Cada variedade de Nanquan tem o seu próprio sistema, e, de acordo com a classificação tradicional de artes marciais, é designado, de forma geral, de Nanshaolin. As características comuns das variedades de Nanquan são passos estáveis, punhos fortes, movimentos vigorosos, poucos saltos, mais socos curtos e emitem, normalmente, gritos e gemidos para estimular a força. O Nanquan tem uma maior implantação nas províncias de Fujian e Guangdong e tem uma extensa influência até ao sudeste da Ásia, Europa, América e muitos outros sítios. Qualquer lugar onde vivam chineses, há, certamente, actividades

de Nanquan. Era exactamente a arte marcial adequada para Huang Junhua treinar.

O destino e o Nanquan

Regra geral, os atletas de artes marciais escolhem uma modalidade específica para treinar quando atingem os 12 anos. Mas no caso de Huang Junhua a decisão só aconteceu quando já tinha 16 anos e tendo em mente a sua lesão na anca. Na primeira competição em que participou, os Jogos Desportivos da Província de Guangxi, conquistou a medalha de ouro na modalidade de Nanquan. “Fiquei muito feliz porque tinha acabado de recuperar e nunca tinha pensado poder alcançar qualquer título naquela competição. Apenas pretendia fazer o meu melhor e mostrar as minhas capacidades. E, inesperadamente, consegui ser campeão.”

Para Huang, era uma dupla vitória, já que estava há poucos meses a dedicar-

-se a uma modalidade completamente diferente do bastão e espada que sempre tinha treinado até então. “Tinha o corpo mais delgado e era bom para os movimentos mais suaves e fluentes de bastão e espada.” Os movimentos do Nanquan contêm posturas fixas, uma série de combinações de movimentos que exigem força explosiva, e a força também é altamente valorizada. Os joelhos flectidos no Nanquan requerem estabilidade e exigem uma melhor aptidão física.

Treinava dia e noite, consultava materiais fora de aula para o ajudar a descobrir o ramo que lhe convinha, conhecer o estilo dos seus músculos e, também, via filmes de vários praticantes de artes marciais de referência. Os do Bruce Lee, é claro, eram os seus preferidos. “Os movimentos e as expressões faciais do Bruce Lee transmitem uma profusão de expressões e isto era o que eu mais queria imitar. Apesar de seguirmos modalidades marciais diferentes e de nunca ter pensado em praticar a modalidade dele, queria, através do Nanquan, expressar a sua forma de interpretar as artes marciais.”

Rumo ao ouro

Em 2009, por acaso e pelo destino, o treinador Zeng Tieming visitou a escola de desporto que Huang Junhua frequentava em Nanning e viu-o treinar. O treinador achou que Huang tinha capacidade e tomou a iniciativa de lhe perguntar se queria vir treinar para Macau. Foi um encontro simples, mas que lhe deu um novo sopro de vida quando estava novamente desorientado. “O treinador Zeng deu-me oportunidades e uma nova perspectiva de vida, por isso estou-lhe muito grato pela confiança que depositou em mim e vou envidar todos os meus esforços para não o desiludir.”

Depois de chegar a Macau, aos 19 anos, começou a frequentar o curso de Educação Física no Instituto Politécnico de Macau e voltou ao formato de treino amador que tinha em Guiping – estudava de dia e treinava de noite. Só quando chegou à RAEM descobriu que poderia ter a oportunidade de re-

presentar Macau em competições internacionais. “Passei a investir tudo na minha preparação para que tal momento chegasse.”

Durante o dia, corria na Colina da Guia e no Reservatório de Macau para treinar a aptidão física, e passava horas a fio fora dos treinos a praticar. Aconteceu tal como se esperava, Huang Junhua não desiludiu as expectativas do seu treinador. Depois de chegar a Macau, conquistou em competições internacionais três medalhas de ouro, quatro de prata e três de bronze, já para não falar das competições locais, em que, todos os anos, conquistou a medalha de ouro na modalidade de Nanquan. “Tem sido uma grande honra representar Macau e trazer estas medalhas para casa”, diz a enunciar uma lista de pessoas que nunca se deve esquecer de agradecer. “Todos os meus treinadores e, sem dúvida, a minha família que nunca se opôs a que eu fizesse das artes marciais a minha vida.”

Na sua última participação nos Jogos Asiáticos deste ano, que se realizaram em Agosto em Jacarta (Indonésia), o

ouro chegou-lhe por um triz. O atleta obteve a pontuação de 19,43, ficando apenas a 0,01 ponto do segundo classificado, o vietnamita Pham Quoc Khanh. “Naquele momento estava muito nervoso porque havia pouca diferença nas pontuações. Eu disse a mim próprio que só precisava de fazer o meu melhor, controlar o stresse e comportar-me de forma natural.”

Huang Junhua refere que o mérito não chega sem esforços. “Treino seis dias por semana, de segunda a sábado. Tenho aulas todos os dias de manhã, inclusive aos domingos. Ao final da tarde treino com os meus colegas entre três a quatro horas. Jantamos, fazemos os trabalhos de casa e só então descansamos. Esta tem sido a minha rotina desde os meus cinco anos.”

Depois do bronze conquistado na edição anterior dos Jogos Asiáticos de Incheon (Coreia do Sul), em 2014, Huang Junhua diz não ter palavras que expressem o seu sentimento de gratidão. Em Macau, conta, o atleta descobriu uma outra filosofia de treino. “Aqui os atletas têm muito espaço para se desenvolverem. O treino em Nanning era

muito intenso e eu não tinha tempo para pensar em outros assuntos. Tudo girava em torno das artes marciais; dia após dia a minha rotina era exactamente a mesma. Em Macau descobri que me fazia bem ter tempo para mim mesmo, para pensar noutras coisas.” Por isso, o atleta de ouro está confiante que com as novas instalações desportivas pensadas para médio prazo para Macau pois haverá ainda mais atletas a destacarem-se nas competições internacionais.

Para Huang Junhua, a carreira nas artes marciais já tem data para acabar: será a seguir aos Jogos Asiáticos de 2022, em Hangzhou (Interior do País). Mas não irá virar a página do wushu na sua vida. “Quero ser treinador e passar as minhas ideias e experiências às novas gerações, de forma a continuar a contribuir para as artes marciais de Macau. Foram precisos muitos sacrifícios para chegar onde cheguei e a ideia de desistir passou-me muitas vezes pela cabeça. O wushu, mais do que um modo de vida, é para mim um sonho. Ainda quero ser o melhor do mundo. Foi esse sonho que me fez continuar.” ■





DÉBORA LOPES DE OLIVEIRA

De bailarina a “Miss Grand Macau”

Será a representante da RAEM no concurso internacional “Miss Grand International”, no Myanmar, entre candidatas de mais de 80 países e regiões. Aos 22 anos, Débora Lopes de Oliveira, bailarina profissional, segue as pisadas da mãe, que participou no concurso de beleza local nos anos 80

T BRUNA PICKLER

DÉBORA LOPES DE OLIVEIRA tem 22 anos e vai representar Macau no concurso de beleza “Miss Grand International”, que decorre este mês de Outubro no Myanmar. Foi escolhida entre as candidatas locais, em duas rondas de audições, tornando-se a “Miss Grand Macau” deste ano. É bailarina profissional e a família incentivou a sua participação. A mãe de Débora concorreu a “Miss Macau” no ano de 1985, tendo sido eleita segunda dama de honor no concurso.

Na cidade de Yangon, estarão representantes de mais de 80 países e regiões. Serão escolhidas as 20 finalistas até ser conhecida a sucessora da peruana María José Lora, eleita “Miss Grand International 2017” no concurso que decorreu no Vietname. Débora nasceu em Macau e diz que é um honra representar a região no concurso internacional que pontua os cinco mais importantes a nível mundial. A candidata da RAEM aponta a sua capacidade de trabalho e determinação como características que podem levar a sua participação a sobressair, mas

também a sua escolha de carreira profissional. “Comecei a dançar com cinco anos e apaixonei-me pela dança e pelo palco desde então. Fui sempre escolhida para me apresentar nos eventos anuais da escola e com 15 anos deixei Macau para prosseguir estudos em artes performativas em Inglaterra.” As artes sempre estiveram presentes na vida familiar de Débora. “O meu avô foi um dos membros fundadores da banda Tuna Macaense e a minha mãe participou na Miss Macau em 1985. O meu irmão foi o primeiro estilista de Macau a aparecer na edição britânica da revista

Vogue e a mostrar uma coleção na semana de moda em Londres. Ver todos estes exemplos da minha família levou-me a almejar algo mais e a fazer o possível para concretizar os meus sonhos e espero continuar o legado familiar”, algo que também espera passar aos seus descendentes. “Terão todo o meu apoio, tal como tive dos meus pais, que me deram uma boa base desde criança, algo muito importante. Mas não quero que sejam muito mimados ou protegidos, prefiro ensiná-los que devem ganhar experiência e aceitar novos desafios e não se compararem a ninguém, apenas serem eles mesmos”.

Formou-se em 2017 em Dança Urbana pela Universidade de Londres e juntou-se a um grupo de hip-hop no Reino Unido. “Chama-se MyselfUK Dance e tem-me permitido crescer e tornar-me melhor bailarina e pessoa. Estar num grupo tem-me ensinado muito, não só a dançar”, realça. Tem participado em vários eventos em palcos emblemáticos como o estádio de Wembley, fazendo participações também fora do Reino Unido.

A responsabilidade de ter sido eleita “Miss Grand Macau” veio acrescentar algo aos planos futuros de Débora. “Quero continuar como bailarina profissional, mas também tornar-me instrutora de fitness, mas agora com este novo papel tenho responsabilidade de promover Macau no plano internacional, algo que, de alguma forma, já tenho vindo a fazer no estrangeiro desde que saí para estudar. As minhas raízes serão sempre de Macau e posso tornar-me uma embaixadora de Macau e viajar pelo mundo”, antecipa.

Sobre a experiência de concorrer a “Miss Grand Macau”, sublinha o espírito de entreatajuda das concorrentes. “Há uma ligação muito forte entre todas as concorrentes que participaram, uma espécie de aliança para nos ajudarmos umas às outras. Ajudamo-nos muito. Isso aconteceu até com as participantes do concurso da ‘Miss Grand Macau’ do ano passado, como na ‘Miss International Macau’. Pessoalmente, deram-me muitos conselhos e parti-

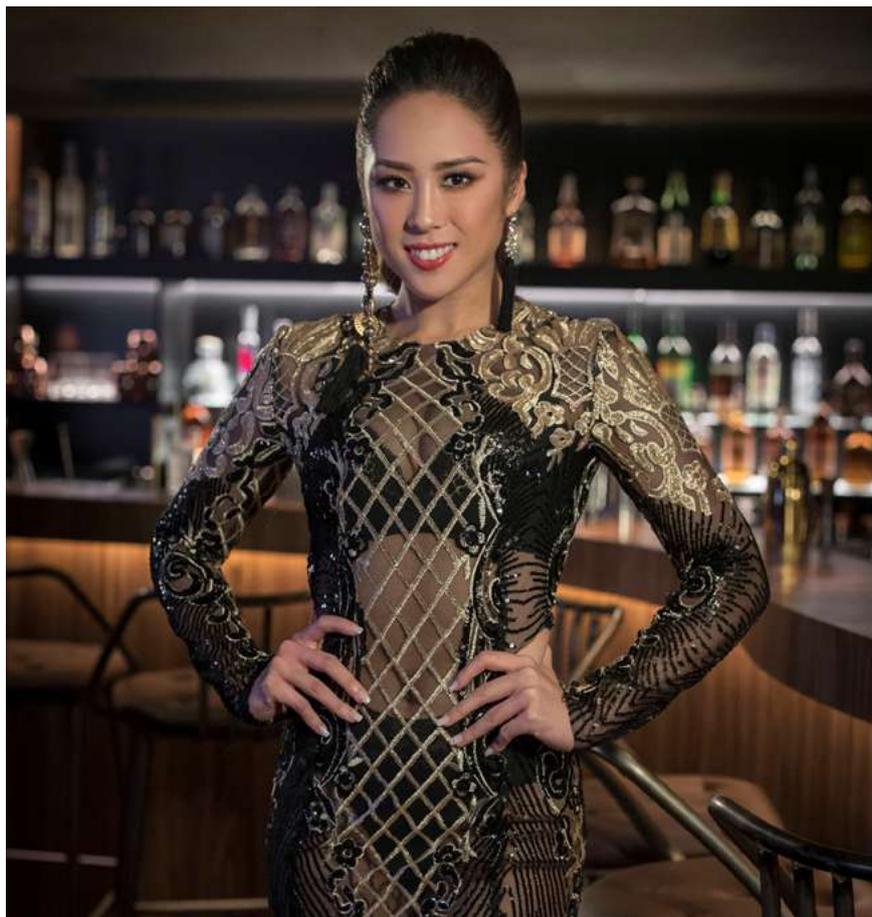
lharam comigo essas experiências que tiveram nos concursos”, contou.

Sobre a crítica acerca deste tipo de concursos, a “Miss Grand Macau” deste ano não aceita que seja uma carreira superficial. “Este percurso não é para toda a gente. A pessoa que agarre esta oportunidade deve aproveitar para criar alguma coisa, fazer alguma coisa com essa experiência e quem sabe partir para outra oportunidade de carreira.”

Acredita num estilo de vida saudável e que “a prática faz a perfeição”, algo que aprendeu com o percurso como bailarina. Vê os concursos de beleza como mais do que aparência, mas uma oportunidade de empoderamento das mulheres e de abordar assuntos importantes. “É preocupante pensar que em algumas partes do mundo há mulheres que não têm as mesmas oportunidades. Acredito na igualdade, não só para as mulheres em relação

aos homens, mas para algumas minorias que necessitam de maior atenção em relação às suas necessidades”, sublinhando ainda a vontade de trazer esses assuntos à discussão na sociedade. “Ninguém deve desistir de perseguir os seus sonhos e de ser aquilo que quer ser. Somos todos diferentes e devemos ser únicos e dar tudo para sermos a melhor versão de nós próprios.” Nos dias que correm, aposta na influência das redes sociais e também quer usar o seu perfil público para a campanha direccionada às mulheres, que “devem construir a sua independência, tanto financeira como pessoal, e fazerem da união a sua força.”

Se não tivesse seguido a dança, Débora gostaria de ter ingressado nas forças de segurança. “Gostava de ter sido polícia porque tenho determinação e vontade de trabalhar para o bem comum”, disse. ■



CULTURA

Cerâmica de Shiwan conta história e tradições chinesas

É considerado um espólio único. Proveniente da colecção privada do advogado português Manuel da Silva Mendes, a cerâmica de Shiwan esteve em exibição no Museu de Arte de Macau. Peças de grandes dimensões ou miniaturas em barro e vidro que contam histórias da cultura e tradições chinesas

T SANDRA LOBO PIMENTEL
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

ENTRE MAIO e Setembro, estiveram em exposição no Museu de Arte de Macau dezenas de peças da colecção de cerâmica de Shiwan, produzi-



• LU YU A TOMAR CHÁ

AUTORIA DE PAN YUSHU
INÍCIO DO SÉCULO XX

“Segundo a tradição, o chá foi inventado por Lu Yu, no período Tang (618 - 906 d.C.). A primeira cerimónia do chá, dizem os taoistas, é a oferenda da taça por Hin-Hi a Lao Tze, que ia entregar-lhe o Tao-te King. O costume do chá, dizem os adeptos de Zen, nasceu das pálpebras de Bodhidharma, que é outra das figuras muito representadas na cerâmica de Shiwan, que as cortou e lançou para longe para impedir que a sonolência se apoderasse dele durante a meditação. As pálpebras caem mais adiante e delas nasce a planta do chá. É por isso que o chá é utilizado pelos monges com a mesma finalidade: mantê-los acordados”, conforme explicam documentos do Museu de Arte de Macau.

“Se a cerimónia do chá tem todas as aparências de um rito de comunhão que foi visando atenuar a rudeza dos costumes, disciplinar as paixões, ultrapassar os antagonismos guerreiros, e de estabelecer a paz, a sua característica principal é a do despojamento do acto, que visa, acima de tudo, o despojamento da individualidade. Como em todas as artes do Zen o objectivo é que o acto não seja realizado pelo ego, mas pela natureza pura ou pela vacuidade. O chá é, finalmente, o símbolo da essência de que faz parte o si mesmo, mas esta participação não é o vazio do sono, é a vigília intensa e activa no silêncio contemplativo.”



das nos anos de 1920. A colecção faz parte do espólio do Museu de Arte de Macau e foi coleccionada originalmente pelo advogado português Manuel da Silva Mendes (1876-1931), um “verdadeiro pioneiro do coleccionismo da arte da região de Cantão”.

Margarida Saraiva, investigadora e curadora do Museu, fez, em 2001, um estudo sobre esta cerâmica da região de Cantão, que faz parte da documentação da instituição. À MACAU falou das características desta arte e de como o advogado português, que chegou a Macau em 1901, influenciou os artistas da época na produção de peças que viriam a fazer parte de uma vasta colecção.

O estilo próprio da cerâmica de Shiwan pode explicar-se pela confluência entre as tradições locais características da região de Cantão e as novas técnicas introduzidas pelas migrações. Essa vaga migratória do século XIX levou a que esta arte, a partir de Guangdong, se tornasse muito popular fora da China.

“Uma das características fundamentais desta cerâmica é a riqueza e variedade cromática dos seus vidrados, sendo o branco, o vermelho sangue de

boi e o azul os mais frequentes. Destacam-se ainda os ricos e complexos efeitos a fazerem lembrar os sublimes vidrados dos antigos fornos Guan e Ge, vermelho romã, e o azul típico dos fornos Jun”, assinala Margarida Saraiva.

Um dos traços que também caracteriza esta cerâmica prende-se com o material usado. As figuras humanas da cerâmica de Shiwan apresentam muitas vezes vidrado apenas na área das vestes, surgindo as zonas em que o corpo da figura está descoberto sem qualquer vidrado, uma opção que confere aos personagens representados uma grande expressividade, com pormenores bem definidos nas mãos ou no rosto. Seria este o elemento distintivo que terá conduzido esta cerâmica, em finais da Dinastia Qing, ao apogeu artístico.

Foram inúmeros os personagens recriados na cerâmica de Shiwan, sobretudo figuras ligadas ao folclore local, lendas, óperas e novelas. Ainda assim, nos finais da Dinastia Qing e início do século XX, assiste-se a uma grande diversificação temática: juntam-se às figuras históricas e heróis populares as pessoas anónimas, os bustos, os nus e crianças estrangeiras.

Influência de Manuel da Silva Mendes

O advogado português chegou a Macau no início do século passado, tendo verificado que “aqui não havia um museu digno desse nome e, também, que não havia colecções, nem públicas, nem privadas, que pudessem servir para um museu”, explica Margarida Saraiva.

“Porque gostava de arte, começou a coleccionar”, principalmente, cerâmica de Shiwan e pintura chinesa. “Mas



• PAN YUSHU: O ARTISTA QUE FAZIA ROSTOS OCIDENTAIS

AUTORIA DE PAN YUSHU
INÍCIO DO SÉCULO XX

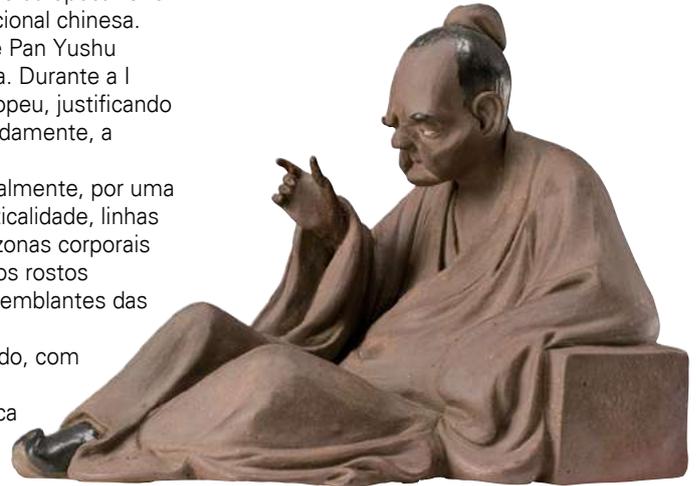
Pan Yushu é um dos mais afamados artistas da cerâmica de Shiwan, no entanto, pouco se sabe da sua vida, dos seus antepassados ou da sua formação. Sabe-se que viveu na viragem do século XIX para o século XX, sendo desconhecida a data do seu nascimento e terá morrido em 1935. O seu nome era Pan e o seu estilo Yushu, tendo adoptado esse nome artístico.

Ainda criança foi com o pai e com o irmão para Foshan, importante centro artístico e de artesanato na época, com o objectivo de se dedicarem a fazer estatuetas femininas vestidas de seda. Mais tarde, acabariam por se dedicar à cerâmica de Shiwan. Pan Yushu iniciou-se nesta arte com um dos artistas mais famosos da época: Chen Weyan. Beneficiou ainda do estudo de obras de pintura tradicional chinesa.

Há controvérsia entre investigadores sobre a possibilidade de Pan Yushu ter ou não estudado no Ocidente, nomeadamente, em França. Durante a I Guerra Mundial, o artista teria ido com o exército do país europeu, justificando as técnicas ocidentais no seu trabalho e no seu estilo, nomeadamente, a preocupação pelo rigor das proporções anatómicas.

Tinha um estilo muito próprio, que se caracteriza, fundamentalmente, por uma profunda expressividade dramática das peças, uma certa verticalidade, linhas estruturais rígidas, fortes e rectas, uma volumetria cúbica, e zonas corporais bem modeladas. Os panejamentos caem de forma natural e os rostos executados com grande mestria: rugas, olhos, cabelos e os semblantes das obras é sempre ocidental.

As obras de sua autoria estão marcadas com um selo quadrado, com caracteres que significam “feito por Pan Yushu”. O artista representa o expoente máximo da produção de cerâmica típica de Shiwan.



não foi só um coleccionador. Definiu o que considerava ser importante para uma colecção, por um lado, estudou sobre a colecção e, finalmente, escreveu sobre a colecção que constituiu, encomendando também várias obras a artistas conhecidos do seu tempo. É por isso um pioneiro a vários níveis”, ou seja, “estimulou a criação artística”, sublinha a investigadora.

Margarida Saraiva explica ainda que as encomendas que Manuel da Silva Mendes fez, tiveram um impacto na cerâmica de Shiwan. “Recuperou uma tradição muito antiga desta arte que era a realização de peças que fossem feitas completamente e somente em barro”, explicou.

Sobre a origem exacta desta cerâmica, tendo em conta que parte é constituída por objectos de uso quotidiano, há vestígios desde o neolítico. No entanto, no que respeita à vertente artística, há quem aponte a Dinastia Sung ou a Dinastia Ming. “Essa questão é difi-

cil de resolver porque existem poucos estudos sobre essa matéria. O facto é que já se produz cerâmica em Shiwan há muitos séculos. Há uma cerâmica de utilização quotidiana e outra que também tinha utilidade, porque era de representações de deuses e divindades e, de alguma forma, servia como ligação ao divino e essa era uma função importante. E depois há as produções do coração, as obras que os artistas faziam nos tempos livres, para além das encomendas, que os próprios apelidaram assim.”

É neste âmbito que Manuel da Silva Mendes entra, apesar da colecção do Museu de Arte de Macau ter um pouco de cada uma das vertentes desta arte.

A certa altura, esta cerâmica começou também a ser utilizada para fins arquitectónicos. “Há muitos templos desta região do sul da China que são decorados com cerâmica de Shiwan, que se caracteriza por temas religiosos, animais simbólicos na cultura e

na mitologia chinesa e é uma cerâmica completamente vidrada”, sublinha. Características diferentes tinham as chamadas miniaturas e as produções do coração, em especial, as últimas. “Todas as partes do corpo eram deixadas em barro, e as partes das vestes em vidro. Isto permitia aos artistas conseguirem mais pormenor na representação das mãos, dos olhos, da boca, do pescoço, e dar mais expressividade às figuras”, explica Margarida Saraiva.

As peças exclusivamente produzidas em barro fazem parte de uma tradição mais antiga. O coleccionador português gostou dessa característica e encomendou aos artistas seus contemporâneos peças de grandes dimensões para decoração dos jardins da sua casa. “São obras de grande escala, de figuras importantes na cultura chinesa e são feitas pelos melhores artistas da sua época, recuperando uma tradição antiga.” Algumas destas

peças fazem parte da colecção do Museu de Arte de Macau, “o que faz com que este museu tenha das melhores obras de Shiwan em toda a região e, talvez, também no mundo”, afirma a curadora.

Tudo terá começado com as frequentes visitas de Silva Mendes a Shiwan para estudar a cerâmica local, tornando-se o primeiro coleccionador do mundo a conhecer e a pesquisar esta forma de arte.

Anos mais tarde, na década de 1920, além de adquirir peças de Shiwan, Silva Mendes começou então a encomendar aos mestres Pan Yushu e a Chen Weiyan, os artesãos de cerâmica mais famosos naquela época.

O advogado terá convidado Pan Yushu para vir a Macau, e mostrar-lhe algumas estatuetas que possuía, produzidas num estilo europeu. O desejo de Silva Mendes era a produção de uma série sobre o tema dos deuses e heróis chineses, e Pan Yushu aceitou fazer as miniaturas. As pequenas estatuetas foram depois replicadas numa grande escala, numa fábrica de cerâmica em Cantão, com a colaboração do mestre

Chen Weiyan.

Uma parte dessas peças em miniatura foi exibida e faz parte da colecção do Museu. São consideradas um exemplo da renovação desta arte e prova da integração do artesanato tradicional chinês e das formas de expressão artística do ocidente no início do século XX.

Outra das facetas que envolvem Manuel da Silva Mendes na cultura da arte e coleccionismo em Macau, e que confere importância à sua colecção, fica expressa pelo envolvimento da sociedade civil e o seu empenho para que a cerâmica de Shiwan passasse a fazer parte de um museu.

Quando o advogado morreu, em 1931, “houve uma campanha de vários artistas, recorrendo aos jornais da altura, reclamando junto do Governo a necessidade de se adquirir a sua colecção de cerâmica”, conta Margarida Saraiva. “Nessa altura, o museu que existia era o Luís de Camões, integrado na Capitania dos Portos, ou seja, era um museu de natureza etnográfica. O director do museu na época pediu uma avaliação para aquisição da colecção”, no entanto, não havia dinheiro suficien-

te. “O Governo de Macau reuniu vários capitalistas chineses, fundos que serviram para adquirir a colecção e isso é um facto marcante, porque neste processo, estão envolvidas todas as comunidades.”

O Museu Luís de Camões encerrou em 1989, por ocasião da venda do actual edifício da Fundação Oriente. “O museu ficou sem espaço onde se instalar, e não mais foi vista a colecção, data em que é inaugurado o Museu de Arte de Macau, que sendo uma nova instituição, herda todo o espólio.” ■

• ONDE FICA SHIWAN?

Shiwan é uma pequena localidade que se situa dentro da cidade de Foshan, a capital da cerâmica chinesa, a cerca de 100 quilómetros de Macau. Faz parte da Província de Guangdong. Nesta região existem dezenas de fábricas de cerâmica de diferentes estilos, onde se pode também ver os artesãos a trabalhar.

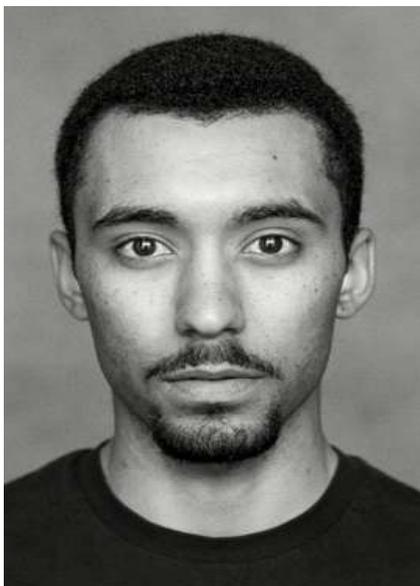


Margarida Saraiva, investigadora e curadora do Museu de Arte de Macau, fez, em 2001, um estudo sobre esta cerâmica da região de Cantão

ZACH WYATT

De Macau para os palcos de Londres

Zachary (Zach) Wyatt apaixonou-se pelo teatro quando ainda era um estudante na Escola das Nações, em Macau, ao participar no musical "Oliver!". Agora está prestes a estrear-se na peça "Eu e Tu" ("I and You"), no palco do Teatro Hampstead de Londres, ao lado da estrela da série "Game of Thrones", a actriz Maisie Williams



T LUCIANA LEITÃO

É **FILHO** de pai canadiano e mãe norte-americana, ambos residentes permanentes de Macau. Cresceu no território até concluir o ensino secundário, na Escola das Nações, mas o interesse pelas artes performativas fez parte da sua infância e juventude. "O gosto pelo teatro foi cultivado pelos meus pais", explica à MACAU. Mas foi com a participação na escola no musical "Oliver!" que verdadeiramente se entusiasmou com a área e pensou prosseguir profissionalmente. Em Macau, os pais incutiram-lhe o gosto pelas artes performativas, ins-

crevendo-o em workshops e levando-o a assistir a espectáculos. Na escola, participou em várias peças de teatro e, depois de concluído o ensino secundário, partiu para Londres para uma carreira na área.

Ciente de que ser bem-sucedido neste sector é difícil em qualquer parte do mundo, Zach acabou por conseguir entrar e concluir a formação na prestigiada Escola de Música e Teatro Guildhall de Londres. "O curso era muito exigente. O dia começava às 9h00 e algumas vezes terminava às 21h30", recorda.

Mas nunca pensou desistir. "Brinquei com a ideia se isto seria certo para mim, mas nunca pensei abandonar o teatro", acrescenta. Tal como qualquer outro trabalho, há "altos e baixos" e, no caso de uma "indústria que pode ser muito imprevisível", tudo "se amplia".

Em Macau, Londres, Nova Iorque ou qualquer outro lado do mundo, "o teatro é sempre difícil". Por isso,

Zach defende: "É preciso desafiar-te constantemente de forma a progredir numa indústria que poderá ter centenas de pessoas com um perfil semelhante".

Um homem de vários talentos

Esta constante luta por se desafiar é visível na página da Internet da Escola de Música e Teatro Guildhall, que enumera as várias competências de Zach. Assim, além de representar, o jovem actor sabe cantar, bem como tocar piano, percussão e guitarra.

É também um grande bailarino em estilos como as danças do século XX, de época e de rua, bem como no ballet, dança moderna, contemporânea e jazz. Além disso, é um praticante de diferentes modalidades desportivas, que vão do basquetebol e do futebol, passando pela natação e atletismo, até ao pingue-pongue.

Em destaque também na página da

OS PAIS INCUTIRAM-LHE O GOSTO PELAS ARTES PERFORMATIVAS, INSCREVENDO-O EM WORKSHOPS E LEVANDO-O A ASSISTIR A ESPECTÁCULOS. NA ESCOLA, PARTICIPOU EM VÁRIAS PEÇAS DE TEATRO E, DEPOIS DE CONCLUÍDO O ENSINO SECUNDÁRIO, PARTIU PARA LONDRES PARA UMA CARREIRA NA ÁREA

Escola de Música e Teatro Guildhal, está a atribuição da Bolsa Laurence Olivier 2017, pela The Society of London Theatre. Trata-se de um prémio que visa ajudar estudantes com talento que se encontram no último ano da escola de teatro. Da lista de anteriores vencedores constam nomes como os de Ewan McGregor, Michaela Coel, Paterson Joseph e Denise Gough.

O primeiro papel e o futuro

É assim que, aos 21 anos, Zach se encontra agora a preparar-se para o seu primeiro grande papel, na peça “Eu e Tu”, que estará em cena no Teatro de Hampstead de Londres, de 18 de Outubro a 24 de Novembro.

“Eu e Tu” é a história de uma menina (Maisie Williams) doente, confinada ao seu quarto, que recorre às redes sociais para ter companhia. Entretanto, um dia, o colega Anthony (Zach Wyatt) aparece em sua casa, sem convite, para fazer um projecto escolar, que deveria ser entregue no dia seguinte. Dali nasce uma improvável amizade, que dá origem a um vínculo misterioso.

Zach Wyatt desempenha um papel central nesta peça, mas o actor afirma “não ter expectativas”, mantendo-se apenas “entusiasmado” e “ansioso” por começar.

Sobre o futuro, depois de terminado este papel, é difícil fazer previsões. Apenas sabe que “gostaria de continuar a trabalhar em teatro e tentar também a sua sorte na televisão e no cinema”.

Londres é por agora a sua “segunda casa”, até porque a capital “parece ter tudo”, incluindo uma história rica no teatro. Macau, porém, continua a ser uma “casa”, até porque é ali que estão os pais. “Volto de vez em quando, normalmente pelas férias”, destaca.

Quanto a possíveis incursões profissionais no território, Zach afirma: “Tudo é possível. A maravilha de poder interpretar diferentes personagens é que com frequência te levam onde nunca imaginarias.” ■

I AND YOU
 BY LAUREN GUNDERSON
 DIRECTED BY EDWARD HALL

HAMPSTEAD THEATRE
 18 OCTOBER –
 24 NOVEMBER



T VÍTOR QUINTÃ

“A MANSÃO foi um santuário para o meu avô durante a Segunda Guerra Mundial, quando o meu avô tinha mais de 80 anos. O meu pai passou várias férias grandes naquela casa quando era jovem e recordava-a com grande carinho”, conta George Joseph Ho, neto de Sir Robert Ho Tung. O casarão a que ele se refere fica no número 3 do Largo de Santo Agostinho e é hoje conhecido precisamente como a Biblioteca Sir Robert Ho Tung. Um ‘comprador’ e filantropo de Hong Kong que deixou a casa em testamento ao Governo de Macau para se tornar a primeira biblioteca pública chinesa da cidade.

Na altura quase todas as bibliotecas públicas continham apenas livros em português e outras línguas ocidentais. Apesar da maioria da população ser – como é hoje – chinesa, não havia nenhuma biblioteca só com livros em língua chinesa. “Havia apenas bibliotecas populares criadas por associações locais”, confirma o arquitecto Carlos Marreiros. Ainda hoje sobrevive uma delas, o pavilhão da Biblioteca Pública da Associação Comercial de Macau, no Jardim de São Francisco. Além do edifício, cuja doação foi lavrada no testamento de Ho Tung em 1955, quando o milionário morreu, a 26 de Abril de 1956, a família juntou ainda um montante de 25 mil dólares de Hong Kong para a aquisição de livros chineses. “Na altura era bastante dinheiro”, diz Carlos Marreiros. Após receber oficialmente a doação, em Abril de 1957, a então Administração portuguesa de Macau não perdeu tempo a comprar um acervo de obras preciosas e raras.

Tesouros antigos

A Sala de Obras Antigas e Raras Chinesas da Biblioteca Sir Robert Ho Tung contém actualmente 30 mil volumes. O destaque, diz Gary Ngai Mei Cheong, antigo vice-presidente do Instituto Cultural (IC), é um acervo de cerca de 5000 volumes anteriores a 1912, das dinastias Ming e Qing,

BIBLIOTECA SIR ROBERT HO TUNG

A mansão que foi a primeira biblioteca chinesa da cidade

Completam-se este ano 60 anos da abertura da Biblioteca Sir Robert Ho Tung, aquela que foi a primeira biblioteca pública chinesa de Macau. Mas a história do edifício tem mais de 100 anos e outros segredos para contar, de um refúgio em tempos de guerra ao primeiro auditório da cidade

as últimas duas linhagens de imperadores a governar a China. O mais antigo, uma publicação do reinado do imperador Jiajing, intitulado Yong da ji (Crónicas das Províncias de Shaanxi, Gansu e Qinghai), foi escrito a meio do século XVI. “Foi um oficial português que sugeriu ao governo comprar as obras mais raras, que vêm da Coleção da Biblioteca Ka Ip Tong, uma família rica cuja decadência levou a que fosse vendida. Ainda tiveram que regatear,” segundo o IC.

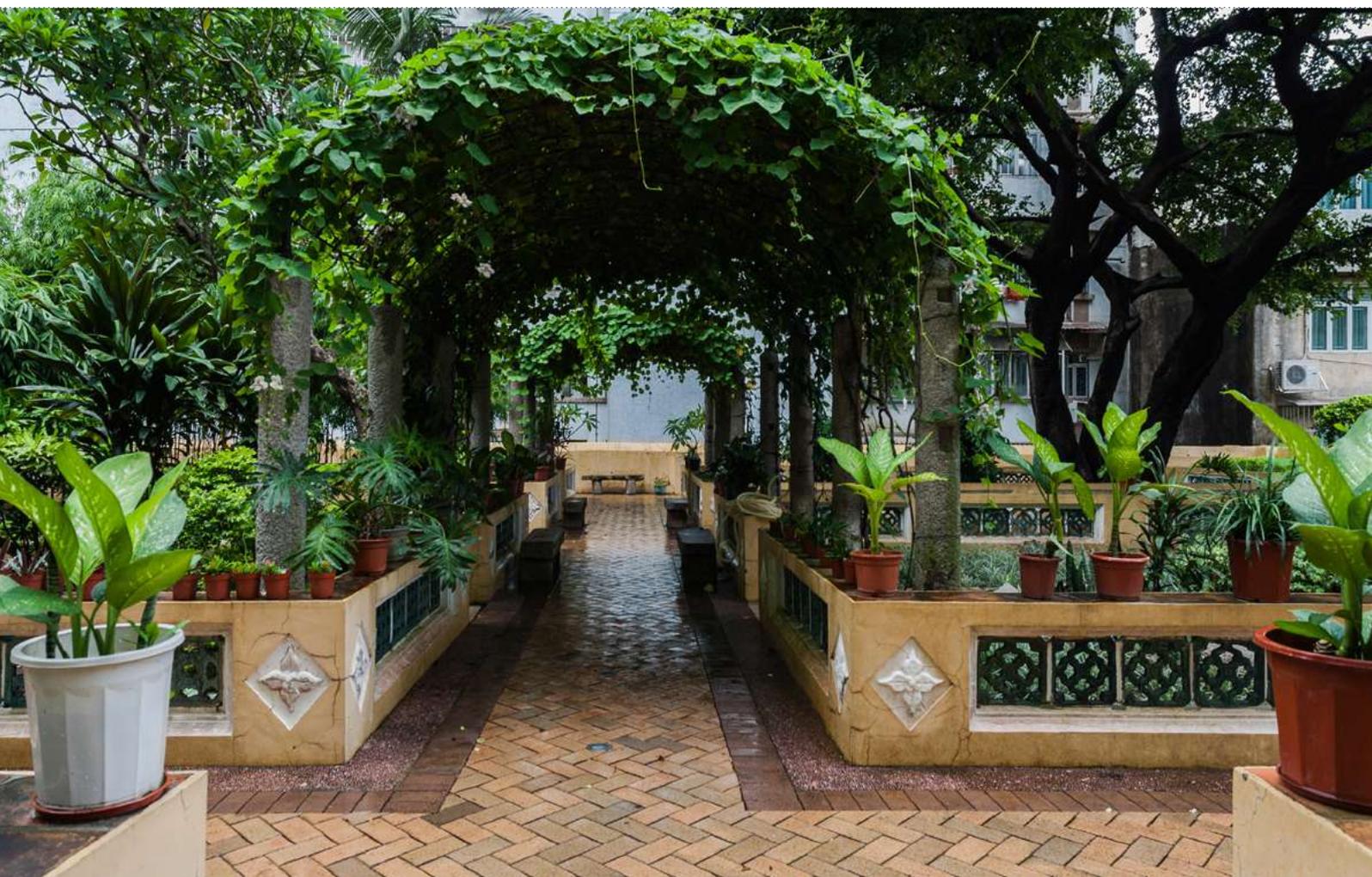
Um dos livros, Extracto do Manuscrito de Weng Fanggang sobre Si Ku Quan Shu (Os Quatros Tesouros do Imperador) foi inscrito em 2010 na Lista Nacional de Livros Antigos Preciosos da China. Gary Ngai destaca também a existência de uma versão completa dos Quatros Livros e Cinco Clássicos, a base fundamental dos ensinamentos

do filósofo chinês Confúcio.

Quando abriu, a 1 de Agosto de 1958, era então a maior biblioteca pública de Macau e Hong Kong. Um espaço que ajudou a manter livros preciosos “relativamente intactos” num período de enormes convulsões na história da China, refere Gary Ngai. Muito sobreviveu à tempestade. “É certo que não é possível comparar, mas estas são obras preciosas, únicas, aqui em Macau, não existem em outros lugares”, de acordo com informação do IC. São muitos os estudiosos e académicos que vêm à cidade de propósito para consultar os documentos. Por isso mesmo, e para permitir que mais interessados de todo o mundo possam ter acesso, a biblioteca tem estado a digitalizar os títulos antigos.

Em dois anos já foram digitalizadas 16 obras. “Não é fácil porque durante

À HISTÓRIA DO EDIFÍCIO QUE HOJE ACOLHE A BIBLIOTECA COMEÇA MUITO ANTES DA CHEGADA DO NEGOCIANTE DE HONG KONG. DE ACORDO COM O REGISTO PREDIAL, A PROPRIEDADE FOI REGISTADA PELA PRIMEIRA VEZ NO DIA 5 DE ABRIL DE 1894



a digitalização, se se encontrar papel de arroz, se se encontrar algum dano, tem sempre de ser pedido o restauro, por isso leva tempo”, explica. Os recursos são escassos para lidar com 5000 livros antigos e por isso só os mais importantes podem ser digitalizados. Ainda assim, o IC pretende partilhar com o público, ainda este ano, os primeiros livros electrónicos do acervo de obras antigas da Biblioteca Sir Robert Ho Tung.

Séculos de história

A história do edifício que hoje acolhe a biblioteca começa muito antes da chegada do negociante de Hong Kong. De acordo com o registo predial, a propriedade foi registada pela primeira vez no dia 5 de Abril de 1894. “Existe uma fotografia da zona no início do século XX em que já aparece esta mes-

ma casa”, diz Carlos Marreiros. O arquitecto usa também a existência do que chama uma falsa fachada para datar a construção: “A uma determinada altura, por volta de 1890, foi moda estes pórticos que eram acoplados a edifícios existentes”.

Por um lado, a arcada era um “inteligente método de controlo climatérico natural”, impedindo o sol de bater directamente na fachada do edifício e criando “uma zona de penumbra e refrescamento”, explica Marreiros. Aliás, os chineses gostavam de dormir a sesta nesta galeria, num tipo de cama desdobrável de lona chamada de ‘burra’, conta o arquitecto. Por outro lado, era também “um meio de ostentação de algum novo-riquismo, era um sinal exterior de riqueza”, diz Marreiros.

Esta vontade uniu-se no século XIX ao talento de dois arquitectos macaenses,

José Tomás de Aquino e António Alexandrino de Melo, para criar a Escola de Macau. “Um hibridismo que tirou o melhor da arquitectura gótica, neoclássica portuguesa e ocidental, e da chinesa e das influências locais e surge depois um estilo próprio”, explica Marreiros. Mesmo as falsas fachadas, defende o macaense, foram uma forma de ajustar uma arquitectura “pom-balina, austera” ao clima bem pouco moderado de Macau.

A mansão começou por pertencer a D. Carolina Antónia da Cunha, que se mudou para lá após a morte do marido, o então Governador de Macau Pedro Alexandrino da Cunha, em 1850. Num caso raro, D. Carolina não regressou a Portugal após enviuar e acabou mesmo por viver na cidade o resto da vida. Após a morte dela, o imóvel foi arrematado em hasta pública em

1898, passando para as mãos do industrial chinês Chau Tung Sang. Posteriormente, em 1911, foi adquirido por Miguel Rodrigues Morgado. Após a sua morte, a sua esposa Eugénia Marques Morgado herdou metade dos direitos sobre a propriedade, tendo adquirido a outra metade em 1917.

Refúgio de guerra

Foi então que entrou em cena Sir Robert Ho Tung. “Ele gostava muito de Macau, pela beleza daquela que era conhecida com a cidade das sete colinas”, diz Carlos Marreiros. Não admira que a 27 de Fevereiro de 1918 Sir Robert Ho Tung tenha adquirido o número 3 do Largo de Santo Agostinho por 16 mil dólares de prata. “Mas na verdade ele era um homem ocupado e os seus negócios estavam centrados em Hong Kong”, refere Marreiros.

A casa de Macau seria usada apenas

como retiro de férias, até que tudo mudou no Dia de Natal de 1941, quando Hong Kong se rendeu à ocupação japonesa durante a Segunda Guerra Mundial. Sir Robert Ho Tung mudou-se então de malas e bagagens para Macau, cidade que permaneceu livre, uma vez que Portugal declarou neutralidade durante as hostilidades. Mas a adversidade não fez o milionário perder o reconhecido faro para o negócio. Até ao regresso à cidade vizinha, em 1945, o antigo ‘comprador’ “estendeu

as suas operações de Hong Kong para Macau, sobretudo durante a ocupação japonesa, mas também depois do final da Segunda Guerra Mundial”, diz Gary Ngai. Segundo uma biografia em língua chinesa de Stanley Ho Hung Sun, publicada nos anos 1990, o magnata do jogo de Macau teve o apoio do tio, Sir Robert Ho Tung, para lançar as raízes da actual indústria dos casinos na cidade.

George Joseph Ho diz que a família não ficou surpreendida quando o milionário decidiu doar a casa de Macau

○ CONTRASTE ENTRE A MANSÃO CENTENÁRIA E A FACHADA DE VIDRO NÃO IMPEDIU A INSCRIÇÃO DO EDIFÍCIO NA LISTA DE PATRIMÓNIO MUNDIAL PELA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA (UNESCO) EM 2005.



para ser usada como biblioteca pública. Numa altura em que a cidade estava a ser invadida por vagas de refugiados que fugiam à guerra, “o meu avô ficou muito sensibilizado pela calorosa hospitalidade das pessoas de Macau”, diz o director da Commercial Radio de Hong Kong. Sir Robert Ho Tung “era um homem frugal na sua vida pessoal. Ele não gastava muito com ele próprio, mas acreditava em retribuir as comunidades que o beneficiaram ou que lhe ofereceram um porto de abrigo”, diz George.

Após a sua morte, o faro que o ‘comprador’ demonstrou para o negócio foi eclipsado pelas acções filantrópicas que deixou em Hong Kong, mas também em Macau. Aliás, a doação do edifício no Largo de Santo Agostinho nem foi a primeira vez que o negociante tinha puxado da carteira para ajudar a cidade. Já em 1951 tinha feito uma doação para permitir a construção de duas escolas – uma masculina e outra feminina – onde hoje se situa a Escola Primária Luso-Chinesa Sir Robert Ho Tung. A contribuição do

milionário para Macau foi “bastante positiva”, diz Gary Ngai.

De portas abertas

Carlos Marreiros tinha um ano quando a Biblioteca Sir Robert Ho Tung abriu ao público e lembra-se de visitar o edifício a partir dos anos 1970, nomeadamente para procurar “livros de difícil acesso” e ainda para ter aulas de latim. “Havia americanos e russo-americanos que estavam em Macau a estudar acupunctura, e eles viviam de ensinar inglês ou latim”, recorda o macaense. “Eu já queria ser arquitecto mas nunca imaginei que um dia teria um papel naquele mesmo edifício,” confessa Marreiros.

O jovem arquitecto foi convidado por Francisco Figueira, chefe do então Departamento do Património do IC, para colaborar no restauro da biblioteca, uma operação que tentou manter ao máximo o que já existia. “Criámos uma marquise no primeiro e segundo andar para ganhar espaço na sala de leitura, desinfestámos o edifício que estava atacado pela formiga-branca e

introduzimos desumidificadores”, explica Marreiros.

O jardim da frente, cujos arcos tinham sido fechados, foi de novo aberto ao exterior, diz o macaense. “Era habitual em Macau as casas terem dois jardins, com o jardim fronteiro de boas-vindas, uma tradição tanto portuguesa como chinesa. Eram sempre jardins com flores, que davam beleza e bom cheiro”, refere Marreiros. Já o jardim traseiro era funcional, com canteiros de ervas aromáticas e vegetais de uso na cozinha macaense, e a Biblioteca Sir Robert Ho Tung mantém ainda hoje as árvores de fruto. Duas delas, a maçã de Java e a longane, estão mesmo entre as sete árvores de seis espécies diferentes preservadas neste jardim que fazem parte da “Lista de Salvaguarda de Árvores Antigas e de Reconhecido Valor” de Macau. Uma delas foi danificada durante a passagem do tufão Hato, em Agosto do ano passado, mas foi possível recuperá-la.

O rés-do-chão do edifício acolheu a primeira livraria portuguesa de Macau, recorda Carlos Marreiros, enquanto o últi-



mo andar recebeu o primeiro auditório cultural da cidade, o qual tinha capacidade para 100 pessoas e onde chegou a actuar a célebre pianista portuguesa Maria João Pires. “Havia já muitas actividades culturais programadas que precisavam de um espaço, como por exemplo canto lírico e concertos de piano”, explica o arquitecto. Mesmo actualmente, quando a cidade tem já um Centro Cultural e outras salas de espectáculo – incluindo o Teatro D. Pedro V, mesmo ao lado, no Largo de Santo Agostinho –, a biblioteca tem organizado actividades culturais como leitura de poesia e dança.

Presente e futuro

Após o restauro liderado por Carlos Marreiros, em 2002, o IC decidiu construir um novo bloco no jardim traseiro da biblioteca. “Um belo edifício moderno”, diz o arquitecto. O contraste entre a mansão centenária e a fachada de vidro não impediu a inscrição do edifício na Lista de Património Mundial pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) em 2005. No ano seguinte, a 13 de Novembro, entrou em serviço a nova biblioteca, equipada com uma sala de livros antigos mas instalações e serviços modernos.

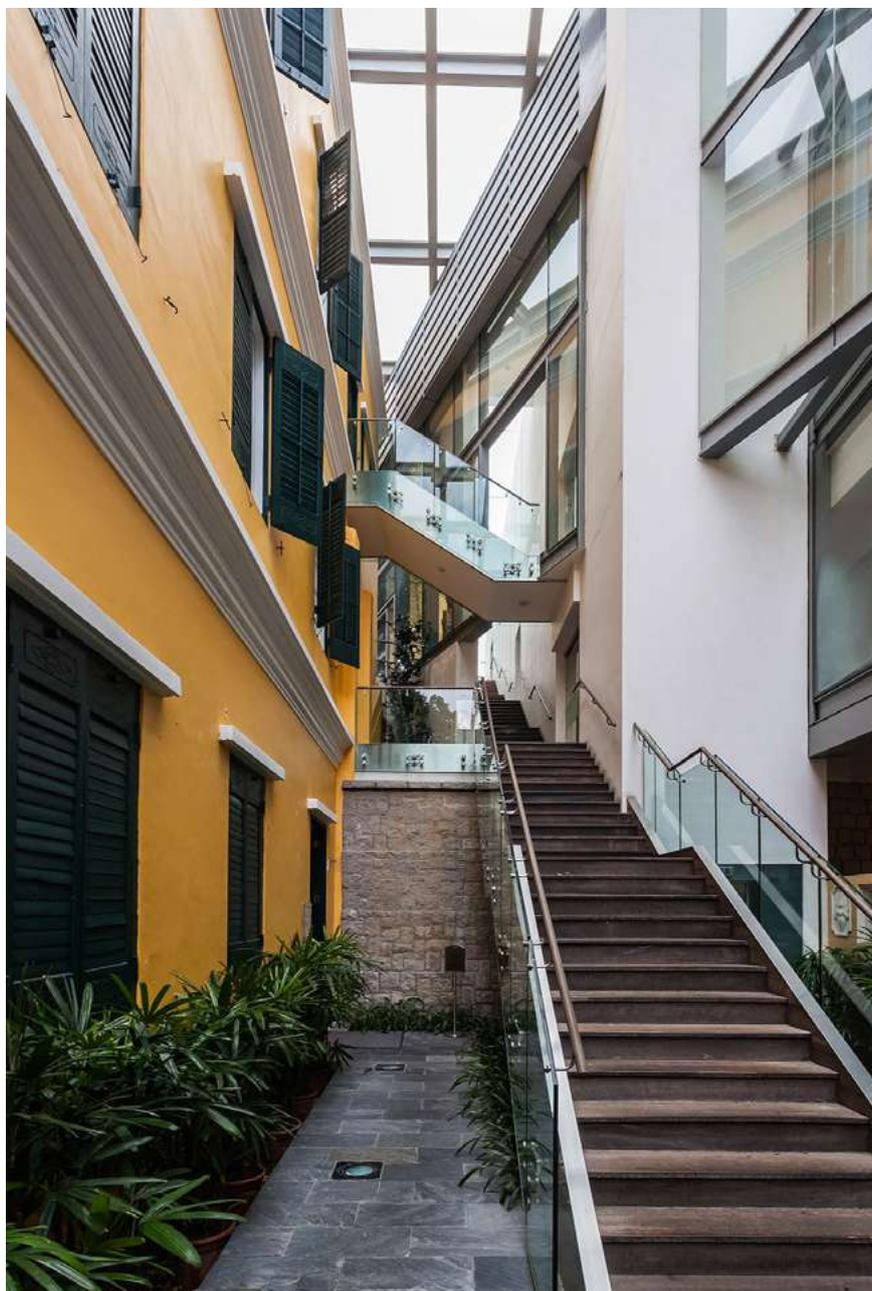
Uma das características especiais do novo bloco é que a fachada é de vidro, permitindo ver a diferença entre a sede antiga e a parte nova e apreciar o jardim. O resultado final é um ambiente diferente das outras bibliotecas, muito tranquilo e sossegado.

Tanto os residentes como os turistas parecem concordar. Aliás, o jardim da Biblioteca Sir Robert Ho Tung é paragem frequente de quem visita Macau e o jardim traseiro um local popular para tirar fotos bem longe do brilho do néon dos casinos do Cotai. A biblioteca recebeu 280 mil pessoas só em Julho deste ano e mais de 1,6 milhões de visitantes nos primeiros sete meses de 2018, revela o IC.

Em Julho passado o IC recebeu nove propostas para a transformação do edifício do antigo Tribunal, na zona do Nam Van, na nova Biblioteca Cen-

tral de Macau. O concurso prevê que o espaço possa receber uma colecção de até um milhão de títulos, 100 espécies de jornais, mil espécies de publicações periódicas e até 160 mil peças de material multimédia. O espaço actualmente usado na Biblioteca Sir Robert Ho Tung para funções administrativas deverá ficar então livre. Algo que vem mesmo a calhar, numa

altura em que os utentes exigem mais espaço. A futura abertura da Biblioteca Central poderá, por exemplo, permitir à Sir Robert Ho Tung concentrar-se em disponibilizar mais livros sobre arte e literatura, assuntos que ultimamente têm atraído mais leitores, de acordo com o IC, mas também a organizar eventos artísticos de pequena dimensão. ■



HONG JIAN

Curvas da vida

T MARTA CURTO
F PAULO CORDEIRO
EM PORTUGAL

Foi a música clássica que a levou da China para Portugal. Fê-la viajar, crescer, conhecer o marido e até aprender português. Hoje Hong Jian vê o violoncelo como uma extensão de si, mas a verdade é que ler pautas era uma consequência previsível na sua vida. Olhando para trás, adivinha que não podia ter sido de outra maneira



HONG JIAN tem 50 anos e faz parte da Orquestra Metropolitana de Lisboa. Mas nasceu muito longe de Portugal, mais precisamente na cidade de Tianjin, a cerca de 100 quilómetros de Pequim. Filha de pai violinista e mãe cantora lírica, Hong Jian cresceu a ouvir música clássica e popular, já que “era o que tocava na rádio”. Em pequenina, mais eram as brincadeiras que os instrumentos que a fascinavam. Mas a tradição chinesa mandava-a sentar e aprender. Tal como na maioria dos lares chineses, os pais de Hong Jian não duvidavam do poder da música no desenvolvimento da filha. “É bastante normal aprender-se um instrumen-

to musical na China. Acredita-se que, quem tem este tipo de competência, é mais estruturado e tem melhores notas. Para além dos meus pais, eu tinha tios e primos a tocar profissionalmente. A música fazia parte do meu lar, e a música clássica era a banda sonora da minha família”, recorda. E, por isso, foi aos cinco anos que começou a aprender a tocar violino com o pai, mais por obrigação do que gosto. Aprendeu rápido que a força da genética a ajudava e logo o imperativo se tornou apetitivo de uma escolha de vida. Aos oito anos já tinha vontade própria. Pediu à mãe para mudar de violino para violoncelo porque gostava do som mais

grave. Pequenina para um instrumento tão grande, Hong Jian deu a volta às medidas. O seu primeiro violoncelo foi feito propositadamente para o seu tamanho. O instrumento ocupava-lhe o corpo todo e escudava-a do mundo. Tornou-se parte de si, como mais um membro anatómico. Mais do que um braço ou uma perna, uma voz que falava em língua universal. Assim começou um percurso musical que a fez dar à volta ao mundo e a obrigou desde cedo a dar uma volta ao seu mundo. Sem olhar para trás como se outra escolha não tivesse. Aos 12 anos decidiu tentar a sua sorte no Conservatório Central de Pequim que funcionava como escola profissional. “Era uma escola interna, e vinham crianças da China inteira para tentar entrar. Não era fácil e havia poucas vagas. Mas eu consegui.” Era a primeira vez que vivia longe dos pais, da família, de casa. Num ambiente escolar cheio de outras crianças que vinham de outros países, de outras famílias, de outras casas. Podia ter sido uma experiência traumatizante, uma clausura solitária. “Na verdade, não me lembro que estes tempos tenham sido maus. Fiz novos amigos e isso facilitou tudo. Para mim, estar no Conservatório Central de Pequim foi não só uma honra como um momento decisor para a minha carreira.” Hong Jian não se lembra do momento em que decidiu seguir a música profissionalmente, mas se até Pequim as brincadeiras lhe ocupavam muito tempo, quando entrou no Conservatório, lembra-se que começou a estudar muito mais. Ali tudo era música e a música era tudo.

Pelo mundo fora

Rapidamente singrou e chegou a ser primeira violoncelo da Orquestra de Jovens da China, sob a direcção do Maestro Muhai Tang. Nascido em Xangai, Muhai Tang é hoje maestro titular da Orquestra Filarmónica de Belgrado, maestro titular e director artístico da Ópera e Orquestra Tianjin e director artístico da Orquestra Filarmónica de Xangai e da Orquestra Sinfónica de Zhenjiang, na China. Tê-lo no cur-





rículo é por si uma mais-valia de peso. “Fiz várias *tournées* com a Orquestra de Jovens da China. Era a primeira vez que saía do meu país, foi um abrir de horizontes para mim. Tudo era novo e deslumbrante. De todos os países que visitámos, Itália foi o que mais me marcou.”

Pouco mais tarde, e continuando uma jornada que a muitos pareceria brilhante mas que para Hong Jian foi apenas o continuar natural de um caminho, foi-lhe atribuída uma bolsa do governo chinês que lhe permitiu ingressar no Conservatório Tchaikovsky, em Moscovo.

Fundado em 1866 pelo Príncipe Nikolai Petrovitch Troubetzkoy e Nikolai Rubinstein, irmão do famoso pianista Anton Rubinstein, o Conservatório Tchaikovsky era, quando Hong Jian lá entrou, uma das escolas de música mais conceituadas do mundo. Desde 1940 que se fazia conhecer pelo nome do compositor russo já que Tchaikovsky fora nomeado professor de Teo-

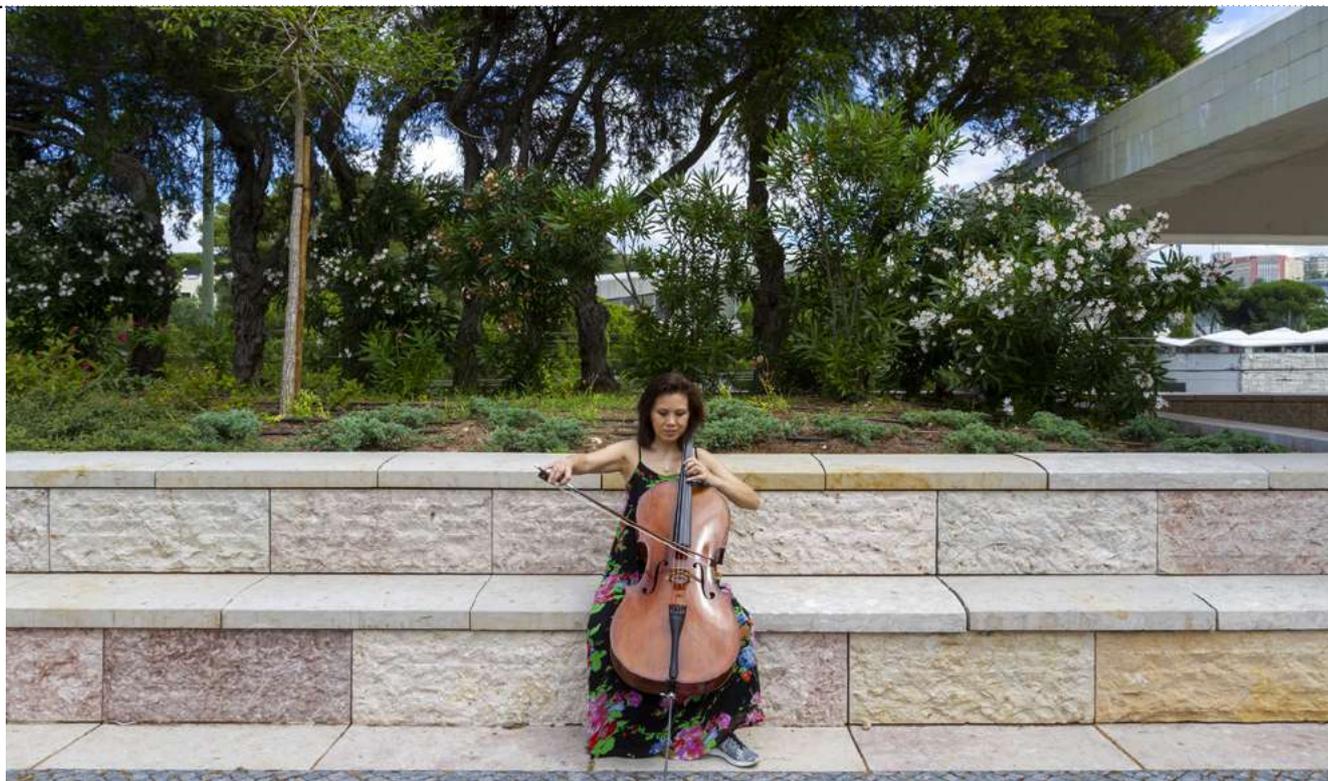
“PARA ALÉM DOS MEUS PAIS, EU TINHA TIOS E PRIMOS A TOCAR. A MÚSICA FAZIA PARTE DO MEU LAR, E A MÚSICA CLÁSSICA ERA A BANDA SONORA DA MINHA FAMÍLIA”

ria Musical e Harmonia desde a inauguração da escola até perto de 1878. Entre os graduados estão o compositor, pianista e maestro russo Sergei Rachmaninoff, Mstislav Rostropovich, considerado por muitos um dos maiores violoncelistas do século XX, e Alfred Schnittke, visto como o compositor mais importante a surgir na Rússia desde Dmitri Shostakovich.

Para Hong Jian, era uma emoção percorrer aqueles corredores, mas ao mesmo tempo a adaptação nem sempre simples a um mundo novo. “Vivi quatro anos em Moscovo, e lembro-me que, no início, não foi fácil. Era tudo tão diferente e havia tantas restrições na União Soviética. Mas acabei por entender um pouco da língua, me

habituar à comida e fazer amigos, o que facilitou a minha integração.”

O que também lhe resgatou o sorriso nos lábios foi a possibilidade de frequentar *masterclasses* com alguns dos seus ídolos, e dos maiores nomes da música clássica mundial. O francês Paul Tortelier foi um deles. “Nunca tinha visto ninguém tocar violoncelo daquela maneira, de certa forma era diferente de tudo.” Tortelier era um violoncelista e compositor francês extrovertido e um grande contador de histórias. Chegou a dar *masterclasses* na televisão britânica que eram bastante populares e seguidas mesmo por quem pouco ou nada entendia de música. Foi o primeiro ocidental a ser convidado professor honorário de



música no Conservatório Central de Pequim. E cativava quem o rodeasse. “Com o seu instrumento, usava o espigão de uma forma que nunca havíamos visto. Era tudo uma novidade!”, recorda Hong Jian. Ainda hoje o espigão Tortelier é usado por uma geração de violoncelistas. Idealizado pelo músico, tem a ponta curvada para trás o que faz elevar o tampo do instrumento facilitando a execução musical.

Tortelier não foi o único grande nome da música clássica com quem Hong Jian tocou. Na altura, para além de Muhai Tang, já trabalhara com alguns dos mais importantes maestros da República Popular da China, nomeadamente com Long Yu, hoje director artístico e maestro principal da Orquestra Filarmónica da China e da Orquestra Sinfónica de Xangai. Mas Tortelier terá sido o que mais a marcou. O francês faleceu em 1990, com 76 anos.

O regresso

Cansada da distância e com saudades de casa, Hong Jian regressou. Em 1997 integrou a Orquestra de Câmara de Macau como assistente de primeiro violoncelo e começou a leccionar

violoncelo no Conservatório da RAEM. “Queria estar perto dos meus pais e abriu esta vaga em Macau.” Embora alguns alunos só frequentassem as aulas por *hobby* ou para fazer a vontade aos pais, havia outros que queriam realmente começar ali uma carreira. Com uns e outros, Hong Jian aprendeu. E melhorou. “Para mim foi uma descoberta. Há vários problemas que resolvemos quando os tentamos explicar. Ensinar ajudou-me a tocar melhor”, recorda.

Foi igualmente em Macau que conheceu o violinista português Carlos Damas, que também tocava na Orquestra de Câmara de Macau. Foi ali que começaram a namorar e a fazer planos de outros cenários e outras orquestras. Em 2001, o casal decidiu ir para Portugal para integrar a Orquestra Metropolitana de Lisboa, que ainda hoje é a sua casa musical.

Na casa familiar têm duas filhas, sendo que uma também já toca violoncelo. Por enquanto, e tal como a mãe na sua infância, a menina partilha a música com a brincadeira e Hong Jian não faz questão que a filha lhe siga os passos. Sabe que a vida de um músico é

dura, e se faz com paciência, determinação e muita dedicação. Apenas lhe pode ensinar o caminho e deixá-la escolher percorrê-lo, ou não.

Há 17 anos em Portugal, Hong Jian nunca esteve tanto tempo no mesmo poiso desde que se conhece adulta. Mais do que morada, Portugal já é pátria e Lisboa tem sabor a casa. Hoje já não pensa regressar à China, embora também nunca a deixe ficar demasiado longe. Faz questão de participar regularmente em formações de música de câmara e em vários festivais, nomeadamente o Festival Internacional de Música de Macau e o Festival de Artes da China, e aproveita para visitar o pai, a irmã e vários tios e primos.

Hoje, olhando para trás, Hong Jian admite que se não tivesse sido música, talvez gostasse de ter tentado a carreira de actriz. “Mas não sei se teria jeito”, acrescenta a rir. Para a música não há dúvidas. Seja por gosto herdado ou talento inato, a verdade é que as curvas da carreira de Hong Jian ditaram curvas por tantos países, todos tocados pelas curvas do seu violoncelo. ■



NATIONAL
GEOGRAPHIC

SINFONIA
DO
NOSSO
MUNDO



VÍDEOS EXTRAORDINÁRIOS X MÚSICAS ORIGINAIS
EXECUÇÃO VIBRANTE DA ORQUESTRA DE MACAU

25.11.2018 | 20:00

Domingo
Centro Cultural de Macau -
Grande Auditório

Maestro



Jessica Gethin

Aproximadamente 2 horas,
incluindo um intervalo

Bilhetes
MOP 250 / 200 / 150

Os Bilhetes à venda na Bilheteira Online de Macau

Reserva de Bilhetes
www.macauticket.com / 2855 5555





FESTIVAL INTERNACIONAL DE MÚSICA CHEGA ÀS OFICINAS NAVAIS ESTE ANO

As Oficinas Navais fazem parte pela primeira vez da rota de espectáculos da 32.ª edição do Festival Internacional de Música de Macau. A banda local EVADE e o grupo FM3, de Pequim, vão encher estes antigos estaleiros de finais do século XIX de música electrónica

T CATARINA DOMINGUES

Ouvir música electrónica nas Oficinas Navais vai ser possível já este mês por ocasião do Festival Internacional de Música de Macau (FIMM). Marque a data na agenda: 26 de Outubro é o dia em que estes antigos estaleiros, que datam de finais do século XIX e que testemunharam a ascensão e a queda da indústria naval, passam a fazer parte da rota musical do FIMM. Uma “noite de sons hipnotizantes”, antevê o Instituto Cultural (IC). No espectáculo “Batida Electrónica”, são duas as bandas que vão subir aos palcos das antigas oficinas. Sobre a música de EVADE, conjunto de Macau, a organização diz tratar-se de uma “mistura rebelde de electrónica

minimalista e post-dubstep”. Já FM3, banda de Pequim, é formada por Christiaan Virant e Zhang Jian, sendo “considerada uma das pioneiras da música electrónica na China”. O projecto “Buddha Machine”, um

dispositivo especial inspirado num aparelho que toca cantos budistas, é o trabalho mais conhecido dos FM3. “Minimalista e emocionalmente carregada, a sua música constrói uma paisagem sonora meditativa e com



uma ressonância poética e hipnótica”, escreve o IC na apresentação deste grupo musical.

Apesar de grande parte da programação estar reservada para o mês de Outubro, foi a 28 de Setembro que arrancou a 32.ª edição do festival. Abriu com “L’Elisir D’Amore” de Gaetano Donizetti, numa produção da Ópera de Zurique que marcou o 170.º aniversário da morte do compositor italiano.

A vinda a Macau da L’Opéra de Chambre de Genève celebra também os 150 anos da morte de outro erudito italiano Gioachino Rossini, com a apresentação da ópera “Il Signor Bruschino”, no Teatro D. Pedro V nos dias 12 e 13 de Outubro.

A austríaca Camerata Salzburg junta-se ao violinista francês Renaud Capuçon no dia 21 de Outubro para dois concertos de Mozart para violino e duas sinfonias de Haydn no Grande Auditório do Centro Cultural de Macau (CCM).

De Portugal chega este ano o trio Sangre Ibérico, que leva à Casa do Mandarim no dia 5 de Outubro “Portugal encontra Espanha”, um espectáculo que alia fado à rumba flamenca. De destacar ainda a vinda do violoncelista brasileiro António Meneses, com actuação agendada para 14 de Outubro no CCM. O também vencedor do Concurso Internacional de Música de Munique vai ainda dar uma masterclass no auditório do Conservatório de Macau. O festival, que conta com um orçamento de 30 milhões de patacas, encerra este ano com dois concertos da orquestra alemã Staatskapelle Dresden. Dirigido pelo maestro Christian Thielemann, o grupo, com uma história de 470 anos, vai apresentar as sinfonias completas de Schumann.

32.º FESTIVAL INTERNACIONAL DE MÚSICA DE MACAU

ATÉ 28 DE OUTUBRO
PROGRAMA COMPLETO EM
[HTTP://WWW.ICM.GOV.MO/FIMM/32/](http://www.icm.gov.mo/fimm/32/)



MÚSICA

Uma Vida no Jazz

Monty Alexander, pianista de jazz jamaicano, traz “Uma vida no Jazz” ao Centro Cultural de Macau. “Monty desenvolveu um forte vocabulário de swing e bebop, além de reggae de fusão. Ultimamente, tem tentado novas tendências de jazz ao reorganizar a música de Bob Marley, fascinando os fãs com a sua criatividade desenfreada”, escreve o Instituto Cultural.

12 E 13 DE OUTUBRO DE 2018
CENTRO CULTURAL DE MACAU
Bilhetes a partir de MOP 250



Rima Cantonense na Rota da Seda

“Abrangendo elementos musicais árabes, da região de Lingnan, do Sudeste Asiático e da Índia, ‘Rima Cantonense na Rota da Seda’ evoca fortes emoções de exotismo e nostalgia”, escreve o Instituto Cultural sobre o espectáculo. A Orquestra Nacional de Cantão vai ser liderada pelo maestro Zhang Lie.

14 DE OUTUBRO DE 2018
CENTRO CULTURAL DE MACAU - GRANDE AUDITÓRIO
Bilhetes a partir de MOP 100



Caminho Nostálgico

É o regresso a Macau de Guo Yazhi, lenda da suona da China. O concerto da Orquestra Chinesa de Macau, dirigido pelo maestro Liu Sha, conta também com a estreia mundial da peça “Ge Liang Liang” do compositor Wang Danhong, “uma suíte de orquestra chinesa que retrata os encantos de Shanxi”.

19 DE OUTUBRO DE 2018
CENTRO CULTURAL DE MACAU - GRANDE AUDITÓRIO
Bilhetes a partir de MOP 100



Stile Antico

Considerado pela Gramophone um dos 20 principais coros a nível mundial, Stile Antico, do Reino Unido, é reconhecido como um dos grupos vocais mais criativos da actualidade. Em “Rainha das Musas”, o grupo apresenta uma selecção de música britânica renascentista composta durante o reinado de Isabel I.

20 DE OUTUBRO DE 2018
TEATRO DOM PEDRO V
Bilhetes a partir de MOP 100



VIAGEM ORIENTAL: GOA E MACAU NUM PAVILHÃO CHINÊS

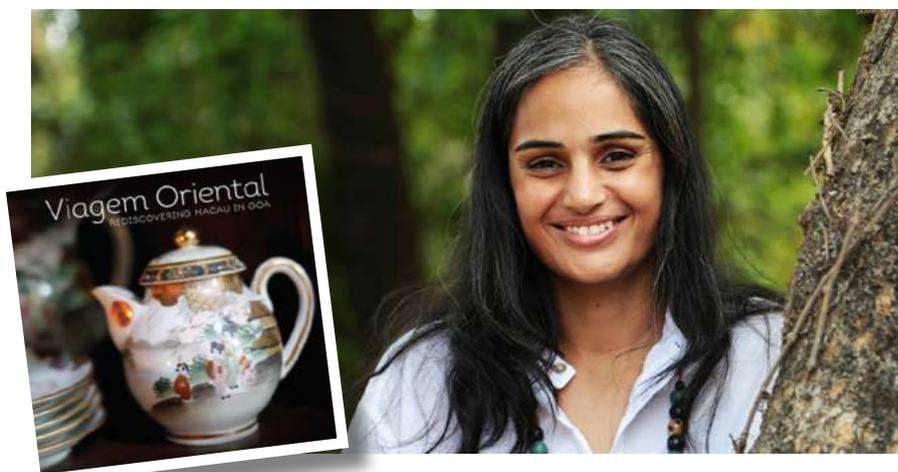
A exposição fotográfica “Viagem Oriental” testemunha séculos de intercâmbio cultural e comercial entre Goa e Macau. Para ver no jardim do Lou Lim Iok entre 9 e 18 de Outubro

T CATARINA DOMINGUES

Goa e Macau em fotografia. A exposição “Viagem Oriental”, idealizada pela realizadora de origem goesa Nalini Elvino de Sousa, revela peças decorativas e de colecção originárias de Macau, mas que habitam casas senhoriais goesas. “Estes objectos ajudam a divulgar a herança dos séculos de intenso intercâmbio cultural e comercial entre as duas regiões”, lê-se numa nota divulgada pela “Somos! – Associação de Comunicação em Língua Portuguesa”, que organiza a exposição em parceria com o Núcleo de Animação Cultural de Goa, Damão e Diu. Este encontro entre Macau e Goa vai decorrer no pavilhão chinês Chun Chou Tong, localizado no coração

do jardim Lou Lim Iok, entre os dias 9 de 18 de Outubro. “Um dos nossos objectivos é a fusão de culturas. [O Jardim do Lou Lim Iok] é o sítio perfeito para essa mesma fusão de culturas”, disse à MACAU Marta

Pereira, presidente da Somos!. Para a exposição, foram seleccionadas 20 fotografias de um livro que tem o mesmo nome. “O livro, e consequente exposição, tiveram origem numa competição de fotografia, através



da qual se seguiram os vestígios já ténues dos vasos de porcelana, dos potes azuis, das figurinhas chinesas, dos serviços de chá guardados nas prateleiras dos enormes armários, normalmente com um lugar de destaque nas casas senhoriais de Goa”, revela ainda o comunicado da Somos!

No âmbito da vinda de Nalini Elvino de Sousa à RAEM, vai ser ainda organizada uma palestra sobre as relações entre Macau e Goa e um workshop de dança “Vauraddi Xetkamti”. Trata-se da primeira acção organizada pela Somos!, associação cultural recentemente criada, que tem como principal missão “a dinamização da língua portuguesa na Região Administrativa Especial de Macau, unindo a China e todos os espaços geográficos onde se fala português”.

À MACAU, Marta Pereira explicou ainda que a associação conta com uma rede de correspondentes espalhada pela China e pelos vários países ou regiões onde se fala português, e que Nalini Elvino de Sousa faz parte desse grupo. Nascida em Lisboa, esta realizadora de origem indiana mudou-se há cerca de duas décadas para Goa, onde está à frente da produtora Lotus Film & TV Production e dirige a organização não-governamental Communicare Trust.

No que diz respeito a projectos futuros da associação Somos!, Marta Pereira anunciou que no final deste ano será lançado um concurso internacional de fotografia, aberto a Macau, à China e a todos os países ou regiões onde se fala português. “Vai chamar-se Raízes Lusófonas, depois as fotos seleccionadas serão vertidas numa exposição”, notou a responsável.

VIAGEM ORIENTAL

JARDIM LOU LIM IOK
EXPOSIÇÃO 9-18 DE OUTUBRO
PALESTRA 14 DE OUTUBRO
WORKSHOP (AINDA POR DEFINIR)

Entrada livre



Arquitectura não intencional

Inaugurada na 16.ª Bienal de Arquitectura de Veneza, em Maio, a mostra revela o trabalho que representou Macau naquele evento internacional. A equipa, composta pelo curador e três arquitectos, dá a “conhecer, através de meios abstractos, o ‘espaço livre’ característico de Macau a um público mundial”.

MUSEU DE ARTE DE MACAU
ATÉ 25 DE NOVEMBRO DE 2018

Entrada livre

Escultura: Um Caminho, Exposição de António Leça

A exposição integra cinquenta e seis trabalhos de António Leça e está dividida em três séries: intituladas “D’Après Brancusi”, “Árvores” e “Tótemes”, criados nos últimos cinco anos. Natural de Coimbra, António Leça estabeleceu-se em Macau entre os anos de 1984 e 2002.

GALERIA A2, ALBERGUE SCM
ATÉ 21 DE OUTUBRO

Entrada livre

Obras de Zhao Mingshan

Em exposição estão oito pinturas verticais em rolos de flores, plantas e frutas da autoria do pintor chinês Zhao Mingshan, herdeiro da terceira geração da Escola Lingnan de Pintura em Macau. “Encanto Rústico”, “Charme Elegante”, “Hortênsia”, “Flor”, “Rosa da China”, “Líchia”, “Narciso” e “Espírito de Outono” são os nomes das pinturas de Mingshan.

MUSEU DE ARTE DE MACAU
ATÉ 26 DE OUTUBRO DE 2018

Entrada livre

Chapas Sínicas – Histórias de Macau na Torre do Tombo

Trata-se da segunda fase desta exposição em Macau, que já passou pelo Museu das Ofertas Sobre a Transferência de Soberania de Macau e que está agora nas instalações do Arquivo Histórico de Macau. A colecção de correspondência Chapas Sínicas documenta a estadia dos portugueses em Macau e as relações e negociações com a China entre 1693 e 1886, durante a Dinastia Qing.

ARQUIVO HISTÓRICO DE MACAU
ATÉ 7 DE DEZEMBRO DE 2018

Entrada livre

UM GUIA DE ADAPTAÇÃO À CHINA



O angolano Hortêncio Cassemene venceu este ano o prémio de Melhor Escritor Estrangeiro na China com *The Foreigner: Adapting to a New Environment*, obra publicada em inglês, mas que ainda este ano terá versão portuguesa

T CATARINA DOMINGUES

Hortêncio Cassemene ainda se recorda das primeiras vezes que ouviu falar da China. Era criança, e esse longínquo universo chinês aparecia na vida do angolano através dos filmes de Jackie Chan e Yip Man. Nunca pensou estudar ou viver naquele país asiático, mas a candidatura a uma bolsa de estudos levou-o primeiro a Xangai, onde frequentou um curso de 10 meses de mandarim, e depois a Chongqing, no Interior do País, para estudar Ciências da Computação e Tecnologia na Universidade de Telecomunicações e Correios. “Quando me candidatei para estudar no exterior, não tive a opção de escolher o país, simplesmente escolhi o curso e calhou a China”, conta o jovem à MACAU. Hortêncio Cassemene viveu quatro

anos em Chongqing, um dos quatro municípios da China e também o mais populoso, com mais de 30 milhões de habitantes. Já de regresso a Angola, o jovem de 25 anos, natural de Luena, província de Moxico, recorda desta forma o lugar onde estudou: “Cidade das montanhas, do clima quente, das pontes de beleza arquitectónica extraordinária, das noites luminosas que mostram a maneira fantástica como a cidade foi construída e os edifícios altíssimos que me fizeram realizar a magnitude da capacidade humana”. No ano passado, meses antes de regressar a casa, o estudante recebeu o prémio de Melhor Escritor Estrangeiro na China, atribuído pela empresa Elevare, com a obra *The Foreigner: Adapting to a New Environment*. O livro retrata experiências de estudantes

PARA LER

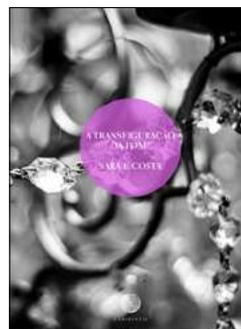


Manuel da Silva Mendes: memória e pensamento (volume II)

Vários autores

Livros do Oriente, 2018

Contém artigos publicados por Manuel da Silva Mendes na imprensa de Macau sobre temas ligados à educação, cultura, economia e política da cidade; intervenções de um colóquio no ano passado em Portugal sobre os 150 anos do nascimento do jurista; um ensaio de António Conceição Júnior sobre o legado artístico de Manuel Silva Mendes, entre outros.



A Transfiguração da Fome

**Sara F. Costa
Labirinto, 2018**

Escrita entre Portugal e o Oriente, esta é a quinta obra de poesia de Sara F. Costa. O livro recebeu uma Menção Honrosa na segunda edição do Prémio de Poesia Soledade

Summavielle e conta com uma nota introdutória de José Luís Peixoto.



de diferentes nacionalidades no país e é uma espécie de “suporte de adaptação psicológica, social e académica para todo o indivíduo que se move para um novo lugar e se depara com dificuldades no processo de adaptação”.

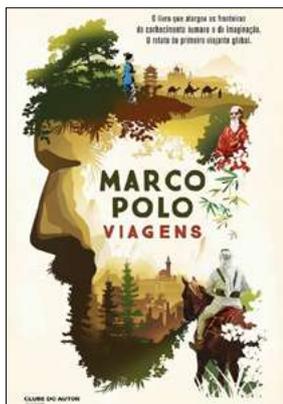
Cassemene salienta que as diferenças culturais, hábitos alimentares e a língua são alguns dos obstáculos sentidos por esses estudantes na China. “Tudo o que eu queria era

poder mostrar formas de lidar com estes desafios e reagir de maneira positiva a cada um dos obstáculos”, completa o autor de *The Foreigner: Adapting to a New Environment*, livro publicado em inglês, mas que deverá ter ainda este ano uma versão em português.

Numa altura em que a China procura reforçar as relações com os países de língua portuguesa, o autor angolano acredita que se devem criar

mecanismos de partilha cultural e apostar no ensino das duas línguas (português e chinês). “Acima de tudo deve existir uma vontade dos povos em olhar além do tom da pele, do poder económico, da religião, das diferenças políticas e muito mais”, conclui.

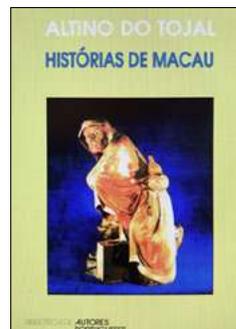
THE FOREIGNER: ADAPTING TO A NEW ENVIRONMENT
HORTÊNCIO CASSEMENE



Marco Polo – Viagens

Marco Polo com tradução de Maria João Lourenço
Clube do Autor, 2018

Nova edição da obra de Marco Polo, comerciante veneziano que ao longo de um quarto de século viajou por terras asiáticas. “Entre a lenda e a realidade, Marco Polo retrata geografias distantes e desconhecidas em plena Idade Média, transportando os leitores numa maravilhosa viagem pelo Oriente”, escreve a editora Clube do Autor.



Histórias de Macau

Altino do Tojal
Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2010

Altino do Tojal (1939-2018) deu ao livro uma estrutura cronológica: a obra começa no táxi que o leva ao aeroporto de Lisboa, para uma viagem a Macau, e acaba noutra táxi que o traz do mesmo aeroporto, no regresso a casa.

Ao todo, o escritor apresenta 40 histórias centradas em Macau. A primeira edição desta obra data de 1987.



PROCISSÃO NA ERMIDA DA NOSSA SENHORA DA PENHA *Anos 1930*



F ARQUIVO HISTÓRICO DE MACAU

A **PROCISSÃO** de Nossa Senhora de Fátima realiza-se todos os anos em Macau a 13 de Maio e celebra as aparições de Nossa Senhora em 1917 na Cova da Iria, em Portugal.

O cortejo religioso parte da Igreja de São Domingos, no centro da cidade, e termina na Capela da Nossa Senhora da Penha. É precisamente o momento da chegada da procissão ao topo da colina que se pode observar nesta imagem do Arquivo Histórico de Macau, que data dos anos 1960.

A procissão, que se realizou na cidade pela primeira

vez em 1929, conta com a participação do Bispo da Diocese de Macau, membros da Igreja e um grande número de fiéis locais e estrangeiros.

A Capela da Nossa Senhora da Penha (também conhecida como Ermida da Nossa Senhora da Penha e como a Capela da Nossa Senhora do Bom Parto) foi construída em 1622 por frades Agostinhos em honra da Nossa Senhora da Penha de França. Desde aí, o espaço tem sido alvo de várias intervenções. Em 1935, a Residência Episcopal ficou concluída e a capela adquiriu o aspecto actual. Por ter sido em tempos a residência do Bispo, a “Colina da Penha” é também conhecida por “Colina do Bispo”.

ESTAMOS MAIS PERTO DE SI!

Macau 澳門

A PARTIR DE AGORA A REVISTA MACAU PODE SER LIDA ATRAVÉS DE UM SIMPLES CLIQUE

Disponível na Apple Store e no Google Play, a nova aplicação da **MACAU** em língua portuguesa para telefones inteligentes e tabletes disponibiliza, em formato PDF, todas as revistas da série IV. Pode mesmo descarregar a edição pretendida e lê-la, mais tarde, em modo offline.





2018
 ANO DA
 GASTRONOMIA
 DE MACAU

澳門 MACAO
 美食年 YEAR OF
 GASTRONOMY

感受澳門 SENTIR MACAO
 EXPERIENCE MACAO



澳門特別行政區政府旅遊局
 DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
 MACAO GOVERNMENT TOURISM OFFICE

澳門·創意城市美食之都
 Macau • Cidade Criativa da UNESCO em Gastronomia
 MACAO • UNESCO Creative City of Gastronomy

